

REVISTA

M

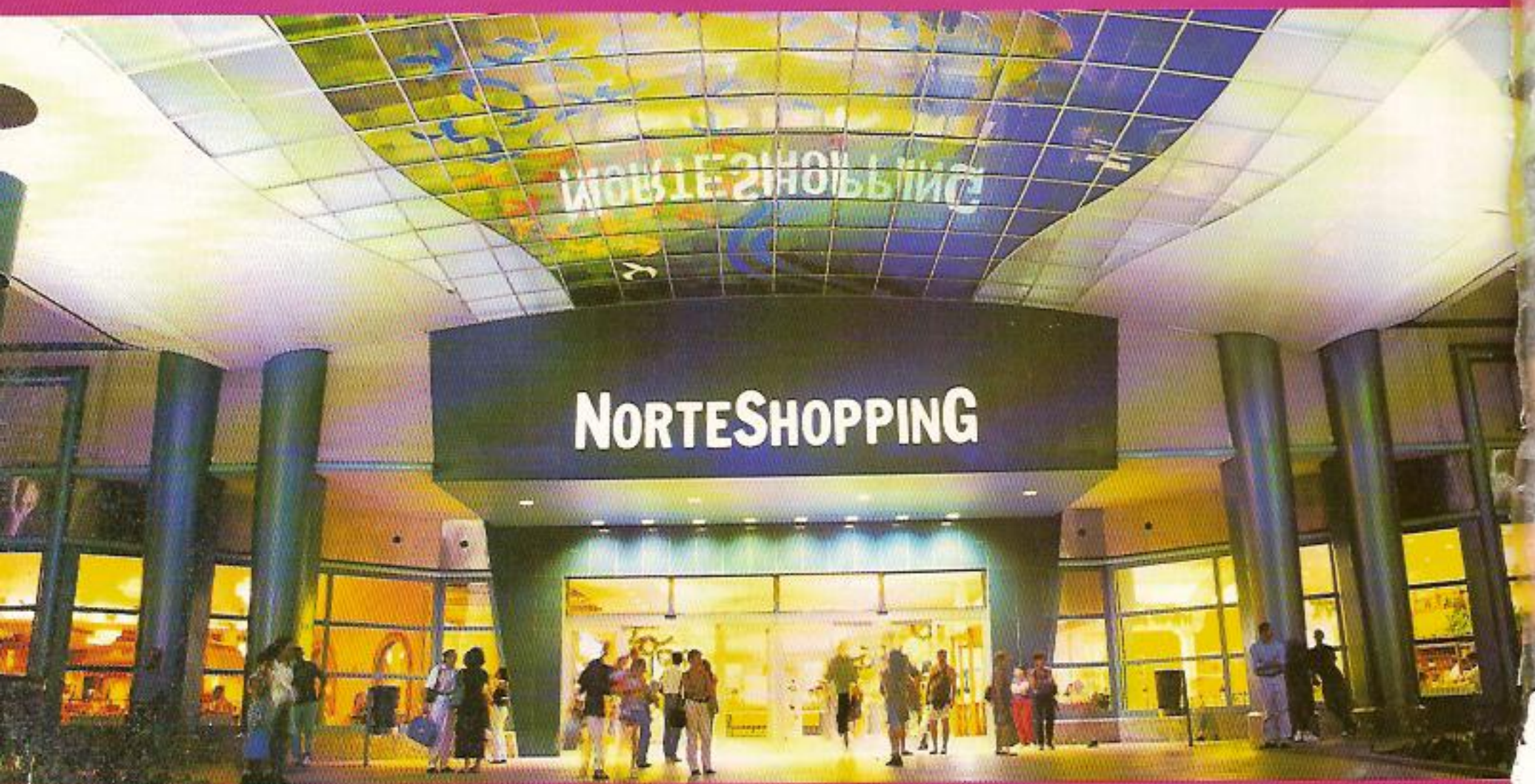
Distribuição Gratuita

Manguueira 99

“O Século do Samba”



**É AQUI QUE A
MANGUEIRA
DESfila NOS OUTROS
364 DIAS DO ANO.**



Para nós, do NorteShopping, deixar os consumidores orgulhosos é tão importante quanto deixá-los satisfeitos. É por isso que quem vem aqui encontra de tudo. Se depender da gente e da Mangueira, morar na Zona Norte sempre vai ser um motivo de orgulho. E, para o NorteShopping, também é motivo de orgulho poder homenagear a Mangueira o ano todo na Praça Cartola e nos vitrais verde e rosa.

NORTESHOPPING

O shopping que você pediu.

Teatro Miguel Falabella, El Turf Mall, 4 cinemas, 2 praças de alimentação, boliche automatizado, 320 lojas, C&A, estacionamento com 4.500 vagas, Casa & Vídeo, Carrefour, Leader Magazine, Lojas Americanas, Ponto Frio.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

Dizem os mais velhos que uma das coisas mais salutares da vida é sonhar.

Eu, menino nascido no morro de Mangueira e criado junto com outros meninos de forma muito humilde, em condições muito pobres e precárias, sempre sonhei um dia ver todas as crianças da Mangueira com um futuro melhor, tendo a oportunidade de brigar por um lugar ao Sol.

Hoje, graças a "Papai do Céu", este sonho se realizou, através dos nossos Projetos Sociais, Culturais e Esportivos que se tornaram referência internacional.

Um dia também sonhei em ver a nossa Mangueira homogênea, uma grande e verdadeira família.

Foi o esforço e o amor de cada um regando este sentimento e fortalecendo nossa Escola que resultou a nossa Grande Vitória em 1998.

Oh!, meu "Papai do Céu", como é bom ter tanto para agradecer.

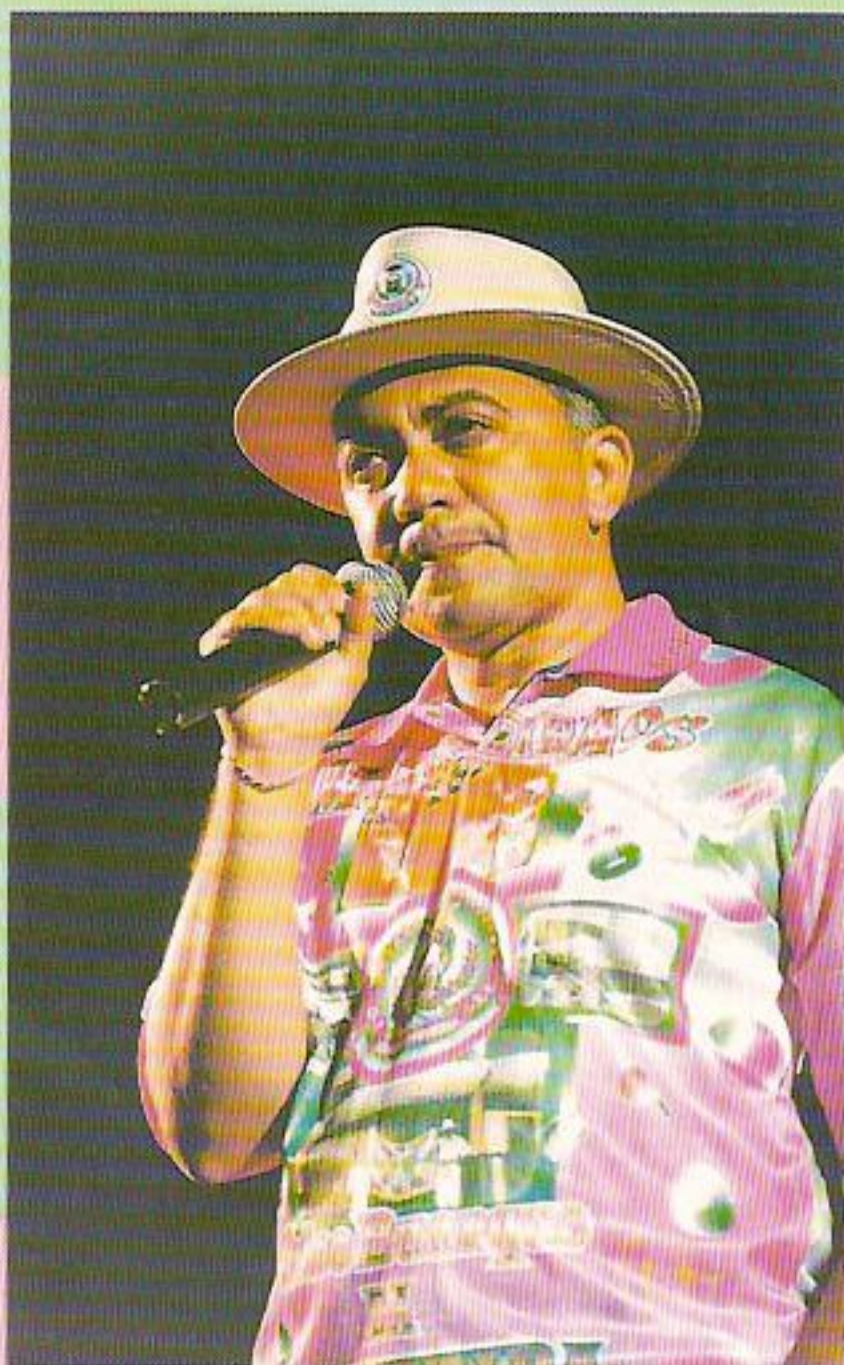
Vejo a torcida Mangueirense espalhada no mundo inteiro, não só aqueles que ficam em casa rezando e torcendo para que tudo dê certo, mas também aqueles que com sacrifício vão para as arquibancadas gritar, suar, chorar, mordendo suas bandeiras e passando toda sua energia dizendo "Mangueira eu te amo de paixão".

E, no dia do Resultado da Grande Batalha, vejo toda a Nação Mangueirense gritar forte, do fundo da alma:

"Bicampeã, Bicampeã".

Hoje, às vésperas do carnaval de 1999, tenho a certeza de que não só o Presidente continua sonhando. Tenho a certeza de ter como cúmplice em meus sonhos a "Nação Mangueirense", pois sabemos como é bom sonhar.

O sonho, neste momento, é mais ousado ainda: é o de ver a Mangueira ainda mais forte e mais Guerreira do que nunca. Como faziam os índios no passado, que pintavam seus corpos às vésperas de uma grande batalha. Há alguns anos atrás, diziam que Mangueira era a Escola da paixão e emoção.



Hoje, para minha felicidade, os Mangueirenses continuam cada vez mais apaixonados. Porém, com uma grande diferença: todo segmento da Escola se prepara tecnicamente para vencer todas as batalhas e quando vejo as alas da Bateria, das Baianas, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Comissão de Frente, o empenho dos Presidentes de Alas ensaiando diariamente, procurando alcançar a perfeição, sinto a transformação dos componentes em grandes guerreiros preparando seus corpos em Verde-e-Rosa para a Grande Batalha da 2ª feira de carnaval.

Nação Mangueirense! A realização de mais este sonho só depende de nós.

Elmo José dos Santos

DONGA

meu PAI

Donga, meu pai, é conhecido por ser o autor do samba considerado o primeiro gravado no Brasil, “Pelo Telefone”, composto em parceria com Mauro de Almeida. No país do samba, tal feito é tão importante que pouca gente sabe de tantas outras coisas importantes que ele fez na vida.

Ao registrar a partitura (sem a letra) de Pelo Telefone, na Biblioteca Nacional, em novembro de 1916, Ernesto Joaquim Maria dos Santos, Donga, já estava dando início a uma preocupação que marcaria toda a sua vida: a valorização do compositor popular. Naquele momento, ele também era o pioneiro na defesa da consciência profissional do compositor brasileiro e da valorização do instrumentista.

A visão de que o samba, a música cantada, tocada e dançada nas festas do povo, era sobretudo uma expressiva manifestação da cultura popular do nosso país e que, além disso, o compositor era um profissional que merecia respeito por executar um trabalho sério, iria acompanhá-lo até a morte. Donga estava presente nas primeiras lutas pelo pagamento de direitos autorais aos compositores e dos direitos artísticos aos instrumentistas e cantores brasileiros.

Em 1922, ele já divulgava com Pixinguinha e outros companheiros a música brasileira em Paris. No ano seguinte, estava na Argentina e, em 1928, dividia com o velho amigo o comando da Orquestra Típica Pixinguinha e Donga. Participou de gravações históricas da MPB, entre elas, as de “Gosto que me enrosco” e “Jura”, de Sinhô, na voz de Mário Reis. Acompanhando o cantor, lá estavam os violões de Sinhô e Donga. Nos anos 30, integrou os grupos da Guarda Velha e Diabos do Céu, participantes de dezenas de gravações na gravadora Victor. Como compositor foi parceiro de, entre outros, Pixinguinha, Noel Rosa, Luís Peixoto, João da Baiana e David Nasser.

Nascido em 1888, o ano da Abolição da Escravatura, não teve acesso à escolaridade. No entanto, conhecia bem a literatura brasileira, leu muito e aprendeu com amigos escritores e artistas, lia tudo o que lhe atraía em artes, música e História do Brasil. Convivia com políticos e estava muito à frente do seu



Donga, autor do “Pelo Telefone”

tempo nas discussões sobre a emancipação dos compositores, dos negros e do ser humano, em geral. Graças à sua orientação, estudei até completar dois cursos universitários. Confesso que não tive outro professor melhor do que ele. Aprendi muito com meu pai, como, por exemplo, que o negro é livre, é belo e tem de ser respeitado como ser humano e como cidadão.

Aprendi com Donga, meu pai, enfim, a conhecer-me e a viver gostando de mim, da música, dos brasileiros e do Brasil.

Lygia Santos.

Tia Ciata e o "Século do Samba"

A literatura existente no Brasil sobre o samba registra que as primeiras composições foram gravadas pelo selo Colúmbia entre 1908 e 1912. Mas, na verdade, para nós, sambistas, o marco inicial do gênero musical que originou o enredo deste carnaval da Estação Primeira de Mangueira data de 1917 e atende pelo título de "Pelo Telefone", um samba de autoria de Donga e Mauro de Almeida que freqüentou e animou as festas da casa da Tia Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, na Praça Onze de Junho, ou simplesmente, Praça Onze, no bairro já naquela época batizado de "Cidade Nova".

Conta Lima Barreto em seu livro "Feiras e Mafuás" que foi naquele ambiente que o samba começou a nascer, embalado pela gente humilde que habitava aquele pedaço do Rio de Janeiro do fim do Século XIX e início do Século XX, depois da chegada da Corte de Portugal e os imigrantes italianos que tomaram o centro chique da cidade. A Praça Onze de Junho tinha sido projetada pelo arquiteto francês Grandjean Montigny, que veio ao Brasil com a famosa "Missão Francesa". Foi na Praça Onze que se reuniram os primeiros malandros do "Século do Samba, capoeiristas, operários, os músicos dos ranchos e blocos carnavalescos que davam os primeiros passos no carnaval de rua e enfrentavam a polícia que os considerava "marginais" apenas por tocarem um simples cavaquinho, pandeiro ou violão a música que o Brasil iria exportar e transformar na sua maior e melhor invenção neste século - o samba -, ritmo que meio século mais tarde faria a alegria da mais bonita festa popular do mundo - o desfile das escolas de samba.

Consolidado o êxito de "Pelo Telefone", começam a surgir compositores e intérpretes de samba. Sinhô grava em 1918 o samba "Quem São Eles?" e com ele começa uma polêmica com os freqüentadores da casa da Tia Ciata. A polêmica sambística enriquece o novo gênero musical através de composições de China e Hilário Jovino, que saem em defesa da negra baiana tão querida e tão famosa já naquela época. A dupla providencia resposta para o samba de Sinhô compondo "Já te Digo" e "Não És Tão Falado".

Pura roda de malandragem que mais tarde se solidificaria em outra polêmica história entre Noel Rosa e Wilson Batista. Sinhô ouviu os sambas de China e Hilário e contra-atacou, compondo em 1920 "Fala, Meu Louro", gravado inicialmente por Bahiano e depois por Francisco Alves, na época cantor de circo de subúrbio.

Nesse contexto, foi fundamental a presença das "Tias Baianas", verdadeiras guardiãs da cultura popular que elas próprias trouxeram de Salvador para o Rio de Janeiro no final do Século XIX. Eram elas festeiras por excelência, cozinheiras de mãos cheias, mestras na arte do samba, cantadeiras de raro improviso nos versos, que sabiam versar como gente grande e que, de quebra, eram passistas da melhor qualidade.

Donga, João da Baiana e Pixinguinha, amigos inseparáveis e grandes contadores de história da época, lembram de várias delas: Tia Bebiana, Tia Preseiliana de Santo Amaro, Tia Veridiana, Tia Josefa Rica. Mas a de maior destaque, segundo os três "mestres" que iluminaram as festas da Praça Onze no início deste "Século do Samba", foi mesmo Tia Ciata.



Lili, neta de Tia Ciata

Casada com um negro chamado João Batista da Silva, também baiano e com bom emprego no Rio por ter cursado alguns anos de medicina - não se formou doutor -, Tia Ciata era a rainha absoluta do casarão da Rua Visconde de Itaúna, onde segundo Pixinguinha as festas tinham chorinho na sala e samba quente no quintal. Pixinguinha tinha uma explicação para tal afirmativa. Ele dizia que o chorinho, por ser permitido pela polícia, fazia a boca de cena para que os sambistas, que eram proibidos de toca e sambar em público, pudessem ficar à vontade no fundo da casa de Tia Ciata. Assim, com a aparência bem comportada dos "chorões", a polícia não batia na porta da casa da Tia Ciata, não prendia ninguém, até porque a casa do "seu" João Batista era bem conceituada na Cidade Nova.

Mãe de Santo respeitada, foi Tia Ciata quem mostrou os primeiros sacolejos do "miudinho", dança do samba com os pés bem juntinhos que exige elegância, habilidade e destreza por parte do dançarino.

Já viúva, mas ainda reverenciada como uma espécie de Rainha do Carnaval, era debaixo da janela da casa dela na Rua Visconde de Itaúna que os ranchos desfilaram até que ela morresse, em 1924. Foi nesse ano, com o samba a pleno vapor no Rio de Janeiro, que Donga, que andava meio esquecido, voltou com tudo e compôs "Nosso Ranchinho", em parceria com De Chocolate, gravado pela Odeon. Por sua vez, Heitor dos Prazeres, que sempre esteve na linha de frente do samba, fez "Deixa a Malandragem Se És Capaz", que se tornou um clássico.

O impulso definitivo do samba aconteceu a partir de 1927, com a implantação do sistema elétrico de gravação. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido ao novo gênero musical brasileiro que, três anos antes, chorou e se entristeceu com a morte da Tia Ciata, um dos pontos de referência da cultura brasileira e da vida boêmia e de muita malandragem carioca neste "Século do Samba".

DONGA

meu PAI

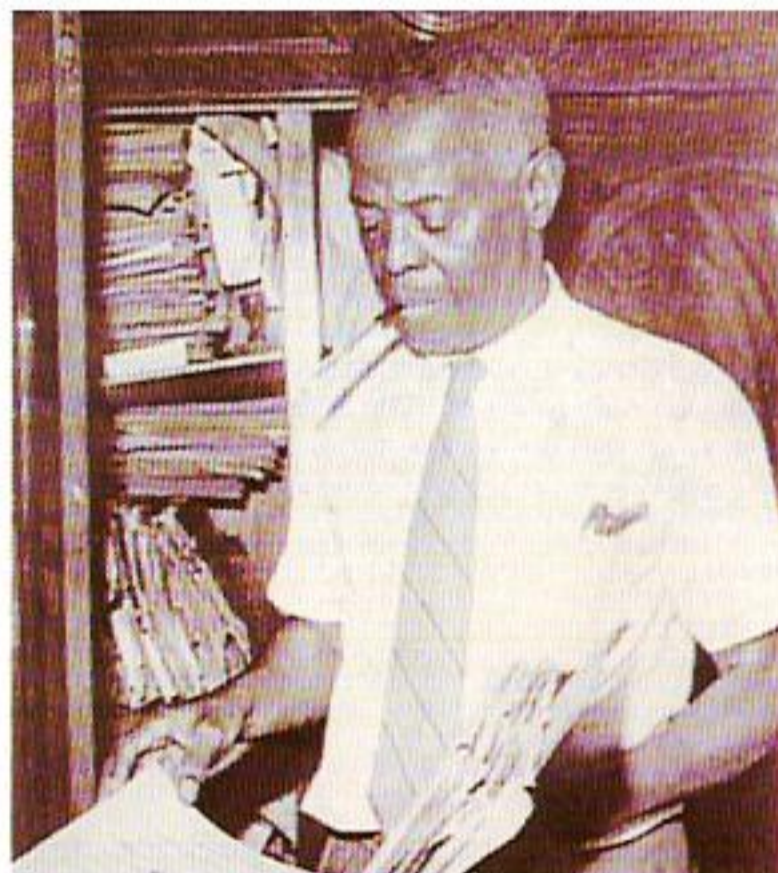
Donga, meu pai, é conhecido por ser o autor do samba considerado o primeiro gravado no Brasil, "Pelo Telefone", composto em parceria com Mauro de Almeida. No país do samba, tal feito é tão importante que pouca gente sabe de tantas outras coisas importantes que ele fez na vida.

Ao registrar a partitura (sem a letra) de Pelo Telefone, na Biblioteca Nacional, em novembro de 1916, Ernesto Joaquim Maria dos Santos, Donga, já estava dando início a uma preocupação que marcaria toda a sua vida: a valorização do compositor popular. Naquele momento, ele também era o pioneiro na defesa da consciência profissional do compositor brasileiro e da valorização do instrumentista.

A visão de que o samba, a música cantada, tocada e dançada nas festas do povo, era sobretudo uma expressiva manifestação da cultura popular do nosso país e que, além disso, o compositor era um profissional que merecia respeito por executar um trabalho sério, iria acompanhá-lo até a morte. Donga estava presente nas primeiras lutas pelo pagamento de direitos autorais aos compositores e dos direitos artísticos aos instrumentistas e cantores brasileiros.

Em 1922, ele já divulgava com Pixinguinha e outros companheiros a música brasileira em Paris. No ano seguinte, estava na Argentina e, em 1928, dividia com o velho amigo o comando da Orquestra Típica Pixinguinha e Donga. Participou de gravações históricas da MPB, entre elas, as de "Gosto que me enrosco" e "Jura", de Sinhô, na voz de Mário Reis. Acompanhando o cantor, lá estavam os violões de Sinhô e Donga. Nos anos 30, integrou os grupos da Guarda Velha e Diabos do Céu, participantes de dezenas de gravações na gravadora Victor. Como compositor foi parceiro de, entre outros, Pixinguinha, Noel Rosa, Luís Peixoto, João da Baiana e David Nasser.

Nascido em 1888, o ano da Abolição da Escravatura, não teve acesso à escolaridade. No entanto, conhecia bem a literatura brasileira, leu muito e aprendeu com amigos escritores e artistas, lia tudo o que lhe atraía em artes, música e História do Brasil. Convivia com políticos e estava muito à frente do seu



Donga, autor do "Pelo Telefone"

tempo nas discussões sobre a emancipação dos compositores, dos negros e do ser humano, em geral. Graças à sua orientação, estudei até completar dois cursos universitários. Confesso que não tive outro professor melhor do que ele. Aprendi muito com meu pai, como, por exemplo, que o negro é livre, é belo e tem de ser respeitado como ser humano e como cidadão.

Aprendi com Donga, meu pai, enfim, a conhecer-me e a viver gostando de mim, da música, dos brasileiros e do Brasil.

Lygia Santos.

Pixinguinha, o gênio brasileiro

O maestro Radamés Gnattali, inquestionável em suas qualidades como músico, arranjador e regente, repetiu algumas vezes que a Música Popular Brasileira tinha apenas um gênio: Alfredo Viana, que o mundo reverenciou com o apelido de Pixinguinha. O não menos fantástico maestro Villa-Lobos chamava-o simplesmente de "Músico, sintetizando desta forma tão singela a qualidade daquele homem simples que conseguia dar qualidade inimitável à arte da polifonia e do contraponto, fosse choro ou polca, valsa ou maxixe. Brasília Itiberê comparava-o a Sebastian Bach e Tom Jobim, outro dessa quadra de gênios aqui citada, costumava dizer entre um papo e um bom uísque que Pixinguinha era o único para quem poderia tirar o chapéu.

Para o jornalista e crítico musical João Máximo, não é preciso gastar tempo e palavras para definir Pixinguinha. João Máximo define o compositor, arranjador, instrumentista, maestro, líder e professor com uma frase de três palavras "a música brasileira". E precisa mais?

Alfredo Viana nasceu a 23 de abril de 1897, no Rio Comprido, Zona Norte do Rio. Foi um homem bom de coração e de vida. Não teve inimigos e por isso, certa vez, Radamés Gnattali fez um depoimento rápido e rasteiro: "Nunca vi Pixinguinha falar mal de qualquer pessoa.

Pixinguinha foi um compositor fantástico que aos 20 anos, em 1917, já fazia músicas elaboradas demais para os padrões da época. O choro "Sofres Porque Queres" e a valsa "Rosas", que seria imortalizada na voz de Orlando Silva, o "Cantor das Multidões", 20 anos depois. Esta era uma valsa que tinha a ver com os padrões da valsa vienense. Nada a ver. Era música puramente com o toque brasileiro do genial Pixinguinha.

"Carinhoso", talvez a mais famosa das músicas de Pixinguinha, foi gravada pela primeira vez em 1928 pela "Orquestra Pixinguinha-Donga". Pouca gente notou a qualidade musical da composição. Regravado mais tarde pela Orquestra Victor Brasileira, "Carinhoso", já provocou curiosidade até se consagrar como um verdadeiro hino da MPB com a letra escrita por Braguinha.

O chorinho foi sempre a música preferida de Pixinguinha. Todos ótimos. Mas nem por isso as falsas e os maxixes feitas pelo professor eram de baixa qualidade. O jornalista João Máximo afirma, categoricamente, que

"Pixinguinha jamais faria algo abaixo do bom".

Pixinguinha criou um modo todo especial de orquestrar. Um modo essencialmente brasileiro e exemplar. Nos anos 30, cabia a ele a orquestração dos discos de ídolos como Mário Reis, Francisco Alves, Carmem Miranda, Silvio Caldas e Orlando Silva. Ele começou tocando flauta, quando construiu alguns dos seus choros geniais, e em 1946 passou a tocar sax tenor para formar dupla com outro grande flautista, Benedito Lacerda. Há muitas controvérsias para explicar essa troca. Uns dizem que foi por causa da bebida em excesso que lhe tirou a embocadura da flauta. Outros contam que foi por problemas financeiros para poder estar ao lado de Benedito Lacerda, que era bem relacionado e tinha trânsito livre na gravadora RCA Victor. Cabia a Pixinguinha colorir e enriquecer com os contrapontos do sax tenor os solos da flauta de Benedito Lacerda.

O "mestre" Paulo Moura, hoje a clarineta mais perfeita na execução das obras de Pixinguinha, garante que o interesse do ídolo pelo saxofone vem de muito antes. O "mestre Paulo Moura conta que o primeiro sax tenor de Pixinguinha foi um presente ganho em Paris no início da década de 1920. Era um "Selmer" prateado que Pixinguinha usou até o fim da vida.

- Pixinguinha percebeu que era preciso mais volume sonoro para o grupo "Os Oito Batutas" quando da viagem a Paris sob os auspícios do Dr. Arnaldo Guinle. As salas de música de Paris eram bem maiores que as do Rio de Janeiro. Por isso ele queria um som mais vibrante e optou pelo sax tenor. E posso garantir que Pixinguinha, a quem conheci na década de 40, chegou a um estilo original no sax, um tipo de som que poucos tenoristas americanos conseguiram. Um dos poucos foi o saxofonista Hank Mobley.

Paulo Moura luta há mais de dez anos pela implantação da "Casa de Pixinguinha", não bairro de Ramos, Zona da Leopoldina do Rio. O "mestre" apresenta outra constatação para o fato de Pixinguinha ter trocado a flauta pelo sax:

- *Pixinguinha sofreu muitas adversidades na vida. No último ano de vida, ele ainda lutava contra a discriminação racial. A dupla com Benedito Lacerda aconteceu num desses momentos difíceis. Mas os contrapontos no sax tenor criados por ele, num trabalho inovador, compensaram aqueles dissabores.*

O Rei do Choro



Paulo Moura recriou o grupo "Os Oito Batutas". Ele costuma apresentar a banda como "Os Novos Oito Batutas", cuja formação é a seguinte: Paulo Moura na clarineta, Jorge Simas no violão de sete cordas, Joel Nascimento no bandolim, Márcio "Hulk" no cavaquinho, Zé da Velha no trombone, Jorginho no pandeiro, Jovi e Marçalzinho na percussão. Na concepção original, o grupo "Os Oito Batutas" começou batizado de "Grupo do Caxangá", formado por 19 músicos, e só tocou uma vez, no Cine América, na Tijuca. Onze músicos sobraram e "Os Oito Batutas" estrearam no Cinema Palais, no Centro do Rio, dia 7 de abril de 1919 com Pixinguinha na flauta, Ernesto dos Santos, o "Donga", e Raul Palmieri, ambos no violão, Otávio Viana, o "China", também no violão e na voz, Nelson dos Santos Alves no cavaquinho, Luis Pinto da Silva na bandola e reco-reco, Jacob Palmieri no pandeiro e José Alves Lima no bandolim e no ganzá. No repertório, maxixes, lundus, batuques, cateretês e modinhas.

O maestro Guerra Peixe definiu Pixinguinha de forma bastante objetiva. Para o maestro, o Pixinguinha orquestrador foi a extensão natural do

excepcional compositor.

- *Pixinguinha deve ser encarado como ponto de partida a ser seguido pelos orquestradores brasileiros* - disse Guerra Peixe. Seus trabalhos nessa especialidade deixam transparecer valores típicos da nossa música popular, seja em harmonia, em contraponto, em ritmo e em feição regional. Tanto assim que ele é considerado, com muita razão, o único orquestrador que dá força regional à nossa música.

Pixinguinha morreu na tarde de 17 de fevereiro de 1972, dentro da Igreja de Nossa Senhora da Paz, onde seria padrinho de um batizado. A Banda de Ipanema tinha acabado de começar seu esfuziante desfile. Naquela tarde, a Banda de Ipanema ficou triste com a morte do mais genial dos músicos brasileiros de todos os tempos - "Mestre" Pixinguinha, aos 75 anos de idade.

Altair Baffa é jornalista

De Paulo Moura Para Pixinguinha

Paulo Moura

A eternidade de Pixinguinha passou dos 100 anos! Há pouco mais de um século, com Pixinguinha, nascia o som da alma brasileira. Dos seus choros, valsas, polcas e maxixes, em melodias e seqüências harmônicas belíssimas, expande-se uma sensibilidade que, a partir dele, é nossa.

Seus choros são peças fundamentais irretocáveis e foram todos escritos para flauta solo, com pouquíssimas indicações de harmonia para os violões e cavaquinho. Alguns, como "**Ainda me Recordo**" são definidos num único pentagrama, onde apenas a melodia é apresentada. Quando há indicação dos acordes, ela é feita de maneira rudimentar mas expressiva para os violonistas da época. Hoje são de difícil entendimento porque apresentam um código de época que caiu em desuso. Permanecem, no entanto, intactas todas as evidências de um requintado contraponto instintivo. E, numa escrita que parece ter sido feita como anotações para si mesmo, estas composições destilam numa rara sofisticação. Retorno a Pixinguinha num reencontro comigo mesmo.

Conheci-o no final dos anos quarenta, na Rádio Tupi. Lá estava ele no conjunto de Benedito Lacerda. E já havia trocado a flauta pelo sax tenor. Não compreendi porque, mas foi essa mudança que permitiu a Pixinguinha aprimorar a forma de contraponto popular desenhando-se em oposição à melodia. Para a região grave do sax tenor, ele transpôs o contraponto do violão de sete cordas. E o fez num contraste marcante de timbres, como o agudo da flauta, numa sonoridade que permanece sendo essencialmente sua. Mais tarde, no início dos anos cinquenta, tocamos juntos nos bailes de subúrbio.

Fazíamos parte da orquestra do Pará (que aliás tocava tão mal o sax alto que nem ousava tocar na sua própria orquestra), um homem cativante, morador da Lapa, onde arregimentava os seus músicos - e entre eles, eu, fazia o primeiro sax. No entanto, era o "bebop", gênero

instrumental em moda na época, que mais me interessava naquela ocasião, justamente porque ali o instrumento mais destacado era o salto alto. E vejam só: há pequenos detalhes curiosos em um grande gênio.

Pixinguinha não era especializado na improvisação jazzística e, por isso, no decorrer do baile abria mão da parte do solista para um outro saxofonista e fazia, singelamente, apenas o quarto saxofone. E aguardava, Esperava pelos intervalos da orquestra para tocar o que sabia fazer como ninguém - os choros. Era quando eu, ansiosamente, aproveitava para trocar de instrumento e tocar na clarineta, com ele, alguns desses choros - os mesmos que havia aprendido com meu pai. Pixinguinha foi me revelando a importância da verticalidade na interpretação do choro, esta maneira de tocar em grupo que dialoga com o contracanto, e a sobriedade precisa na variação melódica improvisada. Imagino, agora, que ele estava nesta orquestra do Pará, não pela remuneração, mas sim pelo prazer de tocar... era o prazer de fazer os choros nos intervalos do baile o que lhe importava.

Recriar "Os Oitos Batutas" foi estar presente à sua festa dos 100 anos em abril de 1997, louvando e retomando parte desta tradição. É reaproximar a música de Pixinguinha com o samba, como fazíamos, juntos, nos bailes de então.

Meu, não é o choro tocado de maneira tímida e intimista, no aconchego das mesas de bar dos subúrbios. Prefiro Pixinguinha colorido pelo matiz africano do samba. Pixinguinha alegre, dançante, com seus choros "aparta-briga", "mela-cueca", dividindo com os outros, numa brincadeira marota, o tema e a festa. É o sabor da festa que gostaria de reencontrar. A graça, a ingenuidade, a pureza, a generosidade da alma brasileira que está para sempre, na sua música.

Paulo Moura é maestro e arranjador, o maior intérprete vivo de Pixinguinha.

Sou forte porque sou mangueira

A memória tem uma fresta de luz. Quando a filha Inês fala com a boca quase colada ao seu ouvido, seu Carlos ri e os olhos acinzentados brilham. A mensagem chega. Ele balbucia: "Eu sou forte porque sou Mangueira". Aos 96 anos, o mais antigo morador do morro, o compositor do primeiro samba enredo do Brasil (Homenagem - carnaval de 33) não esconde a ansiedade. "Já tem gente na quadra?" pergunta. Daqui a pouco, Carlos Moreira de Castro, vai na quadra fazer uma gravação para televisão como símbolo vivo da escola e da nação mangueirense. Apesar da idade, com dificuldades para se movimentar, Carlos Cachaça fica feliz com as visitas e com convites que recebe. Ele prefere, na maioria das vezes, ficar no seu cantinho, longe do tumulto. "Essa casa foi eu que fiz. Fiz a massa", diz ele, de repente. Levanta a cabeça devagar em direção ao teto e arremata: "Tem três andares, ficou bonita".

A casa de alvenaria no fim do beco, tem um portão de ferro. As crianças brincam de amarelinha e já sabem direitinho para onde vai aquela visita. "Vai na casa do seu Carlos, moço?", pergunta a menina de uns dez anos, de tranças afro, como uma guia do caminho do poeta. Na parede da varanda, uma placa: "Carlos Moreira de Castro - Carlos Cachaça". Nas paredes da sala, quadros pendurados com fotos antigas, reportagens de jornais e homenagens, muitas homenagens àquele que viu o samba nascer: "A polícia quebrava violão, cavaquinho e pandeiro", conta ele, fazendo um esforço para lembrar dos tempos em que a polícia dava bordoadas na negrada que teimava em batucar nos fundos de quintal, nas casas das tias, como da lendária Tia Ciata.

Ferrovário aposentado, pedreiro por força de vontade e necessidade e poeta toda a vida, seu Carlos lembra, que ao contrário do que muita gente pensa, o seu apelido Cachaça vem de um bar na Praça Onze. Ele conta, com auxílio da filha, que no tempo da Tia Ciata, havia por ali um tenente do Corpo de Bombeiros, chamado Couto. A turma ia sempre pra lá, "era todo o mundo rapazinho, o Heitor dos Prazeres era um deles. O tenente bancava tudo e tinha três filhas. E a nossa turma três Carlos: Carlos português, e um outro. As meninas só queriam beber cerveja preta, aquela da caravela Santa Maria. Eu não queria, só queria cachaça. Aí me apelidaram Carlos da cachaça, pra diferenciar dos outros. Depois virou Carlos Cachaça".

Sentado no sofá-cama, seu Carlos, ajudado pela filha e pelo neto, Jorge Antônio, continua lembrando do passado. Um passado entrecortado de recordações. "Aqui não tinha casa nenhuma. Era só o morro. Não morava quase ninguém". Diz que entre 1905 e 1910, tinha o rancho Príncipe das Matas e dois blocos camavalescos poderosos, o Guerreiro da Montanha e o Trunfos da Mangueira. A filha Inês ajuda, chega perto do ouvido direito e fala alto. "Ah! Havia o bloco dos Arengueiros, fundado por nós". O calor é forte dentro da casa, seu Carlos toma um copo de vitamina (banana com aveia) e o ventilador levanta pouco mais de uma dezena de cabelos da sua cabeça. Ele conta que cortou o cabelo e fez a barba um dia antes. Inaugurou

uma barbearia há 500 metros da sua casa, ao lado da Red Indian, a fábrica de azeitonas. "Almir vem cortar aqui em casa, mas eu fui dar uma cobertura pra ele", conta, com ar de satisfação.

Ele anda feliz da vida. A possibilidade do seu bisneto Cristiano, 16 anos, treinar no clube do seu coração, o Vasco da Gama, lhe enche de alegria. "O Sérgio (Cabral) escreveu uma carta para a direção do clube recomendando Cristiano. Levo a maior fé. O clube é a minha paixão. Foi o primeiro a deixar negro e pobre jogar bola", conta, orgulhoso.

O radinho de pilha está esquecido ao lado da televisão. E o aparelho contra a sunlez guardado dentro de uma caixa: - "não deu certo". Mas ele não fica longe do mundo. Olha a televisão e não deixa de ler o seu jornal. Pede os óculos e dá uma olhada. E faz crítica: "Estão querendo que o aposentado pague imposto. Isso não tá certo", fica indignado.

O ventilador refresca um pouco. Às vezes ele fica cansado, se ajeita no sofá, mas não deixa de ficar atento ao que se passa ao redor. Pede o livro "Mangueira - Nação Mangueirense", escritos por Sérgio Cabral, e coloca em cima do joelho. "Dessa turma só tem eu vivo", diz, apontando para a foto da primeira safra de compositores da escola. Todos de terno, chapéu e engravatados, nas cores verde e rosa. As cores da escola, trazidas de um rancho que o Cartola frequentava lá no Catete, onde nasceu. Seu Carlos diz que o único parceiro no samba foi o Mestre Cartola, que chegou a Mangueira quando tinha uns 11 anos. Ele se tornaram companheiros inseparáveis. Seu Carlos casou com Menininha, irmã de Dona Zica, que encantou Cartola. Foram mais de 50 anos de convivência. E muita inspiração



Carlos Cachaça

Tim Lopes é jornalista

Cachaça não é água, não.

Aldir Blanc

Afoz do Morro parece coisa de papagaio fanho, só que é verdade. O homem é um rio, é o Rio. Ele não dá bandeira. Ele é bandeira verde e rosa.

Quem duvidar, que duvide, mas o apelido Cachaça tem a mais óbvia e ululante das explicações: um litro da danada bem mamado todo santo dia, que ninguém é de ferro; precisa, como dizia Nelson Cavaquinho, botar um óleo aí.

Pra não dizer que pegou leve, nosso herói mamou o tal litro diário, pra loucura dos médicos, quase toda a vida. Sem falso moralismo, sem pudores babacas.

Carlos Cachaça não deu - e não dá - motivo pra perguntas como "quem é você que não sabe o que diz?"

Carlos Cachaça aprendeu bebendo todas que cachaça não é

água, não. O paradoxal é que a cachaça que o Carlos bebia vinha do alambique e o Cachaça, o Carlos, esse é do ribeirão, do mais puro. Mas Carlos Cachaça também não é água, pra ser procurado só na hora da sede. Carlos Cachaça é fonte de todas as nossas misturas, manancial mulato, nascedouro barrento como a nossa alma, um rio na vida de todos os que amam o samba. Um rio muito especial porque deságua no mar mestiço de nossa cultura popular sem virar cascata...

Cascadeiros são uns-e-outros por aí perdigotando na mídia sobre "o incrível em meu trabalho... meu próximo projeto...". Em entrevista à Solange Duarte, publicada em 28 de julho deste ano, em O Globo, Carlos Cachaça diz que "nunca foi enredo" e explica:

- Já tentaram, mas eu nunca quis, me achava despreparado.

Esse é o Carlos Cachaça, que apanhou da polícia, bebeu, amou sua Menina, foi malandro e ferroviário, versado em alvoradas, espinhos dilacerantes, sorrisos que escondem lágrimas...

Aos 95 anos, sorri mais do que se queixa. Parceiro de Cartola e Zé da Zilda, único fundador vivo da Estação Primeira de Mangueira, o homem que nos encantou cantando o desencantado de não querer mais amar a ninguém é um apaixonado pela vida. 95 anos de luta, trabalho, samba, bebedeira, confusão, injustiças, mas um vida coroada pelo carinho da filha, Inês, pelo profundo respeito de seus pares, por um grande e inesquecível amor.

Quem duvidar, que duvide. Mas é preciso ser um bocado burro pra não reconhecer a grandeza de Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, brasileiro, bom de copo, mangueirense, compositor, com muita honra. Dele e nossa.

Aldir Blanc, poeta, cronista e compositor, escreveu este artigo para a "Revista Música Brasileira" quando Carlos Cachaça completou 95 anos, dia 3 de agosto de 1997.



Fez o primeiro samba da Mangueira



*Há 70 anos,
Leite de Rosas é único.*

É único.

A dama do samba e do Jongo

Conheci o jongo quando tinha 12 anos de idade. Eu era aluna interna do Colégio Orsina da Fonseca e ia para casa uma vez por mês. Morávamos na Rua Lambari, ali perto de Vaz Lobo, eu, minha mãe, Emerentina, minha avó, dona Sabina, e minha tia Teresa. A tia Teresa, mãe do "Mestre" Fuleiro, era jogueira das boas e ia sempre na roda de jongo comandada pelo "seu" Gabriel. Muita gente fala até hoje que esse jongo era dançado no Morro da Serrinha, mas na verdade aquele local era o Morro da Congonha, entre Madureira e Vaz Lobo. Eu fazia companhia à tia Teresa e a gente ia andando devagarinho para subir o morro pela Rua Emília ou pela Rua Escalvado. Além do "seu" Gabriel, que comandava o grupo, faziam parte jogueiros de grande fama como o Molequinho, o Calixto dos Pratos, a Maria Bambam, o próprio Natal da Portela, o "seu" Elói Antero Dias, fundados do meu querido Império Serrano.

Aquela roda era formada por gente bem mais velha do que eu. O "seu" Gabriel devia ter mais de 50 anos na época e não permitia que jovens como eu dançassem. Era coisa para os mais velhos, ele sempre alertava. O Silas de Oliveira, que era um pouquinho mais velho do que eu, também ia muito no jongo do "seu" Gabriel mas também não podia dançar por ser considerado um garoto.

As festas eram realizadas uma vez por mês. Mas se houvesse uma festa de santo naquele período, então tínhamos mais de uma roda naquele mês. Dia de festa de santo era certo o jongo no Morro da Congonha. A dança e o batuque começavam a partir das onze horas da noite, nunca antes. E o término era com o dia amanhecendo. Os jogueiros varavam a noite com sua batucada e sua dança. Não havia nenhum tipo de instrumento de corda. Nem um simples violão, tampouco cavaquinho. Eram tambores, e todos muito primitivos, bem rústicos, dos tempos escravos. A batucada às vezes podia ser acompanhada com palmas, mas a base era o batuque e o pé no chão de terra batida.

As mulheres estavam sempre vestidas de branco. Os vestidos eram longos e rodados, bem ao estilo das baianas. Todas elas usavam pano amarrado na cabeça. Nenhuma das mulheres-jogueiras ia para a roda do "seu" Gabriel sem aquela roupa. Podia até ir, mas para dançar tinha que estar vestida de branco, pés descalços e o torço na cabeça. Os homens também iam de branco, mas alguns colocavam calça branca com camisas quadriculadas que ficavam vistosas e bonitas. Era tudo muito simples, mas o visual era bonito. A dança era compassada e cadenciada.

Foi naquela mesma época, lá pelos idos de 1933, que fiz meu primeiro samba. Tinha 12 anos de idade. Foi "Tiê", em parceria com Hélio dos Santos, o Tio Hélio, irmão do Fuleiro. Tenho 65 anos de samba e confesso que não sei quantos sambas eu fiz de lá para cá.

Só não me esqueço da minha vida em família com minha avó Sabina, a minha mãe Emerentina, a tia Teresa, o tio Hélio e o Fuleiro. A gente era uma família simples mas muito unida, principalmente porque corria de vez em quando lá em



D. Ivone: Samba em família

casa uma "curima" (sessão de macumba) das boas porque a tia Teresa tinha uma entidade forte. Quando ela recebia o santo, todos nós "batíamos tambor" juntos até de madrugada. Não ia ninguém de fora, só o pessoal da nossa família.

A tia Teresa era uma pessoa muito carismática e forte. Foi ela quem criou e amamentou minha mãe Emerentina, que era sua irmã mais nova. Minha avó Sabina também uma negra muito forte que morreu com mais de 100 anos.

Estou com 77 anos, tenho dois filhos, um casal de netos e dois bisnetos, mas ainda me sinto muito forte para levar adiante o samba de raiz. Sei dançar o jongo, mas não sou "craque" no assunto. A última vez que dancei o jongo foi no Centro Cultural Banco do Brasil, há uns sete anos atrás, com o pessoal do "Jongo do Darcy" do Império Serrano.

Mas na Rua Balaiada, em Vaz Lobo, perto do Morro da Serrinha, ainda existe um jongo forte e lá no grupo tem um excelente casal de jogueiros formados pela Maria Aparecida e pelo Priminho, que já dançaram inclusive na Bahia. A tradição continua e precisa ser mantida porque é uma referência da nossa cultura popular que não pode morrer.

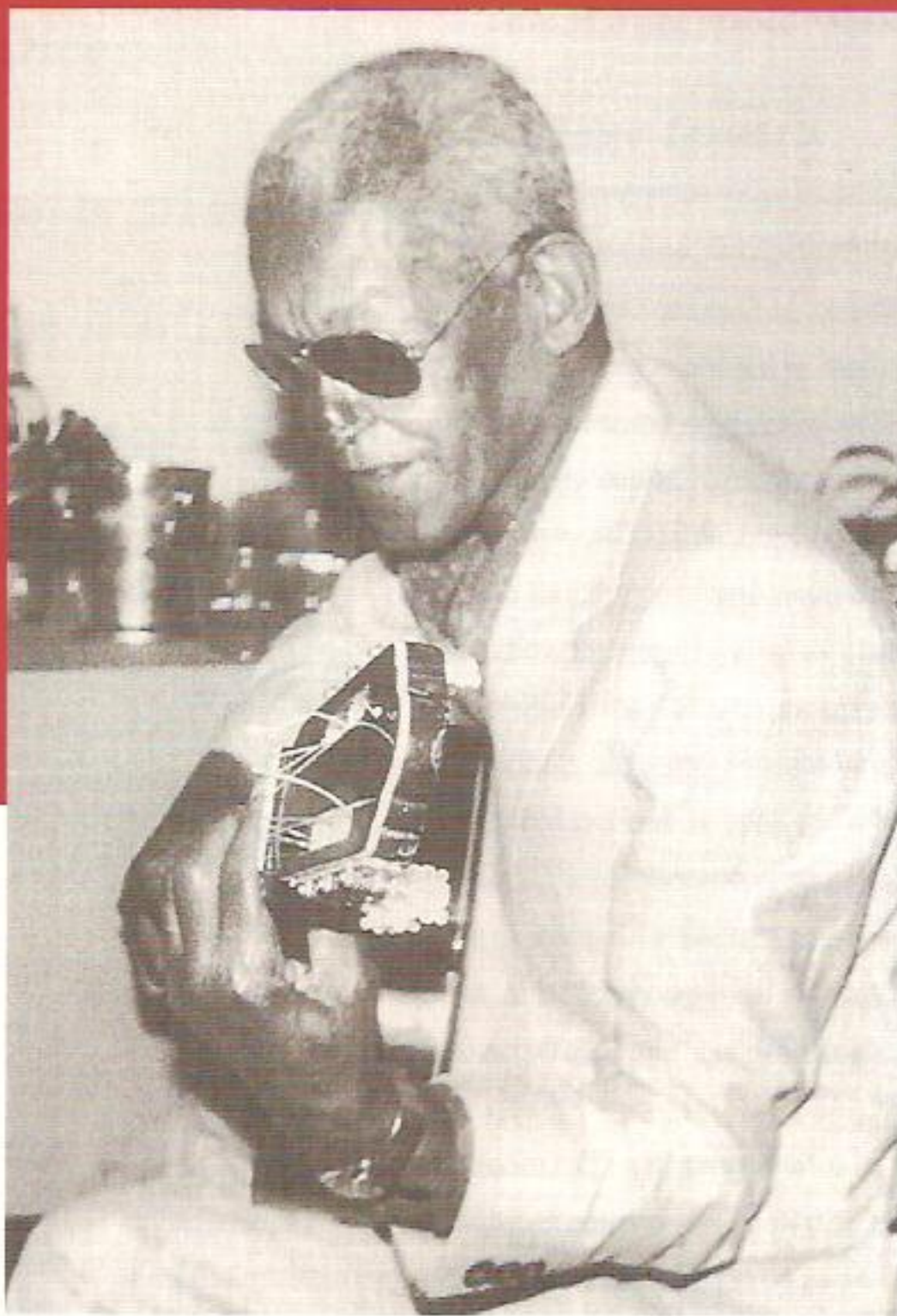
Depoimento de Dona Ivone Lara, cantora e compositora, sobre o jongo dançado no Morro da Congonha e na Serrinha na década de 30.

A pura poesia do mestre *Cartola*

Existem histórias que marcam a nossa vida para sempre. Num desses dias, mês de dezembro, um calor danado eu fui comer um vatapá na quadra da Mangueira. Coisa fina. Lá, conversa vai, conversa vem, me contaram duas histórias ótimas dos sambas que o Cartola fez. Histórias que a gente não esquece mas que, dois anos depois, Dona Zica, a viúva de Cartola, deu sua versão definitiva e bem diferente.

Na primeira, o sujeito (que já não me lembro o nome) me contou que o Cartola tinha feito o samba "O Mundo é Um Moinho", para a sua filha adolescente que, com 15 anos, queria sair de casa. Uma história poética de um pai que canta para a sua filha os inesquecíveis versos: *Ainda é cedo amor, mal começaste a conhecer a vida/ Já anuncias a hora de partida/ sem saber mesmo o rumo que irás tomar...* Uma versão comovente que tantas vezes repeti cheio de emoção para meus amigos.

"Não é nada disso não", me corrigiu Dona Zica, com 86 anos, no quintal de sua casa, uma



O maior poeta da Mangueira

semana antes da data em que Cartola completaria 90 anos de nascimento. “Esse samba foi feito para um rapaz que contou para o Cartola que tinha tido uma desilusão amorosa. Ele namorou uma menina, colocou ela em casa, fez tudo. Depois de tudo arrumado ela disse que não queria mais nada com ele e foi embora. O Cartola ouviu essa história e depois de uns dias fez ‘O Mundo é Um Moinho’. Não tem nada de filha não.”

A conversa continuou e aproveitei para esclarecer sobre a fonte de inspiração de outro samba, um clássico de Cartola, “As Rosas não Falam”. A história que eu conhecia, talvez fornecida pela mesma fonte do samba anterior, era que quando o Cartola se mudou para Jacarepaguá, por motivos de saúde, seu quintal vivia cheio de rosas. Depois, de volta à Mangueira, no seu jardim não crescia nenhuma flor. Intrigada com essa diferença entre os dois locais, Dona Zica teria comentado com Cartola porque na Mangueira não nasciam as rosas e ele lhe respondeu: “Sei lá, as rosas não falam...”. E pouco depois fez o samba.

Novamente Dona Zica me corrige. “Essa história se passou assim: O Nuno Veloso, parceiro do Cartola, chegou aqui no morro e levou a gente para passear de carro. Nós fomos até uma chácara onde o Nuno comprou uma muda de rosas para o Cartola. Ele plantou a roseira aqui no quintal de casa (na Mangueira) e ela

creceu. Dava rosas à beça. Um dia eu estava com ele apanhando umas rosinhas para colocar no santo e falei: ‘Cartola, o Nuno deu essa roseira pra você com vontade porque todo dia dá muitas rosas’ e ele me respondeu: ‘Sei lá Zica, as rosas não falam...’ Aí se passaram quinze dias e ele veio com a música ‘As rosas não falam’, que caiu na boca do povo”, lembrou a ex-companheira.

‘Sei lá Zica, as rosas não falam...’ Aí se passaram quinze dias e ele veio com a música “As rosas não falam”

E, sob o canto dos passarinhos que tem no quintal da sua casa, Dona Zica me contou mais um história. - essa eu não conhecia e ela não precisou me corrigir. Eu perguntei se o Cartola fazia muitos sambas a partir de uma situação que ele tivesse vivido. Dona Zica respondeu que quase sempre sua inspiração surgia desta forma. E me contou a história do samba “Tive Sim”. “Esse samba surgiu numa discussão nossa, coisa de marido e mulher. Eu comentei que ele não gostava de mim, que gostava era das mulheres que teve antes de me conhecer. A resposta veio com a música. *Tive sim, outro grande amor antes do seu tive sim*. Uma beleza”, se emocionou a viúva.

A entrevista durou mais um pouco, ela falou do casamento, do Zicartola, lembrou das dificuldades e dos amigos que eles colecionaram durante a vida, que ela considera até hoje a sua maior riqueza. E essa é mais uma história que vai marcar a minha vida para sempre...

Rodrigo Browne é carioca, flamenguista e mangueirense. Está radicado há seis anos em Curitiba onde escreve para o jornal *Gazeta do Povo* e tem o único programa de samba da cidade, o *Samba de Bamba*, na Rádio Educativa.

Nelson Cavaquinho,

JEQUITIBÁ DO "SÉCULO DO SAMBA"

Com todo respeito a todos os poetas e compositores deste País. Mas uma das frases mais lindas do samba brasileiro deste século é de autoria de um grande mangueirense, puro jequitibá, que atendia pelo nome de Nelson Antônio da Silva, no livro de batismo, e simplesmente Nelson Cavaquinho, na boêmia e rodas de bambas do Rio de Janeiro. Na parceria, Alcides Caminha e o mais freqüente dos parceiros, o não menos mangueirense Guilherme de Brito.

"Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor..."

Para Aldir Blanc, um dos "monstros" da MPB a partir de 1968, quando decidiu trocar de verdade a medicina pela música, nada se compara à letra singela de "Notícia" ("Já sei a notícia que vens me trazer / Os seus olhos só faltam dizer..."). Mas não dica nisso a genialidade do ex-soldado da Polícia Militar e ex-pedreiro que um dia decidiu pedir baixa porque não dava pra coisa. É de Nelson Cavaquinho composições como "Folhas Secas", "A Flor e o Espinho", "Pranto de Poeta", "Degraus da Vida", "Pecado", "Cinzas", "Quando eu Me Chamar Saudade", entre outras.

Nelson Cavaquinho nasceu na Gávea, Zona Sul do Rio, a 28 de outubro de 1910 e morreu aos 76 anos, no dia 18 de fevereiro de 1986, em casa no Jardim América, na Zona Oeste. De família humilde, era filho de um músico da banda da Polícia Militar e de uma lavadeira. Começou na música aos 12 anos, tocando cavaquinho, de onde tirou o apelido que virou adjetivo e sobrenome de um dos maiores poetas da Música Popular Brasileira neste "Século do Samba", cujo legado para a MPB registra mais de 600 composições.

Parceiro de samba e de uma boa prosa de Carlos Cachaca e Cartola, de preferência numa mesa de botequim com generosas garrafas de cerveja e uma boa cachacinha, Nelson Cavaquinho viu sua obra começar a fazer sucesso em 1946, quando Ciro

Monteiro gravou "Rugas", hoje um clássico do nosso samba.

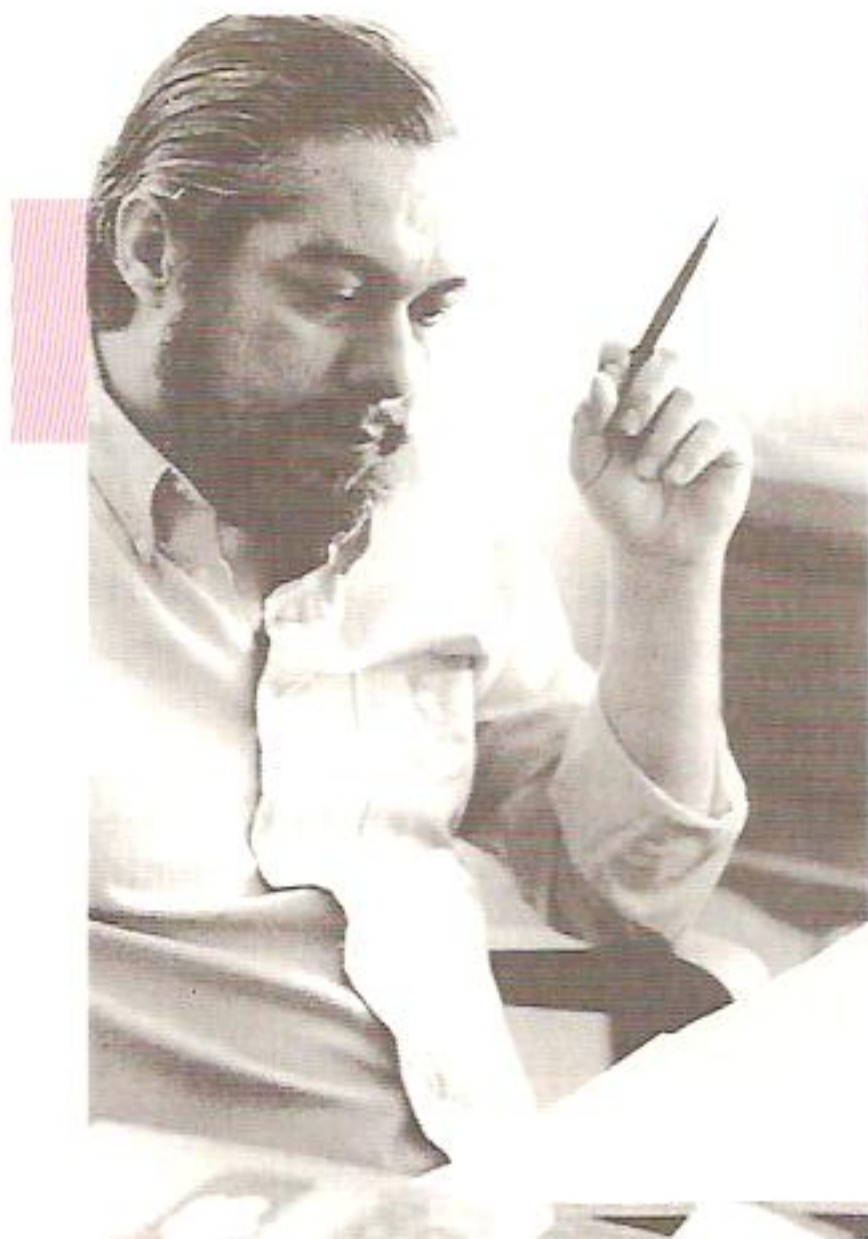
Mas o reconhecimento público e o sucesso de verdade só iria acontecer na década de 60, com a abertura do Restaurante Zicartola, no Centro, propriedade dos amigos Cartola e Dona Zica. Voz rouca e metálica, devido ao monte de cigarros que fumava diariamente desde a juventude, Nelson Cavaquinho tinha outra particularidade: tocava violão usando apenas os dedos polegar e indicador da mão direita.

Irreverente, irônico e muito sincero, antes de morrer Nelson Cavaquinho deixou os versos de uma pérola deste "Século do Samba", em parceria com Guilherme de Brito.



Um sambista para a eternidade

*"Sei que amanhã quando eu morrer
Os meus amigos vão dizer
Que eu tinha um bom coração...
"Depois que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais".*



Paulo César Pinheiro

artigo de PAULO CÉSAR PINHEIRO

—“É verde-e-rosa / Sua bandeira / Tradição do samba / Salve a Nação Mangueirense / Salve a Estação Primeira / Só teve glórias / A vida inteira / Salve a voz do samba / Salve a Velha Guarda da Mangueira”.

Na década de 70, conheci e me tornei amigo de dois dos seus maiores representantes: Cartola e Nelson Cavaquinho. De Nelson virei companheiro de copo e boêmia até quase o fim de seus dias. Tenho muita, muita saudade dele. Não havia semana em que a gente não virasse uma noite ou mais pelas esquinas e bares de todos os cantos dessa cidade de São Sebastião do meu Rio de Janeiro. Temos muita história juntos, tantas que daria para escrever um livro. Nelson foi um dos compositores mais férteis que já conheci, e dos que mais me arrebatou. Um capítulo importante da minha vida de compositor.

Diziam que minha voz rouca era parecida com a dele e me chamavam de “filho de Nelson Cavaquinho”. Ele, a certa altura, assumiu isso e passou a me tratar como tal. Tenho projeto de gravar um CD com música inéditas suas, das inúmeras fitas gravadas que guardei. Vai ser meu agradecimento pela felicidade que tive em desfrutar de sua amizade e de ter aprendido tanto com o velho mestre.

Ah!, minha Mangueira dessa gente toda, já fiz tanto samba pra você... E você nem sabe, e você nem viu...! Vou terminar essa pequena crônica com a letra de um dos que eu gosto mais — “Declaração de Amor à Mangueira”, em parceria com Cristovão Bastos e gravação de Amélia Rabello.

Fui criado em São Cristóvão, bairro Imperial. Morei, a princípio, no fim da Rua Ana Nery, que liga o Pedregulho à Mangueira. Depois, numa pracinha (Pinto Peixoto) ao pé do Morro do Tuiuti. Tenho, desse tempo, minhas lembranças mais marcantes.

Menino ainda, batia minha bolinha, soltava minha pipa, rodava meu pião de fieira e jogava minha bola-de-gude no campo do morro, no alto da Rua Abdon Milanez. Lembro, nas tardes de fim de semana, das rodas de samba na quadra da Escola com a rapaziada que é hoje a Velha Guarda da Manga.

Adormecia ouvindo, no alto-falante da agremiação, sambas que se tornaram imortais depois. Sem perceber, já fazia ali, até dormindo, meu aprendizado de samba. Quando canto, nas rodas de hoje, belas músicas daquela época as pessoas se espantam de eu conhecer e desencavar tanta coisa bonita. É o baú da minha memória onde está guardado um pouco do passado da Estação Primeira. Já adulto é que, prestando atenção nas capas de disco e perguntando a um e outro mais antigo, eu soube os nomes dos autores daquelas preciosidades. Gente que eu vira, ainda uma criança, naquelas tardes em torno de mesas de bar com violões, cavaco, tamborins, pandeiros e caixas de fósforo, desafiando um rosário de sambas bem feitos.

Era Zé Ramos, Mestre Gato, Preto Rico, Jurandir, Darcy. Era Pelado, Comprido, Babaú, Padeirinho. Era Xangô Zagaia, Gradim, Hélio Turco e por aí afora. Fiz, recentemente, um samba, ainda inédito, com meu parceiro Miltoninho, que toca violão no MPB-4, chamado “Velha Guarda da Mangueira”, em homenagem a essa turma toda. Nele, na segunda parte, cito esses Baluartes. A letra do refrão é a seguinte:

*“Quando, ai, quando eu vejo uma roseira
Lembro do Morro da Mangueira
Ouço uma marcação de samba
Sinto onde é que estão teus tamborins
Penso na emoção que deu em mim
E que eu guardei pra vida inteira
Oh! Minha Estação Primeira
Quando eu jurei tua bandeira
Quando eu beijei teu pavilhão
Vibro como vibrei da vez primeira
Quando engrossei tua fileira
Quando por ti fui campeão
Por isso que quando vejo uma roseira
Quero colher a verde-e-rosa flor na mão
Para, como quem dá pra companheira,
Oferecê-la pra Mangueira
A dona do meu coração!”*

“seu” ALMEIDA e o ARCANJO DA MANGUEIRA

Vista assim de dentro, Mangueira é emoção. Pelos becos, vielas, travessa e entradinhas que compõem a geografia acidentada do morro mais famoso do Brasil, respira-se poesia e vida. Às vezes alguém é chamado para andar de cima, inesperadamente.

Ficam lembranças, como as que me levam aos tempos de infância na Rua Visconde de Niterói.

Paralelepípedos, piões, pipas e a bola de couro número cinco rolando no campinho ralado. Não tinha tempo ruim.

“Tira a roupa do varal! Vai chover! O Cristo está de capa!” A tarde ficava logo escura e as nuvens começavam a encobrir a estátua do Cristo Redentor, lá no alto no morro do Corcovado. As lavadeiras gordas, as mulatas-meninas, simpáticas e sorridentes, aos gritos, corriam para a beira do campo recolhendo a roupa de gente da casa, do time de futebol e das madames. Era sempre assim quando dava aquela pancada. Uma algazarra só. Chuva de verão.

Fim de tarde, mês de janeiro de 60 e a pelada comendo solta no campo de futebol, ali na Candelária. O campinho está só na memória. Acimentaram, fizeram praça para futuras

lembranças. Não, não era nenhum tapete verde como o do Maracanã, majestoso na nossa frente, depois da linha do trem. Eu tinha dez anos. Meu pai, um gaúcho que tinha morado na Mangueira no início dos anos 40, contava histórias dos ilustres moradores da Rua Visconde de Niterói, como a do violonista Dilermando Reis.

Na década de 30 e 40, o violonista fazia rodas de serestas na frente da casa, com acordes de amor, luas cor de prata e barracões de zinco. No final da vila, no 298 da rua, um sobrado resiste ao tempo com uma história. Naquela época da Rádio Nacional a maior atração era programa de auditório. A cantora Emilinha Borba era a preferida da Marinha. E eu cresci ouvindo falar que naquele sobrado tinha morado uma rainha. Era ela, a Rainha do Rádio.

Ainda de calças curtas fugia de casa e ia para a velha quadra de Cerâmica. O samba de Enéias Birtes da Silva e Aluísio Costa, “Exaltação à Mangueira”, do carnaval de 1956 já tinha virado hino da escola. “Mangueira teu cenário é uma beleza...” Todo mundo cantarolava. Foi o primeiro samba que eu aprendi. O presidente da Escola era Roberto Paulino, o Robertinho, como era conhecido pelos mangueirenses. Ele descobriu a primeira musa dos desfiles das escolas de samba:

a deslumbrante Gigi, que incorporou a Mangueira ao nome, atravessou o túnel, derrubou barreiras e preconceitos. Um modelo de samba no pé. O morro a recebeu de braços abertos.

Moleques, ficávamos escondidos embaixo do palanque, ao lado da bateria do mestre Waldomiro. Excitados, inquietos, de olhos arregalados nas bacanas que vinham da Zona Sul sambar, mexer os quadris e mostrar as pernas. A glória das “brancas” era o intervalo dos ensaios quando as pastoras descansavam. Aí elas entravam na quadra sonhando com o desfile na Avenida. Era uma festa pra gente. Pura sedução. Já ficava embriagado de fantasias, pensando coisas. O meu primeiro porre foi com leite-de-onça, pra nunca mais. Hoje ainda o compositor Comprido faz uma presencinha da bebida nos ensaios da escola.

Não tinha fenômeno El Niño. Era Rio 40º graus. Do “Assalto ao Trem Pagador” filmado no morro e na rua, do trem 13 – parador – que vinha de Deodoro e eu, de marmita embaixo do braço, escutando histórias do operário das tintas e da poesia, Nelson Sargento. Era o Rio do lotação (Mauá-Méier), do Mineirinho vivo ou morto, dos bailes do seu Maia, do armarinho da dona Joana, mãe do Hélio Turco, do Luís Carlos que cuida do coração dos baluartes. E ainda do Amauri, dos Correios, sangue de Geraldo Pereira.

Mas não tinha ninguém, tanto no morro quanto na rua, criança ou adulto, que não conhecesse o seu Almeida, um português de Vizeu e sócio número 3 da escola. Ele era o dono do “Ao Forte da Mangueira”, durante 50 anos reduto de mangueirenses notáveis. O seu armazém era o ponto alto de uma calçada com menos de 500 metros. “Foi baratíssimo”, dizia ele, que comprou o armazém em 1932, por 25 contos de réis.

A Visconde de Niterói era movimentada. A maioria dos moradores trabalhava nas fábricas da Cerâmica Brasileira,

no antigo Café Paulista, que todas as tardes tomava conta da redondeza com aquele cheirinho de café torrado, na Red Indian, de azeitonas. Muitos também trabalhavam na sorvetes Kibon, no Lanifício Alto da Boa Vista, na Matos Rocha, na fábrica de sutiãs do outro lado da ponte, em frente à favela do Esqueleto, onde hoje fica a UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Lembro-me da inesquecível bica d’água encostada na linha do trem. A gente se refrescava e brincava enquanto as mulheres levavam roupa e reclamavam da nossa farra.

Hoje o armazém está fechado. Os paralelepípedos da Visconde de Niterói cederam, há muito, ao asfalto. E do Café Paulista só o relógio continua marcando o tempo. Carlos Cachaça, aos 95 anos, presidente de honra da Mangueira e o mais ilustre freguês do “Ao Forte da Mangueira” é memória viva do ponto de encontro dos baluartes. Durante décadas, o Menestrel da Mangueira cumpriu o seu ritual diário, de casa ao “Forte” e do “Forte” à casa. Aliás, era ao armazém do seu Almeida que minha mãe me mandava, volta e meia, fazer compras do dia-a-dia, no famoso caderno de fiado. E aí eu via aqueles caras batucando nas garrafas, nas caixas de fósforo, falando de samba e futebol. Seu Carlos (Cachaça), Cartola, Nelson Sargento, Nelson Cavaquinho, os irmãos Pelado e Ivete, a mãe dos dois, tia Cecília, Nonô, Padeirinho, Cícero, Aluizio e outros bambas da escola. Só mais tarde tive a dimensão do que era uma escola de samba e, principalmente, do que era a Verde e Rosa. Por isso, no meio do meu caminho, até hoje, existe uma estação: Mangueira, a Primeira

Tim Lopes é Jornalista e ex-morador de morro de Mangueira

ilustres mangueirenses

Geraldo Pereira Wilson Batista

Mangueira sempre deu samba. A Estação Primeira se orgulha dos nomes que brotaram de seus galhos, imperaram por todos os becos do morro e frutificaram para a glória da Música Popular Brasileira. Basta citar os sempre lembrados Cartola, Carlos Cachça, Seu Zé Ramos (O Jequitibá do Samba), Padeirinho, Alfredo português, os Nelsons (Cavaquinho e Sargento), Babau e tanta gente que engrandece a verde-e-rosa e nela adquire grandeza.

Vale lembrar também de dois sambistas geniais que tiveram vida e obra ligadas, de uma maneira ou de outra, à nação mangueirense, seja por ter vivido no Morro de Mangueira seus anos de juventude (Geraldo Pereira) ou por ter gravado na história da MPB versos como "Aquele mundo de zinco que é Mangueira/Desperta com o apito do trem" (Wilson Batista). Até porque, o ano de 1998 foi emblemático na vida desses dois artistas: comemorou-se os 80 anos de nascimento de Geraldo Theodoro Pereira (1918-1955) e os 30 anos de morte de Wilson Batista (1913-1968).

Autor de preciosidades como *Falsa baiana*, *Bolinha de papel*, *Sem compromisso*, *Que samba hom* (onde evoca personagens mangueirenses em versos como "Vamos agradecer... Dona Zica/Pra gente não perder essa boca rica"), *Cabritada mal-sucedida*, *Acabou a sopa* e outras, como a maravilhosa *Escurinho* (O escurinho era um escuro direitinho/Agora tá com a mania de brigão), Geraldo Pereira chegou no Morro de Mangueira em 1930, com 13 anos de idade, vindo de Juiz de Fora para morar em companhia de um irmão, no Buraco Quente. Aos 18 anos, já trabalhando como motorista do caminhão da Limpeza Urbana, aproveitava as folgas nos bares do morro, onde conheceu e conviveu intensamente com bambas da categoria de Cartola, Nelson Cavaquinho, Nelson Sargento, Fernando Pimenta, Geraldo da Pedra, Padeirinho e outros que ajudaram a sedimentar sua obra de traços fortes, toda inspirada nas idas e vindas do dia-a-dia. Gravou o primeiro samba em 1939, Se você sair chorando, e não parou de produzir e de fazer sucesso até sua morte em maio de 1955, após uma polêmica briga de bar com o lendário malandro e homossexual Madame Satã. Geraldo jamais abandonou a Mangueira, visita obrigatória em todos os momentos de folga durante toda a sua carreira.

Também mangueirense de primeira hora, o grande Wilson Batista, colocado por craques como Paulinho da Viola e Chico Buarque na galeria dos maiores compositores brasileiros de todos os tempos. Nascido em Campos, em 1913, Wilson chegou ao Rio ainda adolescente, indo morar com parentes no subúrbio. Eterno malandro, se afastou dos parentes que queriam a



Geraldo Pereira, belos e bons sambas

todo custo arranjá-lo um emprego e foi viver na Lapa, onde conheceu a nata da malandragem carioca e legou à música brasileira preciosidades como *Nega Luzia*, *Chico Brito*, *Samba rubro-negro*, *Louco*, *Acertei no milhar*, entre outras. Viveu várias polêmicas em sua vida atribulada: com "compositores" que lhe compraram sambas e não quiseram pagar, com mulheres, amigos e até com traficantes de quem, no fim da vida, comprava drogas para aliviar a angústia provocada pelo esquecimento profissional. Mas a mais importante foi a polêmica (?) com o fabuloso Noel Rosa (para quem não sabe, também mangueirense apesar de ser da Vila), já registrada em disco.

Wilson compôs um samba chamado *Meu chapéu de lado* (*Meu chapéu de lado/Tamanco arrastando/Lenço no pescoço/Navalha no bolso...*), Noel rebateu com *Rapaz folgado* (*Deixa de arrastar o teu tamanco/Pois tamanco nunca foi sandália/E guarda essa navalha/Que só te atrapalha*) e o bate-boca de araque começou, com a produção de obras primas da MPB como *Feitiço da Vila* (Noel), *Conversa fiada* (Wilson), *Palpite infeliz* (Noel) e *Terra de cego* (Wilson). Como acontece com muita gente boa, o grande mangueirense Wilson Batista morreu na miséria, consumido pela droga, o álcool e a depressão, lesado pelas sociedades arrecadoras de direitos autorais e abandonado pela maioria dos amigos.

Mas como a ingratidão jamais foi uma característica da Mangueira, até porque "o passado de glória está gravado na história" e contra ele não há argumentos, essa revista, uma oportunidade de a gente pisar novamente em folhas secas e lembrar dos poetas da Estação Primeira com carinho e reverência.

Luis Pimentel é jornalista e Diretor da Revista Música Brasileira

Nelson Sargento

PINTOR DA POESIA

Se gritarem o nome de batismo, Nelson Mattos, é muito provável que ele nem atenda. Mas se falarem Nelson Sargento, não há que não saiba que é outro dos jequitibás da Mangueira, 74 anos de idade e 64 de samba.

Nelson Sargento nasceu a 25 de julho de 1924 na Santa Casa de Misericórdia, no Centro do Rio de Janeiro. Carioca da gema, deu os primeiros passos no samba na Azul e Branco do Salgueiro. Tinha uns dez anos de idade e, de lá para cá, nunca mais se afastou, cantando, tocando violão e compondo pérolas como "Agoniza Mas Não Morre" e "Primavera", dois dos clássicos dos grandes poetas da Mangueira que iluminaram este "Século do Samba".

Nelson figurou nas rodas de samba ao lado de poetas como Cartola, Carlos Cachaca, Padeirinho, Zagaia, Zé Ramos, Geraldo Pereira, Nelson Cavaquinho, Pelado, Babaú e Gradim, entre outros. Com Alfredo Português, formou uma dupla inesquecível que escreveu e musicou um dos mais bonitos sambas-enredo da Mangueira: "Primavera", do carnaval de 1955, o tema mais regravado de todos os grandes sambas-enredo. O primeiro sucesso da dupla tinha sido lançado em 1948, o samba-enredo "Vale do São Francisco", ganhador do concurso na Mangueira - Nelson e Português foram tricampeões em 48, 49 e 50...

Sargento não poupa elogios a nenhum daqueles amigos e com emoção diz que não entende por que Padeirinho ainda não foi devidamente reconhecido como um dos maiores compositores do samba brasileiro. Ainda com veemência, ele avalia que é de Padeirinho "um dos mais bonitos sambas-enredo do Brasil de todos os tempos" - "O Grande Presidente", do carnaval de 1956, uma biografia completa da vida e das obras do ex-presidente Getúlio Vargas.

Foi sargento do Exército de 1945 a 1949 e ali ganhou o apelido que hoje é sobrenome. Para "garantir o sustento da filharada", tornou-se pintor de paredes mas agora, além de ótimo compositor, é artista plástico conceituado, com sete exposições no Rio de Janeiro desde 1982. A música entrou definitivamente na vida dele como profissão na década de 60, com o surgimento do Zicartola e dos shows no Teatro Opinião. Foi aí que fez parte dos conjuntos "A Voz do Morro" e "Os Cinco Crioulos". O grupo fez um show antológico, "Rosa de Ouro".

É dele um outro samba antológico - "Agoniza Mas Não Morre", que está presente na sinopse do nosso enredo "O Século do Samba". A história desta obra foi descrita por Nelson Sargento à Revista da Mangueira-99 e contém uma explicação que ainda não tinha sido contada. Vamos a ela:

"Estava casado com minha primeira mulher, a Vivinha - conta Nelson - um dia cheguei de madrugada de uma boêmia e ela me recebeu furiosa, gritando: "Você chega a essa hora e nem pergunta se estou bem?" Aí eu emendei: "Mas por acaso você está doente? Você agoniza mas não morre". E a Vivinha, ainda furiosa: "Você não tem jeito, Nelson. Está errado e ainda faz samba em cima de um assunto tão sério?" Foi assim que fiz o "Agoniza mas não morre", em 1978.

"Ainda era morador do Morro da Mangueira e via a nossa quadra começar a ser invadida pelos artistas famosos, pela classe média interessada em posar na foto ao lado dos sambistas. Aquela gente começou a tirar o lugar dos moradores do morro, da gente da comunidade.

"Foi então que nas duas últimas partes do



Nelson, o samba agoniza mais não morre

samba coloquei os versos "samba, inocente pé no chão / a fidalguia do salão / te abraçou, te envolveu / mudaram toda a sua estrutura / te impuseram outra cultura / e você não percebeu".

Paulinho da Viola, mais recentemente, completou a idéia de Nelson ao escrever "há muito tempo eu escuto esse papo dizendo que o samba acabou / só se for quando o dia clareou...

Amigo de boêmia e de samba do xará Nelson Cavaquinho, Nelson, o Sargento, ri de felicidade ao comentar o fato de "receber uma homenagem ainda em vida" dos compositores e amigos Aldir Blanc e Moacyr Luz. Os dois escreveram "Sargento apenas no apelido / Guerreiro negro dos palmares / Nelson é o mestre-sala dos mares / Singrando as águas da baía".

- Quando ouvi este samba pela primeira vez, quase enfartei. E continuo a me emocionar muito sempre que o Moacyr (Luz) pega o violão e canta, tendo ao lado o Aldir batucando no tamborim. Essa foi a homenagem que o Nelson Cavaquinho dizia ser importante: homenagem em vida e não depois de morto..." (risos).



Denison Brasil

Prêmio *à vista*.

Com Ourocap 500 você concorre a R\$ 20 mil, quatro vezes por mês. E a R\$ 500 mil no dia 22 de abril do ano 2000.

Se Cabral desembarcasse aqui hoje em busca de riquezas, iria direto estacionar sua caravela no Banco do Brasil e fazer o novo Ourocap 500. Para fazer o seu, você só precisa investir R\$ 500,00, **numa parcela única**. E, depois, começar a comemorar os 500 anos do Brasil concorrendo a R\$ 20 mil durante 96 semanas. Mas o melhor da história vem agora: no dia 22 de abril do ano 2000, o maior título de capitalização do País vai sortear R\$ 500 mil. Então, faça o seu e comece a viajar nos seus planos. Porque, com um prêmio desses, dá até para você proclamar sua independência.

OUROCAP

Central de Atendimento: 0800-231032.

www.brasilseguridade.net

Disponível no

 **BANCO DO BRASIL**

 **BRASILCAP**

Os valores das premiações estão sujeitos à retificação de IR.

noel rosa

POETA DA VILA gênio de uma raça

Noel, Poeta da Vila



Manoella Baffa

Nascido em 11 de dezembro de 1910, aos 21 anos já era um autor consagrado pelo samba "Com que roupa", a música mais executada do carnaval de 1931. O bairro de Vila Isabel tinha entrado para a geografia da Cidade do Rio de Janeiro como centro cultural. Mais tarde seria conhecido como o "Bairro de Noel", porque era ali que ele, através do Boulevard 28 de Setembro, pegava o bonde para o Café Nice, no centro da cidade, ou para os bares e cabarés da Lapa e do Mangue.

Noel Rosa morreria em 1937, antes de completar 27 anos, deixando para trás uma constelação de obras-primas do samba brasileiro. Corroído pelas noites mal dormidas, a bebida tomada em doses generosas e o cigarro fumado em excesso, sempre no canto da boca - marca registrada das suas fotos -, Noel teve os pulmões perfurados por uma violenta tuberculose. Morreu aos 26 anos, 4 meses e 23 dias mas, graças a Deus, permaneceu para todo o tempo a obra inimitável que inspirou o mais próximo e fiel dos discípulos, Chico Buarque de Holanda, e que foi cantada e gravada por artistas do quilate de Orlando Silva, Silvio Caldas, Francisco Alves, Paulinho da Viola, o próprio Chico Buarque da Mangueira, João Bosco, João Nogueira, Marília Baptista, a "Divina" Elizeth Cardoso, Maria Bethânia, Beth Carvalho e, principalmente, Araci de Almeida, a preferida dele.

É de Araci de Almeida a gravação histórica do samba "Três Apitos", verdadeira crônica do cotidiano carioca que Noel soube fazer como ninguém. A gravação definitiva, pelo tom de voz inigualável viria mais tarde com a "Divina" Elizeth Cardoso.

Numa pequena biografia de Noel Rosa, feita pela Editora Globo, Paulinho da Viola sentencio: "Noel Rosa é uma escola dentro das diversas escolas que compõem o universo do samba brasileiro. É o primeiro de uma forma na qual a poesia popular, altamente sofisticada, embora saindo de maneira simples, junta-se a uma melodia inspirada, de grande refinamento, dando a suas composições uma dimensão poucas vezes atingida na história da nossa música popular".

Com a autoridade de sambista, músico e compositor que possui Paulinho da Viola, o que mais acrescentar? Nada, a não ser falar mais um pouco da vida de um dos mais férteis e geniais compositores da Música Popular Brasileira em todos os tempos. Porque o carioca Noel Rosa, da Vila Isabel, em menos de 30 anos de vida, conseguiu compor mais de 300 obras, a grande maioria de indiscutível qualidade.

A personagem do samba era um jovem que trabalhava na fábrica de tecidos do pai de Braguinha. Noel e Braguinha eram amigos de família, fiéis e inseparáveis, porque a mãe de Noel, dona Marta, transformou sua casa numa sala de aula e as duas irmãs de Braguinha foram suas alunas. A duas e mais a menina Lindaura, que aos 13 anos de idade viria a ser a esposa de Noel, num casamento realizado em 1934 quando Noel tinha 24 anos.

“Quando o apito / Da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você...” - dizia o “Poeta da Vila”, verdadeiro gênio da raça.

Muitos anos depois, o Maestro (com “m” maiúsculo mesmo) Tom Jobim admitiria que as músicas de Noel tiveram grande influência na sua formação musical. Incrível, em se tratando do maestro seria relatada por Chico Buarque de Hollanda, a partir de 1970.

O amigo inseparável e admirador inveterado de Cartola sempre apareceu no Morro de Mangueira para uma “prosa” com o compositor-maior da Estação Primeira. Conta João Máximo, um dos principais biógrafos de Noel, que o “Poeta da Vila” tinha verdadeiro fascínio pelo “Poeta da Mangueira”. Os dois encontravam-se em Vila Isabel e caminhavam, sem pressa e com muita conversa, até a casa de Cartola em Mangueira. A distância era o que menos importava. Importante, mesmo, era o encontro de dois dos maiores expoentes da Música Popular Brasileira de todos os tempos.

Tempos em que, ao invés de briga e porrada, os sambistas polemizavam através da música - e que música! Era o tempo em que se fazia uma espécie de samba-desafio. Quem soubesse versar, entrava na parada para mostrar suas qualidades, não de improviso, mas com letras elaboradas, um em cima da outra. E foi Noel Rosa um grande autor desse tipo de samba-desafio ou samba-resposta. Aconteceu nos idos de 1934 na polêmica inesquecível com Wilson Baptista. O “desafeto” foi Wilson, que encontrou no “desafio” a Noel a forma de aparecer para o grande público. Wilson já era

bom compositor de samba, mas não tinha a dimensão dos bambas da época, quanto mais de Noel.

Wilson largou na frente, como bom desafiante, e lançou “Lenço no Pescoço”, alusão à malandragem daquele Noel sempre bem vestido e engravatado que freqüentava as noitadas do Café Nice ou os prostíbulos da Lapa. Noel deu o troco com “Rapaz Folgado”. Wilson tentou contra-atacar com “Mocinho da Vila”, mas a composição era tão ruim que Noel, sabiamente, não absorveu nem devolveu.

Mas Wilson Baptista era tinoso e, imaginando alfinetar de vez o “mestre”, compôs “Conversa Fiada” com o intuito de satirizar um ótimo samba de Noel, o “Feitico da Vila”. O “mestre” aí não se conteve e deu o tiro de misericórdia na polêmica e na possibilidade de reação do “desafeto” ao compor “Palpite Infeliz”, uma das obras-primas do Poeta da Vila.

*“Quem é você
Que não sabe o que diz
Meu Deus do Céu
Que palpite infeliz
Salve Estácio, Salgueiro e Mangueira
Oswaldo Cruz e Matriz
Que sempre souberam muito bem
Que a Vila
Não quer abafar ninguém
Só quer mostrar
Que faz samba também”.*

Wilson Batista enfiou de vez a viola no saco e desistiu diante da implacável genialidade de Noel. Se, por um lado, a “polêmica” deu a projeção que Wilson queria, para os sambistas também deu frutos saborosos. O “Palpite Infeliz” foi o maior exemplo.

Manoella Baffa - é jornalista e faz mestrado em Filosofia na PUC - Rio.

“Aquarela do Brasil” e do mundo

Altair Baffa



Ary: 60 anos da “Aquarela” que o mundo canta

Dá para acreditar um músico brasileiro recusar um convite pessoal do poderoso Walt Disney para ser o diretor musical daquela empresa americana? Não se esse músico não fosse Ari Barroso. A alegação apresentada por ele, pasmem, foi de que nos Estados Unidos não tinha o Flamengo!!!

Essa é uma das muitas histórias que envolvem o compositor de “Aquarela do Brasil”, a música mais tocada no mundo em todos os tempos. Há quem diga que “Aquarela do Brasil” só perde em execução, mundo afora, para os Beatles.

O autor desse verdadeiro hino nacional em ritmo de samba, Ary Evangelista Resende Barroso, nasceu em Ubá, Minas Gerais, no dia 7 de novembro de 1903, e morreu no Rio de Janeiro em pleno Domingo de carnaval no dia 9 de fevereiro de 1964, aos 61 anos, vítima de uma cirrose hepática. Jovem de classe média alta, Ary Barroso conheceu o Rio aos 16 anos, quando viu o mar pela primeira vez e ficou estarelecido com a beleza das ondas que quebravam nas areias de Copacabana. Em 1921,

aos 18 anos, mudou-se em definitivo para a Cidade Maravilhosa, onde morreu, foi sepultado e virou nome de rua, a Ladeira Ary Barroso, no Leme, onde morava.

Ary marcou sua vida e sua carreira pelo mau humor (“fui um garoto insuportável” - disse ele ao seu biógrafo, o jornalista Mário de Moraes) e pela intransigência com o comportamento musical que não fosse o puro samba. Ary foi um minigênio, pois com 10 anos já tocava piano sob a orientação da tia Ritinha, que o criou após a morte dos pais, Dr. João Evangelista e dona Angelina, quando Ary tinha apenas sete anos de idade. Tia Ritinha era tão rigorosa nos ensinamentos ao sobrinho que lhe colocava um pires no dorso das mãos do menino para que ele corresse a escala musical. “Se o pires caísse, o castigo era com vara de marmelo”, revelou mais tarde Ary.

O minigênio já tocava piano aos 12 anos no Cinema Ideal de Ubá para ganhar uns trocados. Em 1921, aos 18 anos, desiludido com o fim do noivado em Ubá, mudou-se em definitivo para o Rio de Janeiro. Foi morar na Pensão Miramar, no Flamengo, pertinho da Faculdade de Direito do Catete, onde havia se matriculado para ser advogado como o pai. Mas como já gostava de música e da noite, bebendo boas doses de cachaça com vermute francês, só conseguiu se formar em 1930. Para financiar o curso e manter-se, Ary Barroso fazia o fundo musical das sessões de cinema mudo no Cine Íris, na Rua da Carioca, e no Cinema Odeon, na Cinelândia, das 14 às 22 horas. Ganhava com isso um bom dinheiro.

Resolveu então casar-se com Ivone, em 1931. Um ano depois, foi contratado como pianista da Rádio Philips e a carreira artística começou a decolar. O advogado deu lugar ao pianista, compositor, radialista, cronista e político, como vereador eleito pelo extinto Distrito Federal. Na Rádio Philips, comandou o programa “Horas do Outro Mundo”, quando manteve polêmica histórica com Henrique Pongetti. Em 1937, substituiu Paulo Roberto e Edmundo Maia no primeiro programa de calouros do rádio brasileiro. Sua primeira providência foi adotar um potente gongo no lugar da campainha que reprovava o candidato a cantor. Quem batia o gongo era Makalé, um dos porteiros

da Rádio Philips. O candidato só podia cantar música brasileira e era obrigado a dizer com absoluta clareza e correção o nome da música e do compositor. Caso contrário, era gongado antes mesmo de soltar a voz.

Em 1939, Ary Barroso mostrou, pela primeira vez, “Aquarela do Brasil”. E ouviu ironias e críticas à letra. “O Ary queria que o coqueiro desse o quê? - criticavam, referindo-se ao trecho “Ah! Esse coqueiro que dá coco”. Outros criticavam o trecho “Brasil, meu Brasil brasileiro / Meu mulato inzoneiro”. E por aí afora.

Ary não se importava. Dizia que compôs “Aquarela do Brasil” porque já não suportava mais o “samba da malandragem, o samba ligado à bebida, ao dinheiro e aos amores fracassados”. Mas nem escrevendo com tanto ufanismo Ary Barroso deixou de ter problemas com o DIP, o Departamento de Imprensa e Programa da ditadura de Getúlio Vargas. Os censores do DIP não gostaram do trecho “terra do samba e do pandeiro” por considerá-lo depreciativo ao Brasil. Ary Barroso teve de ir pessoalmente ao SIP para explicar sua intenção, e só assim conseguiu ver a “Aquarela do Brasil” gravada por Francisco Alves.

O sucesso da composição ultrapassou as fronteiras do Brasil e Ary Barroso foi contratado por Walt Disney, em 1944. Foi nos Estados Unidos que ele e Carmen Miranda mostraram, pela primeira vez, que o Brasil não era uma “República de Banana”, mas um País com a mesma qualidade musical que os americanos.

O Império Serrano, a escola de coração de Ary, apresentou a “Aquarela do Brasil” como enredo em 1964, justamente naquele domingo de carnaval, 9 de fevereiro de 64, em que o grande compositor morreu no Instituto Cirúrgico Gabriel de Lacerda.

Ary Evangelista Resende Barroso deixou uma discografia imensa, onde se destacaram, entre outras, composições como **Rancho Fundo, Morena Boca de Ouro, Maria, Risque, Samba em Mangueira**, etc.

Ary pode ter sido controvertido, mau humorado e polêmico, mas, sem dúvida, a “Aquarela do Brasil” foi o hino nacional em forma de samba que primeiro divulgou o Brasil no exterior.

trinca de AÁS

Sandro Laurents

Três eminentes figuras da MPB marcaram este "Século do Samba". Duas delas foram enredos campeões da Verde-e-Rosa na década passada - Braguinha, em 1984 e Dorival Caymmi, em 1986. A terceira personalidade atende pelo nome de Lamartine Babo, que morreu prematuramente de enfarte em 16



Braguinha, enredo da Verde-e-Rosa

de junho de 1963. Em comum, a genialidade de composições que, entra ano, sai ano, continuam na memória dos mais velhos e entram na memória dos mais jovens. De Braguinha, por exemplo, um samba de 1946 que se transformou o verdadeiro hino do cartão-postal que é Copacabana, na interpretação de Dick Farney: "Copacabana, Princesinha do mar...". De Caymmi, dentre tantas composições maravilhosas, "Marina, Morena Marina / Você se pintou...". De Lamartine, em parceria com Ary Barroso, "No Rancho Fundo / Bem pra lá do fim do mundo...". Este é o trio canceineiro que a **Revista Mangueira-99** não poderia deixar de citar em se tratando de um tema como "O Século do Samba".

Braguinha, ou João de Barro (nome artístico) ou Carlos Alberto Ferreira Braga (nome de batismo) faz 92 anos no próximo dia 29 de março (29/03/1907). Dorival Caymmi faz 85 anos dia 30 de abril (30/04/1914). E Lamartine, nascido em 1904, se vivo fosse estaria por complementar 95 anos. Em comum, a genialidade peculiar de cada um.

Lamartine, por Ter um raro senso de humor, colaborou nas revistas **Careta**, **Shimmy** e **Fon-Fon**. Braguinha, outro gozador, pode bem atestar o nível de seu bom humor ao escolher o pseudônimo "João de Barro" porque a família de classe média alta não o queria "no meio da malandragem do samba" do início

do século. Como estudava arquitetura, adotou como apelido o nome do "pássaro arquiteto". De quebra, é dele a famosa marchinha. "Yes, nós temos Banana", de 1938, gravada por Almirante, uma resposta sarcástica ao fox americano "Yes, We Have No Bananas" (Nós Não Temos Bananas"). Caymmi, muito mais

sério e introvertido, mostrou ao mundo, em 1939, "O que é a baiana tem" na voz inconfundível e internacional de Carmem Miranda. Naquele mesmo ano, em plena ebulição da II Guerra Mundial, o "Mestre" Caymmi gravaria seu primeiro disco, um compacto duplo, tendo de um lado "Rainha do Mar" e do outro "Promessa de Pescador". Caymmi é Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia e tem a cobiçada Medalha Comendador de Artes e Ofícios do Governo da França.

Lamartine Babo, o mais velho dos três, surgiu no meio musical carioca, em plena Praça Tiradentes, nos idos de 1920, quando tinha apenas 16 anos. Muito branco, magro, voz fina e meio desengonçado, Lamartine logo emplacou "O teu cabelo não nega mulata / Porque és mulata da cor / Mas como a cor não pega, mulata / Mulata eu quero teu amor". Era o final da década de 20 e Lamartine havia vivido o privilégio de ser o único branco - e pôe branco nisso - a acompanhar a São Paulo a "Companhia Negra de Revistas" criada pro De Chocolat e que só permitia a entrada de atores, músicos e cantores negros. Coube a Lamartine um outro privilégio histórico: intermediar a presença de Pixinguinha em "Macunaima", de Mário de Andrade, como personagem de um culto de macumba ambientado no Rio de Janeiro. O "Mestre" Pixinguinha tornou-se para sempre o "Filho de Ogum Bexiguento".

É de Lamartine, também, um pouco da história do futebol carioca porque é dele os hinos do Flamengo, Fluminense, Botafogo e América - este o seu clube de coração - para o qual escreveu: "A cor do pavilhão é a cor do nosso coração".

Dorival Caymmi, tema do enredo campeão de 86 ("Caymmi mostra ao mundo o que é que a Bahia e a Mangueira têm"), com samba do Ivo, Paulinho e Lula, ganhou a justa e sábia homenagem 48 anos depois de chegar ao Rio de Janeiro, vindo de Salvador, a bordo de um navio da Companhia de Navegação Costeira, em abril de 1938, quando estava na flor dos 24 anos de idade. Hoje, beirando os 85, é retratado como verdadeiro pai de todos os compositores por alguém com a autoridade de Aldir Blanc. Tito Madi, por sua vez, confessa que em um dado momento da sua carreira fez músicas "com a cara de Caymmi" - e custou a se libertar disso. Paulo César Pinheiro, numa homenagem ao "Mestre", compôs "Obá de Xangô", onde diz: "...Caymmi é o rei do mar / É o soberano / É o cavaleiro do oceano / Iemanjá quem coroou. / De todas as marés sabe o segredo / É o canoeiro de São Pedro / O Obá mais velho de Xangô".

E Braguinha? Dele, além de centenas de composições, bastaria dizer que foi contemporâneo e parceiro de Noel Rosa, Lamartine, Almirante, Alcir Pires Vermelho e Alberto Ribeiro, o mais constante. De quebra, que morou em Vila Isabel. Já seria um perfil maravilhoso de sambista, boêmio e carioca da gema.

Mas Braguinha seria muito mais. Criança ainda, já cantava

ao som do piano da avó. No Colégio Batista, ainda ginásiano, formou o conjunto "Flor do Tempo" que tinha Henrique Foréis, o Almirante, como um dos componentes. O grupo obteve sucesso e Braguinha aderiu à profissionalização. Assim, no lugar do "Flor do Tempo", surgiu o "Bando de Tangarás", ao qual se juntou ninguém mais, ninguém menos, do que Noel Rosa, parceiro da marcha-rancho "Pastorinhas", em 1938. Com o surgimento do "Bando de Tangarás", o diminutivo Braguinha foi trocado pelo pseudônimo João de Barro por causa do elitismo da família que não admitia ver o filho de nome ilustre no "meio da malandragem do samba e da boêmia". Apareceu então o João de Barro, o pseudônimo catalogado na Enciclopédia da Música Brasileira como autor de mais de 500 músicas gravadas a partir de 1931.

Em quase 80 anos de carreira, Braguinha é um campeão de audiência. Gal Costa deu nova roupagem a marchinha "Balancê" ("Ô e balancê / Quero brincar com você / Entra na roda morena pra ver / O balancê, balancê"), composta em 1937.

Mas nada se compara à letra que Braguinha colocou em "Carinhoso", em 1937, talvez o samba mais popular do autor e dos brasileiros, parceria com o genial Pixinguinha. "Carinhoso" era, originalmente, o choro "Carinhos", do "Mestre dos mestres, Pixinguinha, de 1929. E Braguinha deu o toque final com sua não menos genialidade e sensibilidade para a gravação imortal de Orlando Silva.

Não há criança, dos oito aos oitenta anos, que não cante este hino da MPB:

"Carinhoso" - Pixinguinha e Braguinha

<i>"Meu coração Não sei por que Bate feliz Quando te vê E os meus olhos Ficam sorrindo E pelas ruas Vão te seguindo Mas mesmo assim Foges de mim... Ah! Se tu soubesses Como eu sou tão carinhoso</i>	<i>E o muito, muito, que te quero E como é sincero meu amor Eu sei que tu Não fugirias mais de mim Vem, vem, vem, vem... Vem sentir o calor Dos lábios meus À procura dos teus Vem matar esta paixão Que me devora o coração E só assim, então Serei feliz, bem feliz".</i>
---	---

Sandro Laurents é jornalista

o breque do bom malandro

MORENGUEIRA

O samba de breque surgiu na voz e na malandragem do velho Moreira da Silva, o Kid Morengueira, carioca da gema, 97 anos de idade e quase tanto da melhor ginga do malandro do Estácio.

No rastro do sucesso do gênero musical que surgiu em 1936, na voz de Morengueira, e que eternizou o quase centenário Kid como seu principal intérprete neste "Século do Samba", desfilou um compositor mangueirense cuja qualidade pode ser comparada à daquela água da fonte natural encontra na sombra. Este compositor foi Geraldo Pereira, autor de clássicos imortalizados por Moreira da Silva como "Etelvina, acertei no milhar / Ganhei 500 contos / Já não vou mais trabalhar...", ou "Na subida do morro me contaram / Que você bateu na milha nega...".

Kid Morengueira é retratado aqui na Revista da Mangueira/99 num texto especial, coberto de bom humor e muito lirismo, pelo repórter Aydano André Motta.



Samba e malandragem

Da ambulância para o sucesso

É daquele malabarismos que fazem dos cariocas uma tribo única da espécie humana, os donos de habilidades que ninguém é capaz de repetir. Vem o samba, com jeito e ritmo de samba, quando, de repente, para – e o intérprete faz um comentário, falando ao público como se iniciasse uma conversa com calibradas doses de malandragem e veneno. Tão inesperadamente como

parou, a música recomeça e segue, até a próxima parada – ou breque, que dá nome ao estilo de samba único, carioquíssimo, nascido na lógica escorregadia da ginga malandra. Como resumiria, com o desdém atávico, um daqueles seres extintos, elegantes dos pés ao chapéu. "É para quem sabe".

Poucos ritmos no mundo, aliás, são tão intensamente ligados a um único intérprete. Se a

Bossa teve Tom, João e Vinícius, se o Tropicalismo viveu com Gil, Gal e Caetano, o samba-de-breque é exclusivamente Moreira da Silva. Retrato acabado do legendário malandro carioca que virou poesia com Chico Buarque, ele descreve, em seu estilo singular, o mundo cru e romântico dos bailes de subúrbio, dos contos-do-vigário, do sonho de justiça social e das caçadas dos policiais aos malandros, os vilões com charme de mocinho.

Para contar a história do samba-de-breque, o velho Kid Morengueira, 97 anos (prova de que malandro bom é malandro vivo), inverte o estilo e mistura o depoimento a trechos de música, numa conversa impossível de largar. "Criei o samba-de-breque em 1936, um samba completamente parado para falar", ele conta. "Breque é uma palavra inglesa que manda parar. O 'stop', né?, continua, na gíngua da fala rápida. Uma criação que, não podia ser diferente, nasceu do acaso, já no meio da carreira de Moreira da Silva, que, à época, empenhava o vozeirão em valsas cantadas em festas familiares, com boa aceitação do público.

A migração começou em 1932, através de um samba que falava em Nagô, seguido por "Arrasta Sandália, "É Batucada Hoje" e "Implorar só a Deus", o primeiro sucesso do então motorista da Assistência Pública na Praça da República – naqueles tempos ninguém vivia de música. "Vinha devagar, sofrendo no meio de todos que tentavam a mesma carreira", recorda, para depois lembrar que bom malandro não se aperta. "Tinha recursos, trabalhava, não dependia daquilo e andava sempre alinhado, não dava confiança a qualquer um". Estilo puro, desde sempre.

Até que, num tarde qualquer de 1936, na Rádio Cruzeiro do Sul, Moreira começou a cantar um samba de Tancredo Silva, "sem nada, muito pequenininho, e, para melhorar, começou a preencher a música com pedaços falados, de coisas que vinham à sua cabeça na hora. "Fez sucesso e quando cantei no Cinema Méier pela primeira vez, fui aplaudido de pé", relembra orgulhoso o velho malandro, falando de um show antológico. Daí, Kid Morengueira foi longe – até o famoso Cassino Atlântico, o melhor da época de *hits* como Silvio Caldas e César Ladeira.

A carreira do malandro decolou, com ele indo fundo nos breques. Moreira passou a se utilizar de jornais e filmes para construir suas falas. "Aprendi até algumas frases em inglês, que já se tornava o

idioma universal", explica ele, arquiteto de uma mistura impensável para puristas de então. "*Ladies and gentlemen, I have do to. Some day, in United States because I like people of America. Do you understand? Yes. And now, you're singing*", mandava Morengueira, nos shows. Criatividade nunca faltou ao criador de gírias geniais, como "bife de padaria" (pessoa desconfiada, que já apanhou muito), "michola" (de pouco valor), "perna" (nota de cem, definição que sobreviveu por anos), e "chinfra" (pose, outra eterna).

Na verdade, o malandro que canta samba-de-breque é um personagem da criatividade do músico Antônio Moreira da Silva. Na vida real, ele sempre trabalhou, normalmente num emprego dos mais convencionais, daqueles de semear horror em qualquer habitante da velha Lapa. "Conheci muitos malandros, como Valdemar da Babilônia, João Cobra e Brancura, observei todos eles desde criança", conta o sambista. "Mas quando atingi a idade de enfrentar o leão, ele não era manso, mas fui pra cima dele, trabalhar. Meu caminho era outro, não era o da sujeira. Então, sou um falso malandro. Conheço a malandragem, mas não sou malandro", define-se, retrato do melhor tipo de malandro, o que sobrevive.

Até hoje, aos 97, uma lenda que, no último ano do século, completa 60 de samba, longevidade conquistada também pela ausência de vícios – à orgulhosa exceção, diz Moreira, das mulheres, "mas sem bebida ou fumo". Um homem raro, que soube levar a vida, mesmo quando passou a ser desprezado por gravadoras a partir dos anos 50 e por duas décadas, muito por causa de movimentos musicais como a Bossa-Nova e o Tropicalismo, além da censura na ditadura militar. Mas malandro bom não se aperta e Moreira voltou, nos anos 70, em históricas apresentações nos projetos Seis e Meia e Pixinguinha.

E este malandro confirma até hoje o destino diferente dos legítimos espécimes da classe, que encontravam a morte numa navalha na esquina ou a prisão numa noite pagã. Está aí, vivinho, cultuado por gerações. "Para a posteridade, está tudo gravado", avisa Morengueira, no estilo de sempre. "Fechei o paletó, quando quiserem lembrar de mim, tá tudo aí. Afinal, o futuro é uma caveira!"

Que, espera quem gosta de música, demore a chegar.

Aydano André Motta é jornalista

Zé Ketí,

o poeta da vida do Rio

Otra raiz forte do samba, este portelense, atende pelo apelido de Zé Ketí. Aos 77 anos de idade e 61 no meio do samba, ele foi o principal ganhador do Prêmio Shell de 1998 pelo valor da sua obra, lírica e absolutamente carioca, com as rimas e os versos do dia-a-dia do povo e dos morros da cidade. Uma obra com mais de 200 músicas gravadas por alguns dos mais marcantes intérpretes da Música Popular Brasileira, como o nosso grande Jamelão, responsável pela gravação do primeiro sucesso de Zé Ketí, em 1954. Um samba que é cantado até hoje e que diz: “O azar é seu / Em vir me procurar / Me abandona, me deixa / Não quero mais a luz do teu olhar”.

É bem verdade que Zé Ketí já tinha mostrado sua cara em 1946 com um samba gravado pelos Vocalistas Tropicais. Um samba cheio de humor e irreverência, que mexia com os americanos logo após a Segunda Guerra Mundial. “Tenho que ensinar o português ao Tio Sam / Pois brasileiro ele diz brazilian / Ele não quer falar a nossa língua misturada / Com samba, fox e embolada”.

Pertence a Zé ketí alguns dos versos mais cariocas de que se tem notícia, como, por exemplo, este: “Em qualquer esquina eu paro / Em qualquer botequim eu entro / E se houver motivo / É mais um samba que eu faço”. Ou, então, este: “Se alguém perguntar por mim / Diz que fui por aí / Levando meu violão debaixo do braço”.

Politicado, corajoso e firme em suas posições, foi um dos baluartes dos shows no Teatro Opinião em plena repressão política, na década de 60, e até hoje não conseguiu entender a ação da censura ao proibir o samba “Notícia de Jornal”. Mas quem poderia vetar o povo cantando a poesia do carnaval de rua quando Zé Ketí



disse: “Eu sou aquele pierrô / Que te beijou / Que te abraçou, meu amor...”.

Também seria impossível proibir a descrição lírica das coisas do morro. E foi falando do morro, com rara beleza, que Zé Ketí alçou o vôo definitivo neste “Século do Samba”, quando disse: “Eu sou o samba / A voz do morro sou eu mesmo, sim senhor / Quero mostrar ao mundo que tenho valor / Eu sou o rei do terreiro”.

Com a força deste samba, surgiu o grupo “A Voz do Morro” e Zé Ketí, ao lado de bambas como o jequitibá mangueirense Nelson Sargento, os portelenses Jair do Cavaquinho e o menino Paulinho da Viola, além do salgueirense Anescarzinho, comandou um movimento bastante atuante em defesa do samba.

Carioca da gema, Zé Ketí, que na infância era muito levado e por isso ganhou primeiro o apelido de “Zé Quietinho”, deixa para a Música Popular Brasileira a festa que a gente carioca faz no dia-a-dia, apesar de tudo: “Eu sou o samba / Sou natural aqui do Rio de Janeiro / Sou eu quem trago a alegria / Para milhões de corações brasileiros”.

Daquela geração de Zé Ketí fizeram parte, entre outros, “feras” como Candeia e Waldir 59, Silas de Oliverira e Dona Ivone Lara, Nei Lopes e Wilson Moreira, Cartola e Carlos Cachça, Clementina de Jesus e Marília Batista, Nelson Cavaquinho e Nelson Sargento, e, mais recentemente, os garotos Paulinho da Viola e Paulo César Pinheiro.

O Samba com

Elegância

Altair Baffa

A elegância no samba tem dois nomes indiscutíveis: um deles é atual, Paulo César Faria, o Paulinho da Viola. O outro já não está conosco. Ataulfo Alves, o Ataulfo de lenço branco e das Pastoras. Paulinho é carioca, nascido no bairro de Botafogo a 12 de novembro de 1942. Ataulfo é mineiro de Mirai, nascido a 2 de maio de 1909.

Paulinho, em plena forma e com seus sambas e choros de beleza serena, tem 56 anos de idade e mais de 40 de vida musical. Ataulfo, com sua voz miúda e um balanço bem carioca para um mineiro do interior, compôs mais de 700 músicas antes de morrer, prematuramente, aos 60 anos de idade, em consequência de complicações cirúrgicas após operar uma úlcera.



O samba elegante dos anos 60

Paulinho da Viola, filho do violonista Benedito César Ramos Faria, integrante do grupo “Época de Ouro”, seguiu desde cedo o caminho do pai. Mas foi um tanto a contragosto, como o próprio Paulinho revelou num samba que diz: “Tinha eu, 14 anos de idade / Quando meu pai me chamou / Perguntou-se se eu queria / Estudar filosofia, medicina ou engenharia / Tinha eu que se doutor”. Mas a vocação do menino, como diz o samba, era ter um violão para se tornar sambista. Foi quando César Faria o alertou que sambista não tinha valor “nessa terra de doutro”.

Paulinho concordou, mas a frase “seu doutro, o meu pai tinha razão” não é absolutamente verdadeira. Basta olhar para o próprio Paulinho da Viola, uma das raras unanimidades nacionais deste “Século do Samba” por seu caráter e sua competência, seja com o violão de seis cordas, seja com o cavaquinho ou mesmo a plaina e o fornã, já que o sambista, nas horas vagas, é um exímio marceneiro.

Paulinho começou na música, ainda menino, tendo como mestre o violonista Zé Maria, amigo do pai dele e arranjador de Dilermando Reis, um dos “monstros” do violão. Era a época da Bossa Nova, mas Paulinho confessa que “preferia tocar à antiga”.

Entre os conselhos do pai César Faria para ser doutro e não sambista, Paulinho terminou o curso técnico contábil e arranhou emprego no extinto Banco Nacional, enquanto se preparava para fazer vestibular para engenharia. Mas, no meio do caminho, apareceu Hermínio Bello de Carvalho, correntista do banco, com quem Paulinho fez amizade por já tê-lo visto na casa de Jacob do Bandolim, num sarau em que o pai foi tocar com o “Época de Ouro”. Dali para chegar ao Zicartola e se lançar profissionalmente, como cantor e compositor, foi um pulo. O futuro “doutor” Paulo César Faria foi pro espaço, cedendo lugar, graças ao bom Deus, ao grande Paulinho da Viola autor de “Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida”, homenagem à querida Portela, “Recado” (“Leva o recado / A quem me deu tanto dissabor / Diz que eu vivo bem melhor assim / E que no passado fui um sofredor...”). E, é claro, na homenagem à Estação Primeira de Mangueira com o “Sei Lá, Mangueira”: “Sei lá, não sei / Sei lá não, sei, não / A Mangueira é lã grande / Que não cabe explicação”.

A elegância do outro sambista, Ataulfo Alves, era atestada não só na forma de compor e cantar, mas também nas roupas que vestia. Estava sempre de terno bem cortado, colete e gravata. Chegou a fazer parte das listas dos mais elegantes do Rio junto a

alguns "colunáveis". Na vida de Ataulfo, uma curiosidade: ele foi farmacêutico e nessa profissão fez muito xarope de cambará para a mãe de Carmem Miranda.

Ataulfo morava no Rio Comprido e no caminho de volta para casa, vindo da farmácia do "seu" Antunes, tinha roda de samba do pessoal do morro do São Carlos. Ele parava para tomar uma cervejinha e participar da cantoria. Já tocava violão, cavaquinho e bandolim. Estendendo suas andanças em rodas de samba pelo Catumbi, Estácio e o Mangue, Ataulfo não demorou muito a fazer amizade com Ismael Silva, Marçal, Nilton Bastos, Brancura, Mano Edgard e os irmãos Barcelos. Um deles, Alcebiades, o **Bide**, seria o responsável pela entrada definitiva de Ataulfo Alves no meio artístico.

Levado um dia por Bide à Gravadora RCA-Victor, Ataulfo mostrou algumas de suas obras ao americano Mr. Franck, que o ouvia e só dizia "o.k., o.k.". Até que sentenciou: "Vou mandar vir a cantora que poderá gravar seus sambas". A "cantora" era nada

mais, nada menos, que Carmem Miranda.

- Você não é aquele rapaz da farmácia? - perguntou Carmem, ao reconhecer Ataulfo.

- Eu mesmo - respondeu ele.

- Mas você não era compositor. Nunca soube disso - cutucou Carmem.

- Você, pelo que sei, também não era cantora - emendou Ataulfo.

Ataulfo Alves firmou-se definitivamente e emplacou o primeiro sucesso em 1935, aos 26 anos de idade, com o samba "Saudade do Meu Barracão". Foi um intérprete excelente ao lado das suas "Pastoras" e fez sambas antológicos como "Leva Meu Samba", "Atire a Primeira Pedra" e "Ai, Que Saudades da Amélia", estes dois em parceria com Mário Lago. Este último está, com certeza, inserido na história musical deste "Século do Samba" ao lamentar a decisão do sambista de trocar sua mulher por outra: "Nunca vi fazer tanta exigência / Nem fazer o que você me faz / Você não sabe o que é consciência / Não vê que eu sou um pobre rapaz...".

O samba elegante dos anos 40



ADORÁVEIS CANTORAS DO BRASIL

Carmem Miranda foi o pioneira, cantando o Brasil para americano (e brasileiro) nenhum botar defeito, usando baianas e balangandãs numa época em que o chique era a roupa bem cortada e comportada, feita em padrões rígidos de elegância e comportamento. Na década de 20, a "Pequena Notável" avançou na carreira cantando sambas de José Barbosa da Silva, o "Sinhô", um dos principais alicerces da MPB.

No círculo das grandes intérpretes brasileiras deste "Século do Samba" não seria elegante apontar quem foi a melhor. Mas no rol de qualidades que a música impõe a seus intérpretes, "A Divina" Elizeth Cardoso tem lugar privilegiado. Elizeth foi a dama da voz aveludada e a honra de subir ao palco do Teatro Municipal para interpretar as "Bachianas" de Villa-Lobos. Precisa mais?

Antes dela, pontificou Dalva de Oliveira. Entre eles passou Ângela Maria. As vozes eram muito parecidas, mas Ângela nunca escondeu que Dalva foi seu ponto de referência na pronúncia corretíssima das palavras e nos agudos impressionantes. Dalva imortalizou várias músicas e quem não se lembra de "Sonhei que um dia eu era um trovador / Dos velhos tempos que não voltam mais", enquanto Ângela tornou-se o símbolo dos programas de calouros, especialmente no Programa do Chacrinha, por causa do "Babalu, Babalu / Babalu aiê, Babalu aiê".

Nos bons e áureos tempos dos programas de auditório da Rádio Nacional, duas irmãs deram as cartas. Linda e Dircinha Batista arrasavam ouvidos e corações cantando alguns dos melhores sambas da época. Brincavam no palco de cantar - e cantar bem - o que lhes chegavam às mãos. Linda Batista marcou época ao afinar o vozeirão com "Lata D'água na cabeça / Lá vai Maria, lá vai Maria / Sobe o morro e não se cansa / Pela mão leva a criança / Lá vai Maria".

Para entrar na Rádio Nacional, os fãs faziam filas enormes desde cedo nas calçadas da Praça Mauá. Às quintas-feiras, pela manhã, e aos sábados, à tarde, lá estavam eles para ver, aplaudir e delirar com Marlene e Emilinha Borba. Elas faziam shows ao vivo (quem sabe faz



A "Divina" Elizeth

ao vivo, diz o ditado popular) e levavam a galera ao êxtase e os gritinhos de "é a maior" com direito, é claro, a desmaios bem programados para dimensionar a popularidade de cada uma.

Marlene era a atração do Programa Manoel Barcelos, às quintas-feiras. Emilinha fazia a alegria do Programa César de Alencar, aos sábados. Para garantir a audiência e a popularidade, as duas simularam uma "briga" alimentada através da Revista do Rádio.

Aquele delírio proporcionou a criação de fãs-clubes enormes e bem organizados. Os fãs-clubes, por sua vez, proporcionaram a Miguel Gustavo a composição de uma marchinha de carnaval que dizia: "Ela é fã da Emilinha / Não sai do César de Alencar / Grita o nome do Cauby / E depois de desmaiar / Pega a Revista do Rádio e começa a se abanar / É uma faixa aqui / Outra faixa ali / E o dia inteirinho ela não faz nada / Enquanto isso, na minha casa / Ninguém arranja uma empregada."

Bons tempos aqueles que exigiam muita qualidade de voz para interpretar o samba ao vivo e sem truques de edição ou mixagem. Daquela época de ouro do rádio e do "faz ao vivo", não há como esquecer Aracy de Almeida com sua forma muito particular de cantar o samba de Noel Rosa como ninguém. E Carmem Costa, que já era ídolo e que até hoje, aos 84 anos, continua pontificando em shows magníficos pelos palcos do Rio. Um deles, ano passado, reuniu a figura exemplar de Dona Ivone Lara ao lado da jovem e talentosa

mangueirense Lecy Brandão, a primeira mulher a conseguir lugar na Ala de Compositores da Mangueira. Foi uma outra mulher, Verinha, quem conseguiu entrar para a história gloriosa da Verde-e-Rosa ao conquistar em parceria com Rody e Bira do Ponto o privilégio de ser a primeira e única mulher, até hoje, a ganhar um samba-enredo na Escola.

O samba de Verinha, Rody e Bira do Ponto, em 1987, foi "O Rio das Palavras, Carlos Drummond de Andrade" e a Mangueira foi bicampeã do carnaval.

No rol dessas notáveis e adoráveis cantoras do Brasil não há como esquecer Clara Nunes com sua beleza física e espiritual inigualáveis, a mulher que cantou alguns dos sambas mais bonitos da MPB, feitos sob medida para ela pela dupla Paulo César Pinheiro, seu marido, e João Nogueira. Clara morreu prematuramente e foi pro andar de cima mostrar o seu "canto de sabiá" ao lado de Papai do Céu.

Outra "fera" foi Elis Regina, considerada pelos mais exigentes críticos como uma das cinco maiores cantoras do Brasil deste "Século do Samba". Foi outra morte prematura que abalou o mundo musical

brasileiro, a da "Pimentinha" de interpretação forte, marcante e inimitável. Por exemplo, essa "Oi, tem jangada no mar / Oi, hoje tem arrastão... / Valha-me Deus, Nosso Senhor do Bonfim / Nunca jamais se viu tanto peixe assim...". Ou na obra prima de Aldir Blanc e João Bosco, "São Dois pra lá, dois pra cá".

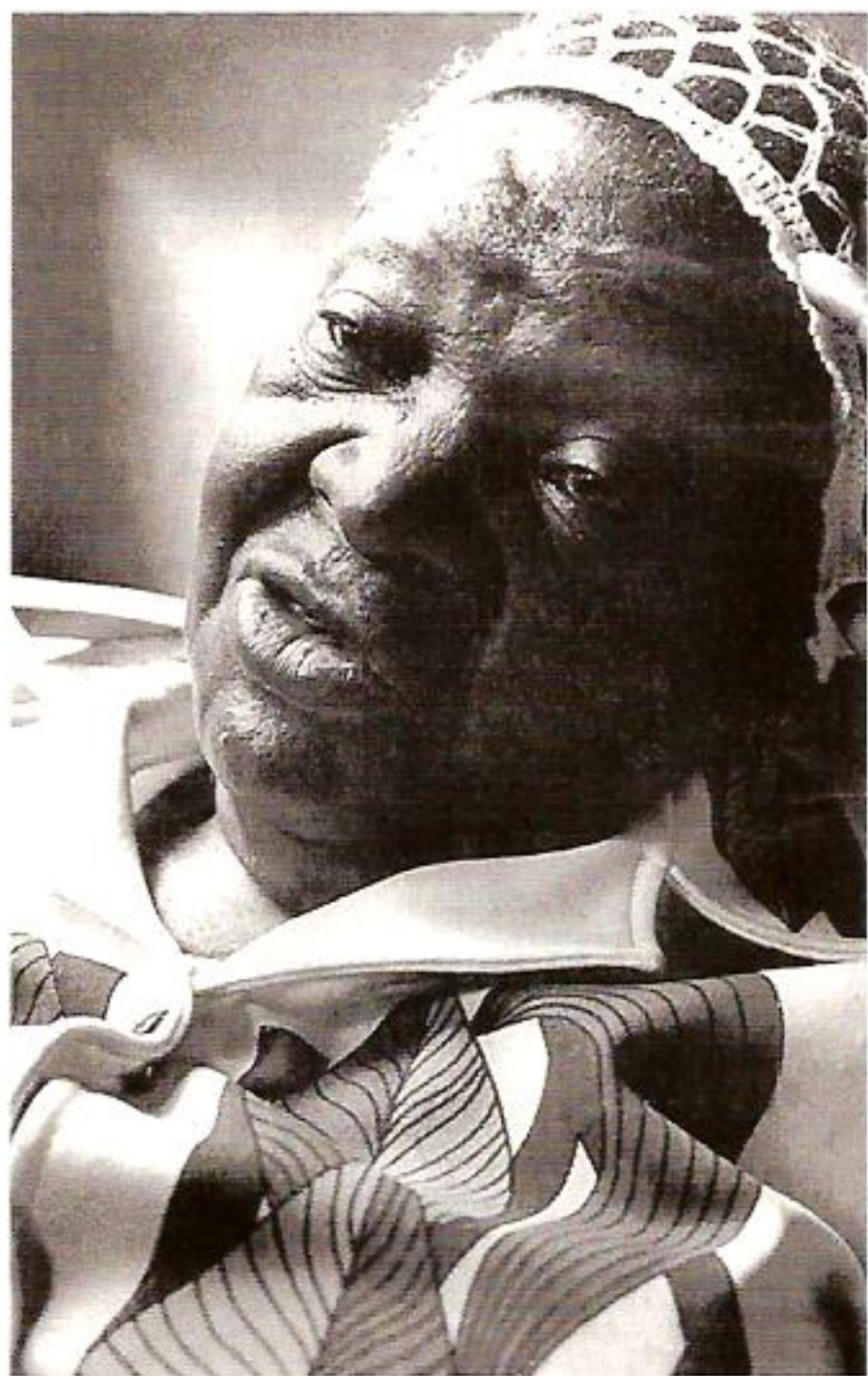
O samba de raiz, hoje, tem na "Marrom" Alcione e em Beth Carvalho, duas mangueirenses de boa cepa, suas mais importantes intérpretes. Beth orgulha-se de dizer que gravou nada menos que 49 músicas de compositores da Verde-e-Rosa, em especial Cartola e Nelson Cavaquinho.

E Elza Soares? Subiu o morro um cem número de vezes com a lata d'água na cabeça mas, graças a Deus, desceu para o asfalto para cantar o samba como ninguém, fazer o breque em alguns deles para encaixar um bibop inimitável. Elza mantém a forma invejável até hoje, beirando os 70 anos de idade com a mesma disposição, alegria e garra de quando começou. O samba "Mulata Assanhada", de Ataulfo Alves, tornou-se um clássico no vozeirão de Elza. É o tipo de música que só tem vida e graça na voz dela. Tornou-se emblemático, unha e carne de Elza, nome da casa de show da cantora, no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio. E ai dela se, num show que faça, em qualquer lugar e a qualquer hora, não cante "Mulata Assanhada", o samba de "mestre" Ataulfo que a colocou no pedestal da fama. Jovelina "Pérola Negra", que morreu ano passado, marcou sua passagem pelo vozeirão invejável e o jeito descontraído e moleque do grande sambista carioca. Ainda no ano passado, por seu timbre inigualável e sua colocação de voz perfeita, Nana Caymmi foi considerada a melhor cantora do Brasil em 98.

São elas as adoráveis cantoras do Brasil que a Revista da Mangueira-99 quer homenagear. Mas, sinceramente, nenhuma delas está ou passou aqui na Terra de forma tão singular como a mangueirense Clementina de Jesus. Entre as cantoras que merecem citação neste "Século do Samba" que a Mangueira traz para a avenida, Clementina de Jesus entra de forma muito especial. Para explicá-la, não é preciso nenhum esforço de memória. Até porque, ninguém foi tão autêntica e natural como Clementina de Jesus. Mulher simples do morro, ela só apareceu para o "show-bis" quando já era sexagenária. Mais precisamente, aos 62 anos de idade, no ano de 1965, no espetáculo "Rosa de Ouro", show que se tornou um divisor de águas na história da MBP. Se viva hoje, Clementina de Jesus teria, hoje, 96 anos a mesma idade do grande Carlos Cachça.

Clementina manteve sempre viva a figura da negra de estilo africano, com suas roupas e o torço na cabeça. Teve o privilégio de cantar e gravar com "monstros" sagrados como Pixinguinha e João da Baiana, imortalizou sambas como "Marinheiro Só", fez parceria vocal com Clara Nunes em "Embalá Eu", partido alto de rara firmeza, e cantou para sempre, como ninguém, o "Sonho Meu" de Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho.

A voz metálica e sinuosa de Clementina demorou décadas para ser ouvida e reconhecida pela mídia e pelo povo. Mas depois que foi ouvida, ganhou a luta com sobras e foi a legítima representante da alta qualidade das cantoras do Brasil neste "Século do Samba". Obrigado, Madrinha Clementina, galho forte do jequitibá mangueirense.



Clementina, fenômeno do Morro da Mangueira

Sandro Laurents é jornalista.

admiráveis

“REIS DO RÁDIO”

Antônio Tito

Na década de 30, este “Século do Samba” viu o samba sair da perseguição policial desenfreada e descabida para ocupar os auditórios das rádios. Começava o reinado de alguns dos maiores intérpretes da Música Popular Brasileira em todos os tempos. Começava, enfim, a era dos “Reis do Rádio”, os cantores que arrebatavam o público cantando com a força do seu próprio gogó porque os equipamentos da época eram simples e sem a qualidade do sistema digital de hoje em dia, quando os estúdios promovem verdadeiros milagres em interpretações sem a menor qualidade vocal.

Naquele reinado do rádio, um dos primeiros laureados foi Francisco Alves, que ganhou o apelido de “Chico Viola” por se acompanhar ao violão em diversas interpretações. Chico Alves também seria apontado como o “Rei da Voz”, um título que tornou-se tão marcante que virou nome de casa de eletrodomésticos no Rio.

Filho de portugueses, Francisco Alves nasceu no Rio de Janeiro em em 19 de agosto 1898 e morreu em 27 de setembro de 1952 quando, viajando em seu Buick de São Paulo para o Rio, espatifou-se na traseira de um caminhão na altura da cidade paulista de Taubaté.

Chico Alves começou seu reinado no rádio brasileiro em 1933, dois anos depois de ter mostrado sua categoria e qualidade em Buenos Aires, quando subiu ao palco para cantar um tango, numa clara rivalidade com o “Rei do Tango”, Carlos Gardel, que acabara de sair para os camarins.

Contra Francisco Alves, porém, sempre pesou a acusação de comprador de músicas. Noel Rosa que o diga, pois confessou certa vez que trocou de carro por conta de um samba negociado com Chico Alves, a quem deu “parceria”. O intérprete Chico Alves, entretanto, mereceu em vida e até a morte o título de “Rei da Voz” sem qualquer favor.

Se Francisco Alves projetou-se primeiro, Sílvio Caldas, mais novo do que ele dez anos, apareceu antes, com apenas 21 anos, cantando por cachês na Rádio Sociedade. Em 1930, Sílvio Caldas gravou seu primeiro disco na Victor, um samba de sua própria autoria intitulado “Amoroso”.

Sílvio Caldas nasceu a 23 de maio de 1908 no bairro de São Cristóvão, subúrbio da elite carioca da época. O “Caboclinho Querido” morreu aos 89 anos no dia 3 de fevereiro de 1998 no sítio em que viveu por 40 anos na pequena Atibaia, a 65 km da capital paulista. O intérprete famoso e carismático, que um dia chegou a dizer que no mundo não havia cinco cantores do seu quilate, morreu quase na miséria, ganhando R\$ 900,00 mensais de pensão e cerca de R\$ 2.500,00 por semestre de direitos autorais. Conta-se que num mes qualquer ele recebeu das arrecadadoras apenas R\$ 5,00 de direitos. Um absurdo.



Orlando Silva

No rastro de Silvio Caldas, na década de 30, apareceu aquele que seria considerado o maior cantor do Brasil em todos os tempos: Orlando Silva. Tudo começou em 1935 e um dia João Gilberto e Paulinho da Viola o apontariam como o ponto de referência do canto no Brasil. João Gilberto chegou a comentar: "Nunca ouvi ninguém cantar tão bonito." O baiano "Rei da Bossa-Nova" acrescentaria dizendo que o canto masculino no Brasil nunca seria o mesmo se não tivesse aparecido um dia Orlando Silva, ponto de referência para quem quiser ser cantor um dia.

Filho de um violonista do grupo "Os Oito Batutas", do grande Pixinguinha, Orlando Garcia da Silva nasceu no rio em 1915 e morreu em 1978, aos 62 anos. Foi um autodidata que os críticos consideravam "O PhD do canto no Brasil". Sua interpretação de "Carinhoso", de Pixinguinha e Braguinha, não tem similar. Sua força diante do público garantiu-se o título de "Cantor das Multidões" a partir do momento em que colocou 30 mil pessoas no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo, há quase 70 anos atrás. Um programa na Rádio Nacional, aos domingos, ao meio-dia, comandado por Eloísa Helene, diz bem o que foi a popularidade de Orlando Silva.

No fundo musical, Orlando dizia: "Na carícia de um beijo / Que ficou no desejo / Boa noite, meu grande amor..." . Eloísa Helena arrematava: "Ao soar das doze badaladas / Ao se encontrarem os ponteiros na metade do dia / A Casa Garçon apresenta / Orlando Silva, o Cantor das Multidões".

O seguidor mais fiel e mais perfeito do mito foi Nelson Gonçalves, para quem o "mestre" dedicou boa parte da sua vida e do seu prestígio ao indicá-lo para gravar o primeiro disco no início da década de 40. O Nelson Gonçalves seria eleito o "Rei do Rádio" nos idos de 1941/1942 e gravaria mais de duas mil músicas e venderia, segundo a RCA-BMG, coisa em torno de 78 milhões de discos ao longo da sua brilhante carreira de mais de 40 anos.

Nelson era gaúcho. Nasceu em 1919, foi criado em São Paulo, onde começou a cantar em praça pública, levado pelo pai, para faturar uns trocados, e morreu no Rio de Janeiro, em abril de 1998, aos 79 anos de idade. Nelson foi um guerreiro, tendo superado fases difíceis na vida como a entrega ao álcool e ao tóxico. Na juventude, foi lutador de boxe e não escondia de ninguém que gostava de uma briguinha de vez em quando. O último dos gênios da interpretação musical brasileira.

Por fim, em outro estilo mas cantor de forte personalidade pela simplicidade das interpretações, o sambista Ciro Monteiro, o "Formigão". Carioca do subúrbio do Rocha, O "Formigão" nasceu a 28 de maio de 1913. Aos 20 anos, Silvio Caldas convidou-o para participar do Programa



Francisco Alves

Casé, na Rádio Philips, substituindo Luis Barbosa. Em 1936, Ciro Monteiro gravou pela primeira vez cantando o samba "Perdoa", de Kid Pepe, Germano e Fadel. E começou a ganhar fama e dinheiro cantando ao lado de Carmen Miranda, Chico Alves e Mário Reis na Rádio Mayrink Veiga. Em 1937, lançou seu primeiro grande sucesso: "Se Acaso Você Chegasse", de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins.

O "Formigão", torcedor fanático do Flamengo, morreu aos 60 anos no dia 13 de julho de 1973, deixando órfãos neste "Século do Samba" os sambistas de raiz que o viram por 40 anos batucando numa caixinha de fósforos tal como faz hoje Elton Medeiros, de 67 anos, parceiro de Cartola e Paulinho da Viola.

Afinal, quem poderia deixar passar em branco, neste "Século do Samba", a figura marcante daquele negro grandalhão, risonho, simples, bonachão e gozador que um dia, ao saber do nascimento da primeira filha do amigo Chico Buarque da Mangueira, teve a ousadia de enviar uma camisa do Flamengo para um dos tricolores mais históricos deste País?

Foram eles os "Reis do Rádio" numa época em que cantar era sinônimo de ter vozeirão forte e de muita qualidade para soltar em público, sem os subterfúgios dos efeitos eletrônicos de hoje, quando a mímica em programas de auditório entra no lugar da voz de verdade, como no tempo dos "Reis do Rádio", os verdadeiros cantores da Música Popular Brasileira neste "Século do Samba".

Antônio Tito é jornalista. Colaborou o pesquisador musical Vladimir Rodrigues de Oliveira.

O Samba da dor de cotovelo

Lupicínio Rodrigues foi um gaúcho sensível, ao contrário do que se diz que gaúcho de verdade é gaúcho macho, tchê! As letras que ele fez refletiam a dor de cotovelo, tudo bem mas com uma sensibilidade dos gênios que sabem ganhar e perder o amor que imaginava infinito.

Lupe, como era carinhosamente chamado, nasceu a 16 de setembro de 1914 e morreu a 27 de agosto de 1974, aos 59 anos de idade. Nasceu e morreu em Porto Alegre, a cidade que amava com o mesmo fervor que amou a boêmia e o Grêmio de Futebol Portoalegrense. Lupicínio morreu de insuficiência coronária, uma semana após ser internado no Hospital Ernesto Dornelles. Ao ser levado para o hospital, um amigo, surpreso, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Lupe respondeu de pronto: "o coração, meu velho. O coração. Amou demais, deu nisso..."

Lupe foi um apaixonado inveterado, que levava a paixão às raias da obsessão, um caso de vida ou morte. Não foi por acaso que gravou em 1973 o LP "Dor de Cotovelo" e um dia escreveu "*E aí, eu comecei a cometer loucura / Era um verdadeiro inferno, uma tortura / O que eu sofria por aquele amor*". Um apaixonado capaz de vibrar com a derrocada do amor perdido em "*Eu gostei tanto, tanto quando me contaram / Que lhe encontraram chorando e bebendo na mesa de um bar*".

A música de Lupicínio ultrapassou as fronteiras dos pampas para chegar ao gogó afinado de Jamelão, seu principal intérprete, e ganhar os corações apaixonados Brasil afora. Nem quando fez samba Lupicínio deixou de lado a alma atormentada de quem estava traindo ou sendo traído. "Se Acaso Você Chegasse", gravada primeiro por Giro Monteiro e depois por Elza Soares de forma inimitável, mostra bem isso. Será que o amigo, abandonado pela mulher, iria brigar e trocar uma velha amizade só porque a dita cuja estava na casa dele?

Para Ângela Maria, voz de anjo barroco, coube na discografia de Lupicínio o samba-canção "Volta" - um apaixonado pedido para que a mulher que foi embora retorne ao lar, apesar de tudo e de todos. "*...Volta / Vem viver outra vez ao meu lado / Não consigo dormir sem seu braço / Pois meu corpo está acostumado*".

Poucos anos depois da morte de Lupe, Paulinho da Viola gravou "Nervos de Aço" com uma interpretação irretocável. A voz aveludada e tranqüila de Paulinho encaixou-se perfeitamente no lamento do compositor gaúcho. "*Você sabe o que é ter um amor / Meu senhor? / Ter loucura por uma mulher / E depois encontrar este amor / Meu senhor, nos braços de um tipo qualquer?*".

No vasto repertório de Lupicínio Rodrigues, Jamelão gravou "Ela Disse-Me Assim" de forma definitiva. Ninguém jamais ousou desafiá-lo

nesta canção que varou anos com a mesma interpretação do "Gogó de Ouro" da Mangueira: "*Ela disse-me assim / Tenha pena de mim / Vai embora / Vais me prejudicar / Ele pode chegar / Está na hora / E eu não tinha motivo nenhum / Para me recusar / Mas aos beijos caí em seus braços / E pedi pra ficar / Sabe o que se passou / Ele nos encontrou / E agora / Ela sofre somente porque / Foi fazer o que eu quis / E o remorso está me torturando / Por ter feito a loucura que fiz / Por um simples prazer / Fui fazer meu amor infeliz*".

Uma semana antes de morrer, Lupicínio disse na sua última entrevista: "Minhas músicas são sempre tiradas de coisas reais". O que mais acrescentar?

No samba-canção da dor de cotovelo, uma mulher se destacou - e como - com obras belíssimas e cheias de lamentos e dor. De batismo chamava-se Adiléia da Silva Rocha, carioquíssima da gema, nascida no bairro da Saúde em 7 de junho de 1930. Seu nome artístico poderia ser comparado às letras sofridas das suas canções - Dolores (Dor, em espanhol) Duran -, que em consequência de uma doença cardíaca congênita morreria com apenas 29 anos de idade, no dia 23 de outubro de 1959. Menos pior porque morreu dormindo, depois de mais uma noite que compreendeu primeiro o Little Club, depois uma festa no Clube da Aeronáutica e, finalmente, a esticada no Kilt Club, até chegar em casa com o dia claro.

Nos últimos momentos em vida, Dolores Duran pediu à empregada e amiga, Rita, que a deixasse "dormir até morrer" porque não se agüentava de tanto cansaço. Seria uma manhã de sábado bem relaxada na cama para de novo se enfiar numa noite pelos bares de Copacabana. Não foi. Foi, na verdade, o sono da morte.

Na época, chegaram a dizer que Dolores Duran tinha feito a confissão de uma suicida em potencial, mas sua irmã Lela garante que Dolores jamais imaginou tal coisa. O que na verdade existia era que Dolores sabia da doença que tinha e, por isso, queria viver intensamente todos os momentos. Fez isso ao pé da letra.

Lela, a empregada Rita e o amor da vida dela, Nonato Pinheiro, que está vivo em São Paulo, aos 60 anos de idade, garantem que Dolores Duran, ao contrário das músicas que fazia, era uma pessoa alegre e sensível, que adorava contar **causos**. Um desses **causos** aconteceu quando Dolores foi ao oftalmologista para um exame. Saiu com uma receita para fazer um par de óculos. O preço dos óculos era tão caro que ela comentou com a irmã, Lela: "Com esse dinheiro, compro uma bengala, alugo um cachorro e ainda sobra uns trocados para gastar na noite".

A imagem de tristeza atribuída a Dolores Duran está associada às letras dos sambas canções que compôs em sua curta mas brilhante

carreira. Agostinho dos Santos, Maysa ex-Matarazzo e Mariza Gata Mansa foram intérpretes fiéis, competentes e constantes. Maysa immortalizou "A Noite do Meu Bem".

- *"Hoje, eu quero a rosa mais linda que houver / E a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem..."*



Dolores Duran: Uma das mais belas vozes da "fossa"

Mariza cantou, com requinte, "Castigo".

- *"A gente briga / Diz tanta coisa que não quer dizer / Briga pensando que não vai sofrer / Que não faz mal se tudo terminar..."*

Agostinho dos Santos, morto tragicamente num desastre aéreo quando chegava a Paris, gravou "Fim de Caso".

- *"Eu desconfio / Que o nosso caso está na hora de acabar / Há um adeus em cada gesto, em cada olhar / Mas nós não temos é coragem de falar..."*

Tudo que se falou do sofrimento de Dolores Duran talvez esteja sintetizado na letra de "Solidão", que Maysa ex-Matarazzo, também tão melancólica, gravou de dentro para fora como se a voz saísse das entranhas:

*"Ai, a solidão vai acabar comigo
Ai, eu já nem sei o que faço, o que digo
Vivendo na esperança de encontrar
Um dia um amor sem sofrimento
Vivendo para o sonho de esperar
Alguém que ponha fim ao meu tormento
Eu quero qualquer coisa verdadeira
Um amor, uma saudade
Uma lágrima, um amigo
Ai, a solidão vai acabar comigo".*

Talvez tenha mesmo acabado, infelizmente. Mas por que, meu Deus, tanta tristeza e melancolia numa mulher que entre os íntimos era tão viva e tão alegre?

Um outro gênio desse gênero musical foi Antônio Maria, o mais carioca dos pernambucanos. Nascido a 17 de março de 1921, no Recife, veio cedo para o Rio, onde morreu ainda jovem, de enfarte, 43 anos, no dia 15 de outubro de 1964. Viveu intensamente a noite, foi um dos boêmios mais requisitados, divertidos e engraçados de uma época em que o bonde circulava pelas ruas da Cidade Maravilhosa e o povo podia caminhar tranqüilamente a qualquer hora do dia ou da noite.

Antônio Maria frequentou com a mesma desenvoltura as rodas do "soçate" e os botecos "pé sujos". Fundamental era ter mulher bonita e birita. Fazia música triste, sim. É de autoria dele alguns dos melhores sambas-canções da história da MPB. Mas no fundo, no fundo, aquele comportamento era também para impressionar as mulheres, já que era tido como um incorrigível sedutor. Na intimidade, Antônio Maria era um gozador, um brincalhão, um cara de bem com a vida, um pernambucano que assimilou com facilidade o espírito do carioca. Basta lembrar uma de suas tiradas na noite, ao sair da Boate Zum-Zum, quando colocou no bolso do paletó do porteiro, seu velho conhecido, ao invés de dinheiro, duas pedrinhas de gelo, dizendo com ar grave: - "Toma, amigo, isso é para o teu uísque!"

Pois esse Antônio Maria, gordinho e brincalhão, foi um dos craques do samba-canção neste "Século do Samba. Compôs obras que ficaram para sempre. "Manhã de Carnaval" é uma delas: "**Manhã, tão bonita manhã...**", gravada com a conhecida beleza por Elizeth Cardoso. A "Divina" também gravaria "A Rosa": "*Guarda a rosa / Que eu te dei / Esquece os males / Que eu te fiz / A rosa, vale mais que a tua dor*".

Ficou para Maysa Matarazzo deixar para sempre, com sua voz rouca e firme, a "Canção da Volta": "*Nunca mais vou fazer / O que meu coração pedir / Nunca mais vou fazer / O que meu coração mandar...*".

Mas não pensem que Antônio Maria só descrevia a tristeza e a "fossa". No inesquecível Litle Club e no famoso Beco das Garrafas, ele, pernambucano do Recife, fez a reverência ao Rio, que o acolheu desde cedo, compondo "Valsa de Uma Cidade", gravada pela primeira vez por Lúcio Alves: "*Rio de Janeiro / Gosto de você / Gosto, de quem gosta / Desse céu, desse mar, dessa gente feliz / Bem que eu quis escrever um poema de amor, amor / Calçada cheia de gente a passar / E a me ver passar...*".

Cronista de um lirismo invejável, escreveu mais de 3 mil crônicas. Numa delas, mandou o seguinte recado: "Para os chamados grandes homens, a mulher é sempre uma aventura. De tarde, sempre. Aquela mulher que chega se desculpando; e se despe, desculpando-se; e se crispa ao ser tocada; e cerra os olhos, com toda força, com todo desgosto, enquanto dura o compromisso. É melhor ser-se um 'pequeno homem'".

Ah!, gordinho genial e brincalhão, quanta saudade, não é Antônio Maria Filho?

MECTUBO

Com a Nação

Verde-e-Rosa

no Século do Samba



MECTUBO

ESTRUTURAS TUBULARES LTDA.

Av. Rio Branco, 45 sl.207/208

Centro - Rio de Janeiro

CEP: 20090-003

Fone/Fax: (021) 283-0403



Jamelão, 50 anos cantando na avenida

José Bispo Clementino dos Santos - Jamelão - foi o maior intérprete das músicas de Lupicínio Rodrigues. Seu primeiro sucesso foi com a gravação de "Folhas Mortas", de Ari Barroso, mas ele já cantava Lupicínio sem sequer conhecer o gaúcho autor de "Ela Disse-me Assim", gravação inigualável e inimitável do grande intérprete da Mangueira dos últimos 50 anos.

Carioca de São Cristóvão, onde nasceu em 12 de maio de 1913, Jamelão mudou-se para Vila Isabel, onde vive há cerca de 70 anos. Na Mangueira ele chegou em 1933, quando tinha 20 anos. Foi para a bateria da Escola tocar pandeiro e tamborim. No Buraco Quente, há uns 65 anos atrás, Jamelão teve a honra e o privilégio de conhecer bambas como Carlos Cachça, Cartola, Saturnino, Gradim e Malvadeza. Em 1949, ganhou a chance de cantar pela primeira vez o samba enredo da Verde-e-Rosa. Canta até hoje.

É de Jamelão este depoimento inédito sobre a amizade com Lupicínio Rodrigues no início da década de 50:

inédito:

COMO JAMELÃO CONHECEU LUPICÍNIO

Altair Baffa

Conheci Lupicínio Rodrigues quando cantava no Dancing Brasil, na Cinelândia. Eu estava cantando músicas dele, sem saber quem era ele. E o Lupicínio estava lá, na minha frente, vendo eu cantar "Ela Disse-me Assim". Também cantei "Folhas Mortas", do Ari Barroso, a primeira música romântica do Brasil. O Lupicínio se aproximou, se apresentou e me disse que gostou muito da minha maneira de cantar. Conversamos bastante e ele se mostrou amigo, disse que tinha gostado do meu comportamento. Ficamos amigos. Aí comecei a gravar o Lupicínio e fui um dos seus intérpretes mais fiéis.

Em 1954, gravei "Risque", também do Ari Barroso. Já estava na Rádio Tupi e depois passei para a Rádio Nacional. Também estive pela Mayrink Veiga, num tempo em que o povão ia para os programas de rádio e fazia fila enorme na porta da rádio para comprar ingresso. Era uma coisa de maluco. As pessoas chegavam às cinco horas da manhã para ficar na fila e garantir lugar no auditório. Lembro que a Praça Mauá, onde é a Rádio Nacional, ficava abarrotada de gente desde a madrugada para comprar o ingresso. Era uma coisa incrível.

Eu trabalhava na Fábrica Confiança de Tecidos, em Vila Isabel. Mas com o tempo, e sentindo que a carreira de cantor estava indo bem, pedi demissão e me dediquei à carreira artística. Cantei em algumas das principais gafieiras e dancings do Rio de Janeiro, como a Gafieira do Méier, o Dancing Eldorado, na Praça Tiradentes, e o Dancing Brasil. Quem me colocou na noite foi o Onécimo Gomes, um grande amigo que sempre me incentivou e me apoiou na carreira. Minha primeira gravação foi entre 1949 e 1950. Veja você que lá se vão 50 anos de carreira sempre com o mesmo estilo.

Depoimento de Jamelão dia 17 de janeiro de 1999, no Barracão Cultural da Praça XI, ao lado do amigo Alberto Miranda, o Beto "Fim de Noite".

GORDINHO brincalhão

Antônio Maria Filho

Antônio Maria não era fácil. Chegava em casa "cedinho". Lá pelas seis da manhã, chegava todo fagueiro, lendo o jornal e cantarolando suas músicas. Se coincidissem com o meu horário de ir para o colégio, fazia questão de me levar no seu Cadillac branco, rabo peixe, conversível e ainda cheirando a novo. No caminho, muita conversa. Numa dessas de viagens do Jardim Botânico para Copacabana, perguntou-me:

- Já arrumou namorada, meu filho?

Encabulado, respondi:

- Ainda não. Mas quase...

E ele emendou:

- Está igual a mim. Ninguém te ama. Ninguém te quer...

Ele era assim. Engraçado, espirituoso, divertido. Muito mais um amigo do que propriamente pai. Nunca dizia não. Uma vez, em Cabo Frio, já na minha adolescência, pedi que me emprestasse o carro cedinho. Enquanto estivesse dormindo, eu iria até o bar da Ogiva para tomar o café da manhã.

Quando ele chegou em casa, eu já havia "apagado". Ao acordar, encontrei o seguinte bilhete: "Meu filho, a chave do carro está no bolso do pijama. Vá, mas por favor não me acorde. Mas como você pagará a chave sem me acordar? Mas se conseguir..."

Essa era a forma de dizer "não". Nem zangado fiquei.

Compositor de músicas tristes, fazia com que as mulheres morressem de pena dele. Sua sensibilidade era imensa, mas o Antônio Maria que eu conheci, o gordinho que às vezes me levava ao colégio, era um brincalhão. Um dia, pegou o meu fichário do colégio e abriu na matéria "Alemão". Intrigado, perguntou:

- Você está estudando alemão pra quê?

- Sei lá, respondi.

Você nem fala inglês, por que vai estudar alemão?

- Ué, pergunte à diretora.

No dia seguinte, ele escreveu uma crônica muito engraçada. Contou que seu filho de 12 anos tinha planos de fugir para a Alemanha

com a diretora do colégio. Os detalhes da fuga descritos por ele, só você lendo. E o que aconteceu comigo quando me deparei com a diretora, no dia seguinte, ao chegar na escola, só estando presente.

Ele era assim e muito mais. Lá em casa, era um eterno entra-e-sai de gente importante. Eu me sentia íntimo de Di Cavalcanti. Menino ainda, ria de rolar com a imitação que o Di fazia da coreografia das vedetes do teatro rebolado. Quantas vezes fui com papai ao pequeno apartamento de Rubem Braga, em Ipanema.

No "Bar Veloso", agora "Garota de Ipanema", gostava de escutá-lo nos papos com Vinícius de Moraes e Rubem Braga. Reinaldo Dias Leme, um locutor que acabou contratado para trabalhar nos Estados Unidos, ria tanto daquelas histórias, mas ria tanto, que às vezes terminava chorando. Aliás, foi a única pessoa que realmente vi chorar de tanto rir. Chorar mesmo. Todos sérios e ele chorando, como se estivesse triste, inconsolável, sofrendo.

Nas ruas, Antônio Maria falava e brincava com todo mundo. As pessoas passavam e o reconheciam. A televisão já começava a criar seus mitos. Meu pai era uma dessas estrelas. Do porteiro do prédio número 200 da Barata Ribeiro ao presidente da República, todos faziam questão de cumprimentá-lo.

Numa ocasião, passeando de carro com ele pela Avenida Atlântica, ouvimos uma buzina. Do banco de trás, um senhor sorridente acenou com a mão e gritou: "Antônio Maria".

Menino ainda, duvidei do que via.

- Papai, não é o Juscelino (Kubistchek, então presidente da República)?

- É... - respondeu com a maior naturalidade.

Não disse mais nada. Fiquei apenas admirando aquele perfil bem gordinho de uma pessoa feliz da vida. Procurando a voz de Nora Ney ou Dolores Duran, intérpretes de suas músicas, no dial do rádio do seu Cadillac branco, rabo de peixe, conversível e ainda cheirando a novo.

Antônio Maria Filho é jornalista.

O CLUBE DA BOSSA-NOVA

No "Século do Samba", um movimento ganhou as manchetes da Imprensa brasileira, ultrapassou nossas fronteiras e se tornou marca registrada do talento musical brasileiro. A Bossa Nova, que ano passado completou 40 anos, começou como um descontraído e descompromissado encontro de jovens talentos que gostavam de "tocar um violãozinho e cantar uns sambinhas", e acabou se tornando um novo ritmo brasileiro que encantaria o mundo.

O "Clube da Bossa Nova" surgiu no belo apartamento de Nara Leão de frente para o mar de Copacabana, na Avenida Atlântica quase esquina da Rua Constante Ramos. Lá se reuniam Roberto Menescal, Carlos Lyra, Luis Carlos Vinhas, Luizinho Eça e Ronaldo Bôscoli, além de Nara. Volta e meia apareciam por lá Tom Jobim, Lúcio Alves, Silvinha Telles e Vinícius de Moraes. Não é difícil imaginar a qualidade musical desses encontros?

O grupo foi ganhando consistência e já fazia pequenos shows, cantava nas festinhas dos amigos, até que um dia acertou um show na Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro. Pouco antes de o show começar, um susto. É Roberto Menescal, um dos fundadores da Bossa-Nova, quem conta: "Uma pessoa da organização apareceu e disse: 'O trânsito na cidade está parado'".

Menescal resmungou, contrariado, dizendo que era muita falta de sorte, logo na hora do show deles, o que poderia prejudicar a presença do público. Nem bem acabou de reclamar e o funcionário completou: "Calma, gente. O trânsito parou na cidade justamente por causa do show de vocês".

Era o que faltava para o grupo Ter a exata noção de que a Bossa-Nova não era mais um simples encontro de amigos para "tocar um violãozinho e cantar uns sambinhas". A Bossa-Nova era uma realidade, o "O Barquinho" estava sereno nas águas do sucesso, o "Desafinado" começava a afinar a grandeza do novo ritmo e o "Corcovado" tinha sua eterna beleza gravada em vinil.

Pois é sobre este movimento grandiosos, moderno e histórico que Luis Carlos Miele fala à Revista da Mangueira-99. Há quarenta anos, desde que era cronista da extinta TV-Continental, em 1959, Miele vive os bastidores daquele movimento e é, sem dúvida, o maior dos contadores de "causos" a respeito do grupo.

A Bossa-Nova nasceu e se consagrou neste "Século do Samba" e ninguém melhor do que Miele para escrever com seu habitual brilho e dar sua inestimável colaboração à Nação Mangueirense.

Roberto Menescal



Tom Jobim

40 ANOS DE BOSSA NOVA

Luis Carlos Miele

Antônio Carlos Brasileiro de Almeida e Jobim foi convidado para fazer parte da história da Mangueira através da homenagem que recebeu em 1992. Reagiu à altura da homenagem e de seu talento, com o samba que compôs em parceria com Chico Buarque de Holanda: – “Mangueira, estou aqui na Plataforma da Estação Primeira, o samba mandou me chamar. De terno branco e chapéu de palha, vou me apresentar, a minha nova parceria, já mandei subir no piano para Mangueira...”. Nessa música, Tom ratificou o encontro do morro famoso com a Bossa-Nova. Na verdade, os rótulos servem apenas para que os não iniciados identifiquem os inúmeros estilos musicais que cantam o Brasil.

Talvez nenhum outro país do mundo possua tantas correntes musicais diferentes quanto o Brasil. A música do morro, a urbana, o axé, a do Sul, a sertaneja que já foi caipira e hoje tem a roupagem dos grandes concertos de rock, nas apresentações populares de seus ídolos. A Bossa-Nova só foi chamada de nova para marcar a entrada da rapaziada dos apartamentos da Zona Sul no palco da Música Brasileira. E nem foram seus principais criadores que escolheram o nome.

Num show no Círculo Israelista do Rio de Janeiro, Silvinha Telles, já profissional, convidou para fazer uma participação no seu show um grupo jovem formado por Roberto Menescal, Chico Feitosa, Luis Carlos Vinhas, etc... Um dos organizadores do evento, (tenho quase certeza que o jornalista Moysés Fucks) escreveu no quadro de avisos: – “Hoje, grande show com Silvia Telles e um grupo de Bossa-Nova”.

Ronaldo Bôscoli, autor do imortal “O Barquinho”, leu aquilo e sentiu que o “nova” caía como uma luva na “Bossa”, que o carioca sempre teve, e de sobra. Ou alguém conhece algum sambista da Mangueira sem “Bossa”? De qualquer maneira, de 40 anos para cá, o nome existe, resiste e é respeitadíssimo em todo mundo. Nos Estados Unidos e Japão, tem até mais mercado que aqui no Brasil. E mesmo na primeira obra importante de dois dos mais importantes personagens da Bossa-Nova, Tom & Vinícius, o morro era o artista principal.

“Orfeu”, que foi tanto da Conceição quanto do Carnaval, no teatro e no cinema, contava uma história que se passava talvez no Salgueiro, talvez na Mangueira, mas no morro. Um morro branco, é verdade, na música de Tom & Vinícius, violão de Luiz Bonfá, nos cenários de Oscar Niemeyer, mas negro também nos talentos de Aroldo Costa, Léa Garcia e Marpeza Down, mulata americana que daria o maior pé como destaque na avenida. Creio que o Vinícius

ficou preocupado para o resto da vida com o que poderiam chamar da presença de “Um Branco no Samba”. Tanto que não sossegou enquanto não declarou que era o capitão do mato, Vinícius de Moraes, o branco mais preto do Brasil, e que o samba era branco na poesia, mas é negro demais no coração. Bem, Vinícius era muito sincero em relação a isso, trançava muito bem as pernas, fosse com uma alemã loura da Lufthansa, fosse com uma filha, ou mesmo sobrinha de Mãe Menininha do Gantoá. E mesmo o Tom, embora confesse (ou disfarce) na letra do samba novo que a sua música não é de levantar poeira, mas pode entrar no barracão.

O Tom está apenas botando o preto no branco. E no verde. E no rosa. Eu adorei essa homenagem da escola a Tom, pois fui convidado para participar do desfile, e quando pedi para ir no chão, sambando, um dos assistentes do carnavalesco, desconfiado, sugeriu: – “Miele, acho que você vai se sentir melhor num dos carros dos “Amigos do Tom”. Com você, vão a Nana Caymmi, a Márcia Peltier, a Helô Pinheiro, a Garota de Ipanema, o Hugo Carvana e o Alberico, dono da Plataforma. Quando eu perguntei se a gente tinha que fazer alguma coreografia ele me respondeu que não, que o carro representava um bar, que nós iríamos numas mesinhas, cantando o samba e tomando uísque. Como era para o bem do Brasil e do samba, topei o sacrifício, cantando, bebendo e chorando, como convém a grande emoção do carnaval.

De qualquer maneira, a Bossa-Nova sempre amou o suingue e o balanço do samba tradicional e se procurou outros caminhos, foi nas letras e na harmonia. E o samba, quase me deve uma. Quando eu e o Ronaldo estávamos montando um show chamado “Gemini V”, que foi realizado por Pery Ribeiro, Leny Andrade e Luiz Carlos Vinhas (outro grande mangueirense) a Beth Carvalho fez um teste com a gente. Acharmos que não era muito a praia dela. Ela não deu a menor bola, pegou o cavaquinho, tomou uma lotação da praia para o morro, e transformou-se numa das primeiras damas do samba. O Zé Ketty já escreveu de encomenda um samba para um programa nosso da TV Excelsior (“acender as velas, já é profissão...”). Eu e o Bôscoli fizemos o pedido, ele entregou o samba em menos de 24 horas. A Nara Leão, musa da Bossa-Nova, entendeu tudo antes da gente. O Carlinhos Lyra, também, e a Bossa-Nova pede passagem para acompanhar a escola, porque sempre, e mais do que nunca, é preciso cantar.

Luis Carlos Miele é Jornalista e Produtor Musical

Samba Exportação

LUIZ CARLOS VINHAS

Nascido na Tijuca, sob o signo de Touro, Luiz Carlos Vinhas começou a tocar aos quatro anos de idade.

Iniciou seu trabalho profissional como pianista ao lado de Norma Bengell e João Gilberto, levando a MPB para o exterior, tocando em países como Paraguai, Chile, Argentina e Uruguai. Posteriormente, realizou uma longa turnê nos principais palcos do mundo ao lado de Maysa.

Foi em 1960, no Beco das Garrafas, que Vinhas, ao lado de Tião Netto e Edson Machado, formou o Bossa 3, o primeiro trio instrumental de MPB a gravar um disco no exterior, em Nova York. O Bossa 3 se uniu a Leni Andrade e Peri Ribeiro, juntos formaram o Gemini 5, sob a direção de Miéle e Bôscoli. Esse show marcou época no Rio de Janeiro e fez tanto sucesso que foi levado ao México onde esteve em cartaz por 3 anos.

De volta ao Brasil, acompanhou a então iniciante Elis Regina e juntos gravaram um L.P. com arranjos de Erlon Chaves. Em seguida transferiu-se para São Paulo e tocou com Maria Betânia.

A partir de 1965 começou sua carreira solo. Tocando Música Popular Brasileira foi apontado como "um dos melhores pianistas da América do Sul" pelo jornal italiano *Il Messaggero*.

No Rio Palace, Vinhas abriu shows de artistas consagrados como Frank Sinatra, Julio Iglesias e Barry White.

Mangueirense fiel, Vinhas conheceu a escola em 1967, e este ano tocou na avenida o enredo em homenagem a Chico Buarque que deu o campeonato à Escola.

Sua discografia reúne 26 trabalhos, entre L.P.s e C.D.s, totalmente dedicados à MPB (Bossa Nova, Pagode, Samba-enredo, etc.). Seu último CD, gravado em 1997, foi "Um piano na Mangueira". Atualmente o pianista toca no Iate Clube do Rio de Janeiro e dá continuidade à sua carreira realizando shows por toda parte.

Depois de uma temporada de um ano na Itália, o pianista Luiz Carlos Vinhas, considerado o caçula dos grandes nomes da Bossa Nova, retornou ao Brasil, ano retrasado, com a mesma paixão pela MPB mas também com a influência da música internacional.

Desde que chegou, Vinhas lançou-se em trabalhos que tiveram grande sucesso. Fez três meses de casa lotada no Vinícius Piano Bar, onde seu show mereceu elogios até do sisudo jornal *New York Times*.

Gravou participações em quatro CDs sobre a história da Bossa Nova, sendo que em um deles, "Forma, A Grande Música Brasileira", sua interpretação para a famosa música *Pensativa*, de *Claire Fischer*, foi indicada pelo próprio compositor americano como a melhor de todas as dezenas de gravações existentes.

Ano passado, Vinhas lançou outro CD - *Um Piano na Mangueira* - onde interpetra, de forma inédita e excepcional, os compositores da sua Escola de Samba de coração. O disco resgata todo o *clima* característico da mistura de samba e jazz, que consagrou a Bossa Nova no mundo inteiro.

Este ano, foi dedicado aos shows e apresentações fechadas. Tanto com seu grupo acústico como com o grupo de "dancing", Vinhas continua encantando as platéias com o suingue de seu piano. No início de 98, ele entrará novamente em estúdio para gravar outro CD, desta vez acompanhado de orquestra.

Aos 55 anos de idade, 37 de palco, e com uma discografia que inclui 24 LPs e 7 CDs, Luiz Carlos Vinhas confere a qualquer apresentação o talento e o "clima" que agradam a todos os tipos de platéia.



Leni de Andrade

PARTIDO ALTO coisa de bambas

Por César Fontes

O **Velho Batuqueiro** está vivo e forte, e ainda faz o Terreirão do Samba dançar ao som dos partidos cantados com a voz rouca e estridente dos velhos tempos. O outro, o **Rei do Partido Alto**, morreu em janeiro de 1993, aos 80 anos, deixando para a história do samba a marca do carioca do Estácio que sabia versar como ninguém e falar com a fluência dos letrados, embora semi-analfabeto, flexionando os pronomes e forçando a letra "i" em palavras como geladeira, frigideira, lavadeira e todas as outras do gênero.

Em comum, os dois tinham a perfeição das rimas para os versos de improviso exigidos pelo partido alto. De quebra, uma outra peculiaridade: nasceram no mesmo bairro, o Estácio, berço do samba e de bambas como Ismael Silva, o fundador da primeira Escola de Samba brasileira, a Deixa Falar, e amigos como Paulo da Portela e Silas de Oliveira, entre outros "Pelés" das rimas e dos versos.

O **Velho Batuqueiro** atende pelo nome de Olivério Ferreira, o Xangô da Mangueira, nascido a 19 de janeiro de 1923. O **Rei do Partido Alto**, que subiu para o andar de cima há seis anos, cego, sozinho e debilitado, era Aniceto Menezes da Silva Júnior, o Aniceto do Império Serrano, Escola de Samba que ele ajudou a fundar, em 1947, ao lado de bambas como Antônio Fuleiro, Sebastião de Oliveira, o Molequinho, João Gradino, o Mocarongo, e vários outros parceiros da Rua Buriti e do Morro da Serrinha.

Fuleiro não tinha nenhum receio em dizer que Aniceto "foi o maior repentista da história do samba". Aniceto era do tipo que gostava das palavras difíceis e por isso era o orador oficial nas solenidades na quadra do Império.



Xangô da Mangueira

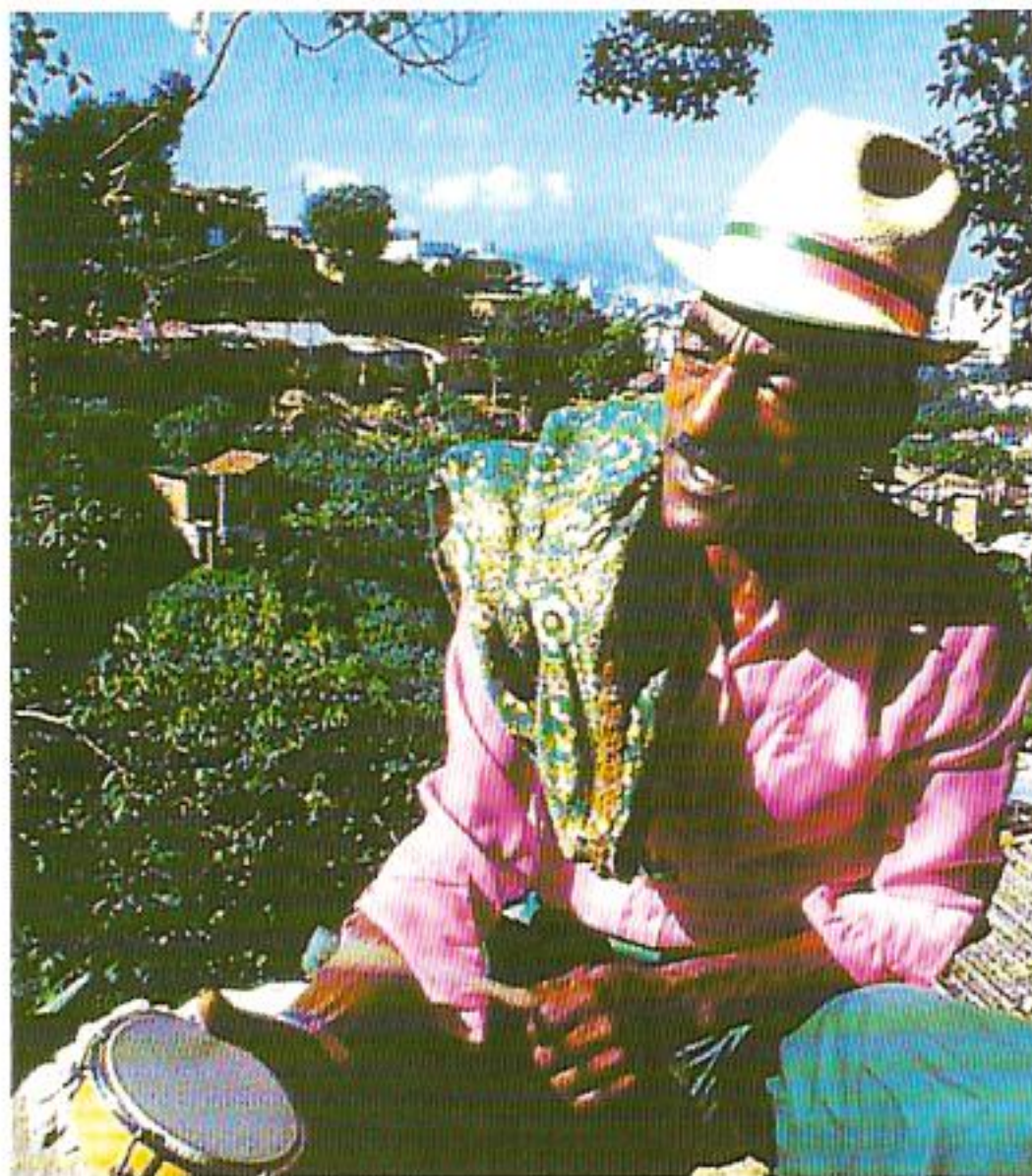
SAMBA DE TERREIRO, QUE SAUDADE!

Altair Baffa

Por uns 30 a 35 anos, entre 1940 e 1975, mais ou menos, as Escolas de Samba tiveram uma vida musical bem diferente da que vivem agora. Naquele tempo, a Ala de Compositores exigia estágio dos pretendentes a poetas do samba de raiz, para provar competência, os interessados deveriam compor bons sambas de quadra. Era uma época em que as quadras das Escolas eram animadas pelos tais "samba de terreiro" - ou sambas de meio de ano, para alguns -, apresentados com muito zelo para serem ouvidos, quem sabe, por cantores e produtores musicais de gabarito que pudessem levá-los a uma gravadora e se tomarem sucesso.

De uns anos para cá, porém as quadras não ouvem mais os sambas de terreiro. O domínio absoluto é dos sambas-enredo. Canta-se o hino oficial (o samba-enredo do próximo desfile), canta-se o samba do ano anterior e de anos atrás, canta-se o hino oficial da Escola coirmã e faz-se até pout-porri de sambas-enredo de várias Escolas. Mas samba de terreiro, nunca mais.

Para não cometer erro em injustiça, vamos evitar a frase "nunca mais" porque a Mangueira mantém a tradição de só abrir os trabalhos no Palácio do Samba depois que **Beto Fim de Noite**, o locutor oficial, canta o magnífico "Cenário", samba de terreiro de Enéas Bispo e Aloísio, composto em 1954, e que venceu o concurso na quadra que existia na antiga Cerâmica. Uma letra antológica, que diz:



Padeirinho fez um samba que revolucionou a vida do Rio

"Mangueira teu cenário é uma beleza / Que a natureza criou / O morro com seus barracões de zinco / Quando amanhece, que esplendor / Todo mundo te conhece ao longe / Pelo som dos seus tamborins / E o rufar do seu tambor / Chegou, ô ô / A Mangueira chegou, ô ô".

Na década de 30 Babaú permitiu a Aracy de Almeida consagrar-se gravando o samba "Ai, Ai, Meu Deus". Sucesso absoluto. Orlando Silva, "O Cantor das Multidões" gravaria de Zé da Zilda um samba que mais tarde foi outro grande sucesso: "Aos pés da Santa Cruz". Geraldo Pereira desceu o morro de Mangueira para entregar a Giro Monteiro "Falsa Baiana".

O Samba de Terreiro continuou fazendo história. Jamelão gravou "Eu Agora Sou Feliz", autoria de Mestre Gato e, no mesmo embalo o "Mora no Assunto", do grande Padeirinho, um samba retratando as gírias cariocas que revolucionou as rodas de bambas de 30 anos atrás.

Naquela época, recorda o compositor Anésio dos Santos, o Comprido, com a experiência e conhecimento de mais de 50 anos de Mangueira, a

O Século do Samba

quadra da Cerâmica era num areal com iluminação precária, sem qualquer palanque e nenhum conforto e comodidade. Tinha, isto sim, e de sobra, o calor humano da “Nação Mangueirense”.

“O palanque era uma cadeira onde o Geraldo Brechó subia para dar informações e cantar um samba ao som do violão do Nelson Sargento, que era o presidente da Ala de Compositores, acompanhado de pandeiro e tamborim - lembra Comprido.

“Era tudo no gogó”, como costuma dizer Jamelão, que estreou como intérprete da Mangueira naquela época, 1949-1950. Para culminar, muitas das pastoras não sabiam ler. Assim, não adiantava entregar prospectos com a letra do samba. “Elas aprendiam escutando e depois cantando”, explica Comprido.

Até o final da década de 50, a preferência dos compositores era pelos sambas de terreiro, confirma Darcy Fernandes Monteiro, o Darcy da Mangueira, 66 anos de idade e 52 de Escolas. Darcy fala com entusiasmo daquela época, quando fez prova de suficiência na Ala de Compositores da Verde-e-Rosa sob a supervisão de Nelson Sargento, o presidente da ala.

- Com nove anos de idade já freqüentava as rodas de samba da Unidos da Tijuca, lá no Morro do Borel, onde nasci, levado pelo meu pai, Benedito Monteiro, um dos fundadores da Escola, que era o Diretor de Harmonia. Era samba puro, todos marcando com palmas, samba de roda da maior qualidade - lembra Darcy.

Os homens usavam paletó e gravata, na maior chinfra, ou calça larga e chinelo charlote. As mulheres, saias rodadas e longas, sapatos “Ana-Bela” com saltinhos para facilitar o saracoteio na hora de rodar. Um dos partidos altos que Darcy ouviu naquelas rodas tinha este refrão: **Minha mãe mandou dizer / Mandou, mandou...** para chamar os que quisessem ou soubessem versar.

As pastores eram negras de voz afinadíssima e bem colocada, que faziam o coro e marcavam o ritmo com palmas. “Elas cantavam como no candomblé”, explica Darcy da Mangueira. Os homens jogavam pernada com o cuidado de, ao chamar o parceiro, perguntar se era “à vera” ou “brincadeira”.

Já morando na Mangueira, para onde se mudou aos 14 anos, Darcy ouviu um samba de terreiro que canta até hoje, mais de 50 anos depois:

“Nosso amor terminou / Porque você errou / Não quiseste ouvir os conselhos meus / Agora quem não te quer sou eu”. Depois desse refrão, vinha a turma que sabia versar horas e horas. O pagode tinha hora pra começar, mas não para acabar.

O samba daquela época, a década de 40, não tinha ainda a Segunda parte fixa. A Segunda era sempre versada, avaliza Carlos Cachaça. Foi na década de 50, segundo Darcy da Mangueira, que a Segunda parte do samba começou a ser feita com rigor e com rimas. Um desses sambas foi feito pela dupla José Brogogério e Hélio Cabral e dizia:

**“Mangueira tem um grande plantio de bambas
Que dá um fruto que chamas samba
Saboroso e que faz bem
Eis a razão
Porque de ano para ano
A sua Estação Primeira evolui
O samba nasce da semente
E a semente do samba
Só a mangueira possui”.**

Até o domínio absoluto dos sambas-enredo, os sambas de terreiro que ganhavam o concurso na quadra faziam, obrigatoriamente, o “esquente” da bateria antes do início do desfile na avenida. Por uns tempos a prática foi abolida. Mas de uns tempos para cá, sentindo que o coração do componente bate mais forte quando ele ouve o nome da Escola com vibração antes do desfile, as agremiações elegeram sambas de exaltação - na verdade, o antigo samba de terreiro - para “esquentar” a bateria e os componentes..

A Mangueira, modéstia à parte, jamais deixou de lado o “Cenário” de Enéas Bispo e Aloísio. Afinal, há alusivo melhor do que “Mangueira, teu cenário é uma beleza / Que a natureza criou”?

Não! Nunca!

O Samba nos desfiles das Escolas

Hiram Araújo

A história registra que o primeiro concurso entre Escolas de Samba aconteceu na casa de Zé Espinguela, na antiga rua Engenho de Dentro, hoje Adolfo Bergamini, no dia 20 de janeiro de 1929, Domingo, dia de S. Sebastião (Oxossi). O concurso foi de sambas e concorreram o Conjunto Oswaldo Cruz, a Mangueira e a Estácio. Saiu vencedor o samba de Heitor dos Prazeres "Não adianta chorar", que estava representando o conjunto Oswaldo Cruz.

Por que o concurso não foi realizado na rua?

Ismael Silva dá a resposta: "quando comecei o samba na época, não dava para os grupos carnavalescos andarem na rua, conforme a gente vê hoje em dia. O estilo não dava para andar. Eu comecei a notar que havia essa coisa, o samba era assim: "tan tantan tan tantan". Não dava, como é que a gente ia andar assim? Ai a gente começava um samba assim: "bum bum praticumbum prugurundum..." Estava descoberta a fórmula".

O macete foi achado, graças à criação do surdo de marcação, por Bide.

A princípio o samba do desfile só tinha a 1ª parte. A Escola de Samba saía igual aos Blocos das baianas, seus predecessores. Dois mestres de canto se posicionavam, um no princípio, outro no final da Escola, improvisando, com versos, a segunda parte do samba (os versadores).

A primeira parte era cantada pelo coro feminino da Escola (pastoras). Na época o contingente humano era pequeno, de 30 a 50 componentes. Ainda não havia enredo, por isso o tema era livre.

Durante o desfile eram apresentados 3 sambas, um antes, outro em frente e outro depois do palanque da comissão julgadora.

Os versadores, precursores dos puxadores de samba de hoje, eram afinados e possuíam vozes potentes.

Esses sambas que antecedem aos sambas de enredo eram chamados pelo folclorista e musicólogo Basílio Itiberê de "sambas de influência": "porque é ritmo puro, melodia curta e incisiva, para despertar a euforia e pretexto para uma exibição coreográfica do baliza e do porta-estandarte".

Com a transformação do samba de influência para o samba-de-enredo, as pastoras perderam as características de coro no desfile diluindo suas vozes

no canto geral da Escola, que em determinado momento, passou a seguir a "voz guia" do puxador do samba. Por terem um tom de voz mais alto que o homem, alcançando com facilidade o agudo e permanecendo nesse tom, sem maiores esforços, em "afinação oitavada", as pastoras, em geral, não puderam exercer a função de "puxadores de samba" no futuro. Por isso são raras as mulheres puxadoras oficiais da Escola de Samba.

É muito difícil, quase impossível, dizer-se qual foi o primeiro samba de enredo. Em todo o correr da década de 30 e 40 podemos afirmar que ainda não existia o samba de enredo como gênero musical, até porque também não havia enredo que apenas surgiu aos poucos. Tomando o exemplo dos Ranchos Carnavalescos, as Escolas de Samba passaram a contar uma história (enredo) expressando-a através do samba, a fantasia e as alegorias e adereços.

Entretanto, podemos considerar como esboços de samba de enredo as seguintes composições:

Naquele

TEMPO...

- 1 - **"O Mundo no Samba"**, de Nelson Moraes (par do compositor Neneco), apresentado pela Unidos da Tijuca em 1933.
- 2 - **"Homenagem"**, de Carlos Cachaça, o samba foi cantado pela Mangueira, no desfile do Campo de Santana, no dia 28 de janeiro de 1934.
- 3 - **"Natureza Bela"**, de Henrique Mesquita (um dos primeiros sambas de morro, gravado por um artista do asfalto, Gilberto Alves, que morreu aos 77 anos, no dia 04 de junho de 1992).
- 4 - **"Santos Dummont"**, de Antenor Gargalhada, da Azul e Branco feito em 1938 para a Escola do Morro do Salgueiro.
- 5 - **"Test ao Samba"**, de autoria de Paulo Benjamim de Oliveira, Paulo da Portela, para o carnaval de 1939.
- 6 - **"Conferência de São Francisco"**, de Mano Décio da Viola e Silas de Oliveira, em 1946. Esse samba acabou não sendo cantado, como samba principal por determinação do Sr. Alfredo Costa, Presidente da Prazer da Serrinha, substituindo-o por outro que não tinha nada a ver com o enredo: o samba de Albano, "No Alto da Colina".

O Século do Samba

Até então não havia obrigatoriedade do samba falar sobre o enredo.

Somente em 1952, com a fusão da União e Federação das Escolas de Samba e criação da Associação das Escolas de Samba do Brasil (AESB), o Regulamento dos desfiles para o carnaval de 1953 passou a determinar que as alas se apresentassem fantasiadas (até então elas se exibiam uniformizadas) e que os sambas tenham adequação aos enredos.

Entretanto, em 1951, a Império Serrano que já vinha apresentando suas alas fantasiadas (embora o regulamento não obrigasse) lança a composição de autoria de Silas de Oliveira e Mano Decio da Viola: Sessenta anos de República, firmando o estilo "samba em lençol" (versos longos, detalhistas) que iria caracterizar o modelo dos sambas de enredo das décadas de 50-60.

"Homenagem a Getúlio Vargas", de Osvaldo Vitalino (Padeirinho) feito para o carnaval da Mangueira de 1953, é considerado um dos mais bonitos sambas de enredo do estilo "samba de lençol".

Os sambas de enredo começam a despertar interesse das gravadoras na década de 50.

Em 1954, Jorge Goulart grava o samba de enredo das Aprendizizes de Lucas, "Exaltação à Bahia", de Elton Medeiros, Joacyr Santana e Sebastião Pinheiro.

Em 1956, Emilinha Borba grava: Brasil, Fonte de Artes, de Djalmá Sabiá, Eden Silva (Caxemê) e Nilo Moreira.

Esses discos foram gravados em compactos e não fizeram sucesso de venda.

A escalada do sucesso das Escolas de Samba começou em 1957, quando seus desfiles se transferiram para o palco nobre, do carnaval carioca, a Avenida Rio Branco.

No ano de 1961, já com a Avenida Rio Branco pequena para conter o público, a Mangueira inova fazendo seu puxador oficial, Jamelão, levar o samba de enredo "Reminiscências do Rio Antigo", com o auxílio do som, transmitindo pelo amplificador, lançado recentemente no mercado.

A Era do som da Avenida se iniciava.

Em 1964, Tião Balbino e Antonio Alves gravam em compacto com Zezinho da Odeon e coro, o samba de enredo: O Segundo Casamento de D. Pedro II. Também não vendeu o esperado.

O sucesso de vendas só veio quando Eliana Pittman gravou, também em compacto, o samba de enredo da Mangueira de 1967, de autoria de Darcy, Helio Turco, Jurandir, Dico e Batista, "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato".

Esse foi o passo forte para que as gravadoras iniciassem a gravação dos sambas de enredo em LP's.



Baianas tradição das Escolas

As marchinhas carnavalescas, em declínio, começam a ceder lugar, no carnaval, aos sambas de enredo.

Em 1967, o Museu da Imagem e do Som, sob a Presidência de Ricardo Cravo Albin grava o primeiro LP de Samba de Enredo.

Em 1968, a Codil lança no mercado o LP de sambas de enredo intitulado "Festival do Samba".

Martinho da Vila, autor com Paulo Brazão e Arroz, do samba de enredo Quatro Séculos de Modas e Costumes introduz o ritmo do partido alto e dos refrões nos sambas de enredo, tornando-os mais populares.

Em 1971, Zuzuca do Salgueiro, grava em separado o LP dos sambas de enredo "Festa para um Rei Negro (Pega no ganzê, pega no ganzá)" e estoura no mercado com inovações no ritmo (calango) e fixando em definitivo os refrões nas composições das Escolas de Samba.

Em 1985, cria-se a técnica de "sincronizar" o carro de som com as caixas de som espalhadas na Avenida e, em 1988, inicia-se o uso dos "delays", aparelhos que programam os atrasos e adiantamentos do som. Resolve-se em definitivo o problema de atravessamento do som na pista de desfile.

Desde então, o processo de sonorização da Avenida, vem se aperfeiçoando.

Ao longo de nossa análise, concluímos que o samba no desfile das Escolas de Samba sofreu mutações, de acordo com a evolução dos desfiles. Três etapas do desenvolvimento do processo nos pareceram claras: o samba de influência, que predominou nas décadas de 30 e 40; o samba em lençol nítido nas décadas de 50 e 60 e o samba de mercado que prevalece até hoje.

Nos dois primeiros momentos, a produções do sambas de enredo atenderam apenas aos desfiles.

No terceiro momento, as produções dos sambas de enredo passaram a servir outros tipos de clientelas.

Com as marchinhas carnavalescas em declínio os sambas de enredo ocuparam seus lugares nos bailes carnavalescos e nos carnavais de rua.

A gravação dos sambas de enredo em LP's obrigou essas composições a se adequarem ao mercado.

Com as novas atribuições, os sambas de enredo preencheram com eficiência os novos espaços.

Os LP's de sambas de enredo chegaram a vender mais de 1 milhão de cópias.

Sistemas Especiais de Saneamento

A Primeira Empresa de Banheiros Químicos do Brasil



Visita do Papa - Catedral, Aterro do Flamengo, Maracanã e Galeão (700 cabines)

Sistema Portátil de Saneamento
Higiênico, confortável e resistente
Tecnologia e ambientalmente adequado
Fácil de instalar e manter.



Semana Stilo Barra Shopping - Rio de Janeiro (50 cabines)

APLICAÇÕES

- Eventos esportivos
- Feiras e convenções
- Campings
- Paradas de ônibus em estradas
- Carnaval
- Praças
- Feiras livres
- Locais turísticos
- Festas religiosas
- Canteiros de obras
- Estação ferroviárias

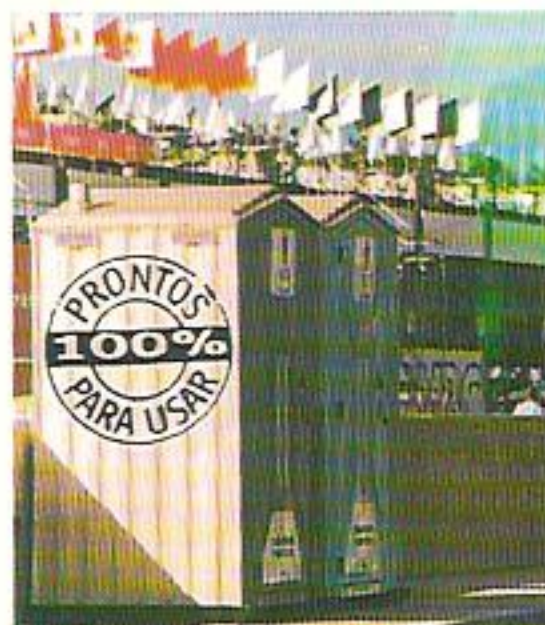


Passarela do Samba - Carnaval do Rio de Janeiro (400 cabines)

Os Sistemas Especiais de Saneamento são indicados também para toda a ocasião em que sejam necessários serviços higiênicos portáteis, sem contar com uma infraestrutura sanitária típica.

As cabines sanitárias portáteis cobrem todas as exigências do mercado de saneamento quando não é possível contar com sistemas convencionais de esgoto sanitário e de abastecimento de água. São uma excelente solução de baixo custo para necessidades temporárias, como os mais diversos eventos ao ar livre ou situações de emergência pública com deslocamento massivo de pessoas.

O saneamento portátil é fundamental também nas aplicações contínuas e permanentes de instalações industriais, comerciais, habitacionais e militares. É moderno e eficaz, reduzindo o consumo de água tratada sem precisar sistemas de esgoto, otimizando o controle de doenças e infecções bacterianas. O sistema de saneamento portátil é composto por cabines sanitárias, veículos e equipamentos de serviço para higienização e desodorização.



GP Fórmula Indy - Rio de Janeiro (400 cabines)

Tel (021) 280-1997 • Fax 590-8069

Rua Enes Filho, 528 - Penha Circular - Rio de Janeiro - RJ - CEP 21.011-290

O VIOLÃO NO SAMBA TEM NOME:

DINO 7 CORDAS

Paulão, um dos grandes violonistas brasileiros, "maestro" da "Banda Moleque" de Zeca Pagodinho, costuma dizer, com enorme dose de bom humor e picardia, que o Brasil tem tantos craques no violão de seis e sete cordas que se eles (os violonistas) fosse frutos, bastava balançar o pé que cairia uma penca para servir - e muito bem - a qualquer conjunto e a qualquer ritmo. Exageros ou não à parte, o certo é que a qualidade musical dos nossos violonistas desfila desde o clássico genila de Turibio Santos e Graça Alan ao popular de Dilermando Reis e Meira, e mais recentemente, Jorge Simas, passa pela genialidade incomensurável de Raphael Rabello, encontra o futuro nos jovens Luís Felipe de Lima e Marcelo Gonçalves, e deságua naquele que é unanimidade nacional: Herondino José da Silva, o "Dino Sete Cordas", 80 anos de idade e acredite, 72 de violão.

Dino começou aos 8 anos, audidata, tocando no violão de seis cordas do pai, "seu" Caetano, e de um primo, o Carlinhos. Os dois passavam horas e horas tocando o violão na casa do Santo Cristo, onde Dino nasceu e vive até hoje. Quando paravam para um lanche, o garoto pegava o instrumento e dedilhava os primeiros acordes de chorinhos de Pixinguinha e Benedito Lacerda. "Meu pai não reclamava porque eu entregava o violão a ele da maneira

como tinha deixado em cima da cadeira: com as cordas para baixo, como convém", lembra Dino.

Sinceramente, não tive dificuldade para me apresentar diante de Benedito Lacerda porque ouvia o Regional dele tocar todos os dias na Rádio Tupi.

Aos 15 anos, já fazia apresentações em circo e chegou a tocar para Moreira da Silva. Usava ainda o violão de seis cordas. A qualidade musical era tão grande que o pandeirista Jacob Palmieri, vendo-o tocar, apresentou-o a Benedito Lacerda, um dos "monstros" sagrados do chorinho, maxixes e

valsas da época. "Vou te apresentar um garoto que toca muito bem violão", disse Palmieri a Benedito Lacerda. "Esse garoto toca tão bem assim?" - perguntou o maestro. "Não acredito, só vendo".

Benedito Lacerda pediu então a Nei Orestes, o violonista do seu regional, que emprestasse o violão a Dino. E o menino deu um show a ponde de ser contratado para o Regional de Benedito Lacerda.

- Sinceramente, não tive dificuldade para me apresentar diante de Benedito Lacerda porque ouvia o Regional dele tocar todos os dias na Rádio Tupi. Então, quando ele me mandou fazer um solo, eu ataquei certinho e pronto.

Naquela época, Dino trabalhava numa fábrica de calçados, onde ganhava 12 mil réis. Com a mudança de emprego e de profissão, passou a ganhar 40 mil réis - uma pequena fortuna. Começava ali, a fase áurea do rádio brasileiro, a carreira daquele que se tornaria o pai, o mestre, o verdadeiro inventor dos melhores acordes de violão do Brasil em todos os tempos. Na Rádio Tupi e na Rádio Nacional, Dino acompanhou os maiores talentos da MPB, como Francisco Alves, Carmem Miranda, Silvio Caldas, Augusto Calheiros, Orlando Silva, Linda e Dircinha Batista, Jorge Veiga, Elizeth Cardoso e tantos outros. Ao lado de Dino, um

companheiro inseparável, Meira. A dupla marcou tanto na Música Popular Brasileira que tornou-se uma espécie de "corda e caçamba", adjetivo e substantivo, sinônimo de parceria tão perfeita que Caçulinha, outro "monstro" do violão e cavaquinho, a definiu dessa forma singela: "Quando a gente passava pelas rodas de música dos subúrbios e ouvia uma dupla de violões bem afinada e entrosada, logo dizia: "Até parece o Dino e o Meira".

O violão de sete cordas surgiu na vida de Herondino José da Silva nos idos de 1952 (ele não lembra bem e tem horror de lembrar datas), depois de ver o instrumento dedilhado por Tute, a "fera" da época. A partir dali, praticamente guardou na caixa o violão de seis cordas para se tornar o melhor de todos no de sete cordas. "O violão de sete cordas te dá a oportunidade de fazer os "bordados" por fora" - ensina o mestre.

Ele faz questão de dizer que toca o sete cordas da forma mais simples. Confessa que "não suporta" acordes alterados, como quintas aumentadas, sétimas maiores, a 13ª também. Para Dino, notas como essas "não cabem em sambas e choros, mas apenas na Bossa-Nova e nas músicas americanas".

- Sou pelos acordes perfeitos - enfatiza Dino. Passei a tocar violão de sete cordas do mesmo jeito que tocava a de seis cordas, com baixos corridos, semicolcheias, fusas e quiálteras, enriquecendo assim a linguagem do violão de sete cordas.

O instrumento ganhou tamanha importância nas rodas de samba que há cerca de duas décadas chegou aos desfiles das escolas. Não há, hoje, carro de som que se imponha na avenida sem usar um sete cordas que possa fazer os contrapontos com o cavaquinho, embelezando a melodia do samba e facilitando o intérprete, além de conduzi-lo à melodia certa, ao andamento e também permitindo que ele descanse.

A consagração do violão de sete cordas nas escolas de samba pode ser atestada pela entrega do "Troféu Manchete" de 1991 à dupla Jorge Simas (violão) e Wanderson (cavaquinho) no desfile da Unidos da Tijuca. O prêmio era dado a cada uma das escolas com o que de melhor aparecia no desfile dela. No caso da Unidos da Tijuca, o melhor foi a apresentação dos dois instrumentos de corda.

Durante o desfile, cada violonista adota uma linha de conduta. O jovem Luís Felipe de Lima, aluno de Dino, se orienta pelas batidas dos taróis e caixas de guerra para não perder a afinação nem o andamento do samba. Jorge Simas se orienta pela marcação dos surdos de primeira para impor a cadência. Seja como for, a realidade é que a qualidade dos músicos do carro de som de uma escola de

samba é peça fundamental para abrilhantar ainda mais o maior espetáculo da terra.

Dino nunca se apresentou numa escola de samba, mas não há no mundo da música instrumental nem no imenso universo dos violonistas brasileiros quem não o considere o "mestres dos mestres", o "pai de todos", o "mestre de todos nós", como define o velho Carlos Leite, o "seu" Carlinhos, antigo integrante como violão de seis cordas do Conjunto Época de Ouro.

Ao abordar o samba como produto genuinamente nacional inventado neste século, a Mangueira não poderia deixar de homenagear o homem que definiu a linguagem do violão de sete cordas, outra das invenções brasileiras das rodas de choro que marcaram este "Século do Samba".

O Mestre do Violão



Clube do Samba, marco da resistência do samba de raiz

O quadro musical brasileiro não podia ser pior naquela época, janeiro de 1979. A música brasileira tinha sido varrida das emissoras de rádio e televisão. Imperava a música de "discoteque" e era preciso reverter aquele quadro".

Passé dias e noites pensando na melhor forma de ser útil à minha música e às minha raízes de sambista. Meu momento profissional era dos melhores, fazia sucesso como cantor e compositor, tinha composições gravadas por diversos artistas da MPB enquanto outros músicos e cantores de alto nível estavam desempregados. Aquilo muito me preocupava.

Surgiu-me então a idéia de fundar o Clube do Samba, um local onde a gente pudesse se reunir para discutir e lutar por todas as questões referentes ao samba. Um lugar de referência para a cultura do samba de raiz, uma coisa tão nossa.

Estava pensando na forma de viabilizar a minha idéia quando me telefonou o jornalista Antônio Carlos Austregésilo de Athayde, que como diplomata era Adido Cultural do Brasil na Argentina. O Athayde tinha acabado de acertar um espaço no Jornal do Brasil para escrever sobre samba. Ele queria uma matéria e então lhe falei da minha vontade em criar o Clube do Samba. O Athayde adorou a idéia e publicou a primeira reportagem a respeito. Lembro até o título: "Clube do Samba começa a se reunir depois do carnaval". No subtítulo o Athayde escreveu: "João Nogueira, convoca para a resistência".

Ali o Clube do Samba tornou-se realidade. Entre muitos goles de uísque e cerveja bem gelada, eu, o Austregésilo de Athayde, José Ribamar Coimbra e o Dr. Edgard Araújo traçamos a ata de fundação do Clube do Samba. Era janeiro de 1979 e a primeira sede foi a minha casa, na Rua José Veríssimo, 50, no Méier, uma casa bonita e confortável em estilo de chalé francês. Nosso primeiros encontros para falar de samba e cantar foram na garagem da casa.

Formamos a primeira diretoria e nela estavam reunidas personalidades como Beth Carvalho, a Marrom Alcione, Dona Ivone Lara, Martinho da Vila, Roberto Ribeiro e eu. No dia cinco de maio de 79, promovemos o primeiro baile do Clube na sede do Flamengo, no Morro da Viúva. Os maestros Nelsinho e Juarez Araújo reuniram cerca de 30 músicos para a festa. Entre as "feras" estavam o violonista Rafael Rabello e Mestre Marçal. Os bailes eram verdadeiros recitais musicais porque não abríamos mão da qualidade musical. Nunca tivemos menos de 27 músicos na orquestra que animava os bailes do Clube do Samba.

A sede do Clube do Samba na minha casa, no Méier, durou seis meses e lá fizemos rodas de samba inesquecíveis às sextas-feiras. Por lá passaram sambistas da grandeza de Padeirinho, Mano Décio da Viola, Argemiro, Nelson Cavaquinho, Nei Lopes, Casquinha e Cartola, sem contar os "diretores" Beth Carvalho, Alcione, Dona Ivone Lara, Martinho da Vila, Roberto Ribeiro e eu. O Clube do Samba reuniu cerca de mil sócios que pagavam uma anuidade preestabelecida. Eles tinham desconto em nossos eventos. Com aquele pagamento o clube podia se manter com conforto. O Clube do Samba era um clube de salão, totalmente familiar.

Nossas sedes foram cinco: a minha casa, no Méier, depois ficamos dois anos na sede do Flamengo, no Morro da Viúva, passamos pela Associação dos Servidos Cívicos do Brasil, em Botafogo, e pelo Clube Municipal, na Tijuca, até chegarmos à sede da Barra da Tijuca. Nessa última sede, construímos um salão para 1.200 pessoas, fundamos a Galeria de Arte Guilherme do Brito, além de um jardim batizado com o nome da Clara Nunes. Tínhamos roda de samba às sextas-feiras e aos sábados uma feijoada espetacular feita pela Tia Vicentina da Portela.

Um ano depois da criação do Clube do Samba, fundamos em 1980 o "Bloco do Clube do Samba" com o único objetivo de levar o samba de raiz e a nossa alegria para a Avenida Rio Branco, local onde o carioca sempre fez a sua festa popular. O bloco sempre teve um samba de cunho político-social, mas nunca estabeleceu um enredo com alegorias e fantasias. Tudo foi sempre feito na base da camiseta e com sambas do mais alto nível. Temos orgulho em dizer que, a partir do "Bloco do Clube do Samba", outras agremiações do gênero surgiram, todas descompromissadas com o superdesfile das Escolas, mas comprometidas com o samba e a alegria do carnaval de rua. Vale citar o "Suvaco de Cristo", do Jardim Botânico, o "Dois Pra Lá, Dois Pra Cá", do Carlinhos de Jesus, o "Simpatia é Quase Amor", de Ipanema, o "Bloco do Barbas", de Botafogo, e, mais recentemente, o "Meu Bem, Volto Já", do Leme, e o "Bloco do Bar Bip-Bip", de Copacabana, que tem uma particularidade: nele não há percussão pesada mas apenas violões, cavaquinhos, pandeiros e cuícas.

Em 1987, diante de inevitáveis dificuldades financeiras, o Clube do Samba começou a ter problemas. Fechamos a sede da Barra da Tijuca, mas o "Bloco" continua vivo e sai sempre aos sábados de carnaval.

No entanto, estamos à procura de uma outra sede para o "Clube" e temos a promessa do governo estadual de ocupar a antiga sede do Detran, na Praça Tiradentes. Nosso objetivo é criar um lugar temático para a gente falar de samba em vários segmentos. Nosso projeto prevê biblioteca, videoteca, pista de dança, teatro para shows de samba, praça de alimentação de alguns dos mais famosos botecos do Rio.

Enfim, aos 56 anos e com toda a vida dedicada ao Rio e ao samba, espero não morrer sem concretizar a idéia de reviver o "Clube do Samba" em alto estilo numa sede bonita e confortável com essa no antigo prédio do Detran da Praça Tiradentes.

Depoimento do cantor e compositor João Nogueira, idealizador do Clube do Samba.



João Nogueira

o samba de raiz



Martinho da Vila

Cesar Fontes

O Conjunto "A Voz do Morro", comandado por Zé Ketí e apresentando o novato Paulinho da Viola, estava no auge quando um mulato magro, olhos esbugalhados e voz pastosa, muita ginga e malandragem, apareceu para o mundo do samba. Corria o ano de 1967, em plena efervescência da repressão política que, um ano mais tarde, desencadearia no AI-5. O personagem era Martinho José Ferreira, um sargento do Exército que enveredava pela carreira artística que o faria largar a farda pouco depois.

Nascido no interior do Rio de Janeiro (Duas Barras) em 12 de fevereiro de 1938, um sábado de carnaval, Martinho viria para o Rio ainda menino com os pais, Josué e Teresa. Foi morar na Boca do Mato e sonhava ser jogador de futebol vestindo a camisa do seu Vasco e ser igual ao falecido goleador Ademir Menezes. Queria ter fama e dinheiro.

Nada daquilo aconteceu e Martinho foi ficar famoso e ganhar dinheiro como artista, com sua forma muito peculiar de cantar e pagodeiro de primeira, autor de sambas como "Pra Que Dinheiro", "Casa de Bamba", "Quem é do Mar Não Enjôa" e "Canta, Canta Minha Gente", além de sambas-enredo como "Sonho de Um Sonho".

O estilo de Martinho da Vila arrancou de um outro craque do samba de raiz, Zeca Pagodinho, a seguinte definição: "Martinho é da Vila, do Rio, do Brasil e da Comissão de Frente do samba".

Porque Martinho da Vila manteve acesa a bandeira do samba num time de craques como João Nogueira, Roberto Ribeiro, Alcione, Beth Carvalho e Clara Nunes, entre outros. E ele viu seguir seus passos jovens craques como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Sombra e Sombrinha, Emílio Santiago, entre outros. O conjunto "A Voz do Morro" encerrou suas atividades mas deixou o caminho aberto para o talento inconfundível do "Fundo de Quintal", o verdadeiro "pai" dos grupos de pagode que proliferaram nos últimos anos.

Da quadra do Bloco Cacique de Ramos, na Rua Uranos, surgiu um lote de gigantes do samba de raiz. Foram noites memoráveis do pagode de mesa na quadra do bloco que chegou a colocar na Avenida Rio Branco cerca de 11 mil foliões pulando e cantando sambas como "Coisinha do Pai". É sobre o pagode de raiz e a qualidade musical e vocal do "Fundo de Quintal" que o professor Carlos Mésseder escreve para a Revista da Mangueira-99.

Pagode, anos 80: O Bloco Cacique de Ramos

Carlos Alberto Messeder Pereira

Quarta-feira à noite, Rua Uranos, Olaria. Quadra do bloco Cacique de Ramos. Em meio a um animado bate-papo que corre frouxo, um copo de cerveja na mão, as pessoas vão pegando seus instrumentos e, calma e descontraidamente, se sentando em torno de um conjunto de tantam, o cavaquinho e o banjo afinam suas cordas. Aos poucos, em círculos concêntricos, as pessoas vão se reunindo em torno da mesa. À frente, sentados, os instrumentistas. Logo em seguida, de pé, os ouvintes mais atentos – alguns cantando a melodia ou acompanhando com palmas o ritmo – e num adensamento cada vez mais tênue, pequenas rodas continuam o bate-papo com o fundo musical da batida do samba. É o “pagode”.

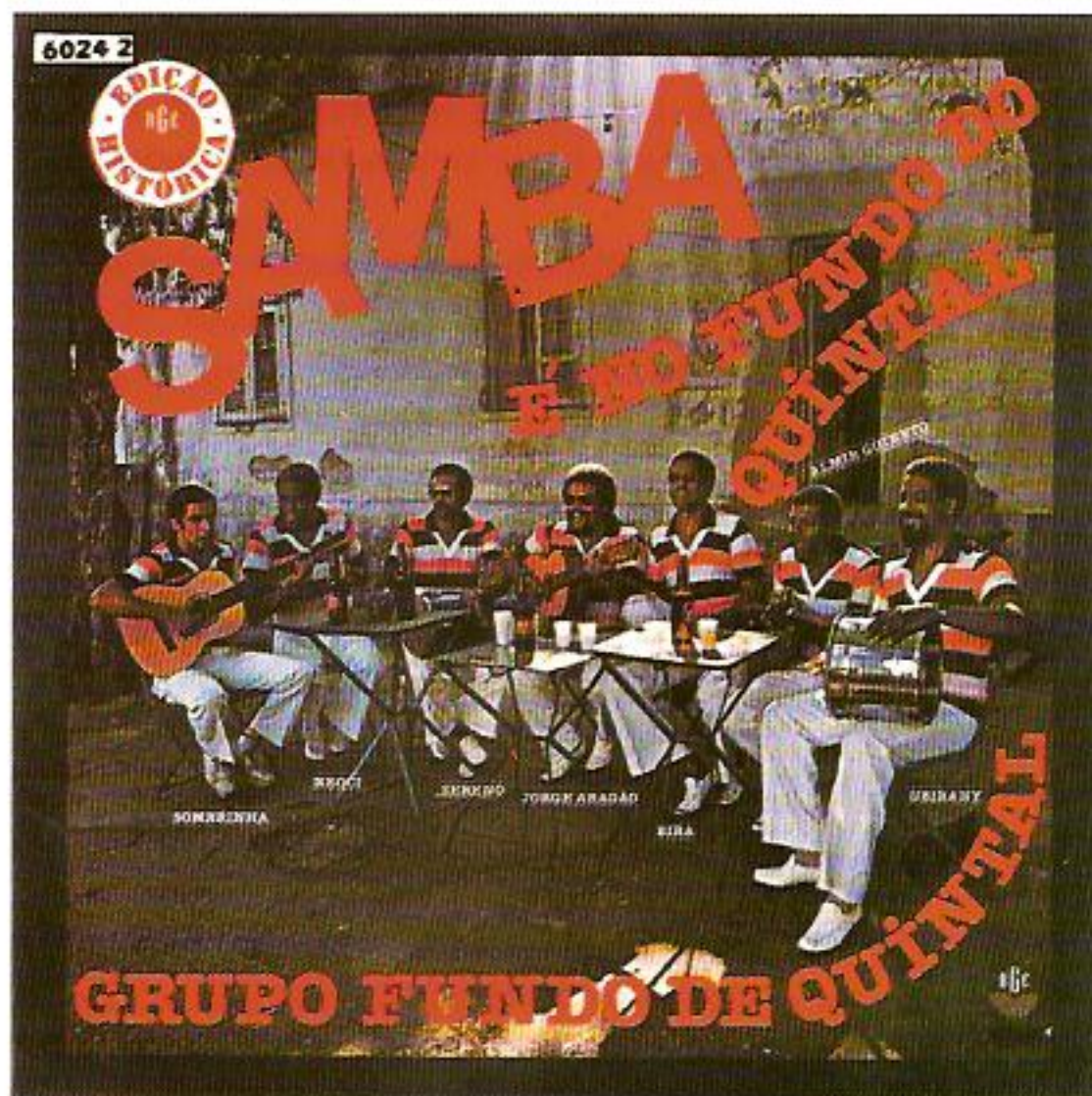
Os anos 80 testemunharam o surgimento de uma intensa movimentação no mundo do samba carioca com repercussões importantes fora do Rio de Janeiro. Este foi o momento no qual surgiu aquilo que ficou conhecido como o “movimento de pagode” – uma volta do samba à tradição do “fundo de quintal” ao mesmo tempo em que o ritmo intensificava sua presença no mundo da mídia e do mercado. Muito diferente do ritmo que hoje, anos 90, leva o nome de “pagode”, o “movimento de pagode” dos anos 80 lançou nomes como Zeca Pagodinho, Jovelina Pérola Negra, Almir Guineto, Arlindo Cruz, Beto Sem Braço, Jorge Aragão e teve, a quadra do Bloco Cacique de Ramos, um dos seus grandes espaços de afirmação e de divulgação.

“Agremiação carnavalesca, reduto de criação musical, exemplo de organização popular, centro de festas e de afirmação de tradições de várias ordens, importante elo com o mercado de trabalho do músico profissional, o Cacique de Ramos – um dos mais tradicionais blocos de carnaval da cidade – tematiza a figura do índio (no seu nome, nas suas idéias e nas fantasias e alegorias utilizadas no desfile durante o carnaval) e afirma o samba enquanto elemento de identidade. Referindo-se ao crescimento rápido e avassalador que o Cacique obteve, seu presidente (Bira) coloca a seguinte questão: “Você já viu índio catequizar? Pois o Cacique catequizou...”.

Tradicionalmente definido como *uma reunião de sambistas para fazer samba*, o pagode, espaço de lazer, de afirmação cultural e de profissionalização, tomou conta do Rio de Janeiro logo no começo da década de 80. Inicialmente, os pagodes começaram a ocupar os subúrbios cariocas; logo, entretanto, chegaram à “zona sul”, tendo, paralelamente, chegado também à imprensa, ao mundo das rádios e do disco e mesmo à televisão (que chegou até a ensaiar um programa semanal sobre pagode), constituindo-se em um enorme sucesso de público e de crítica – um fenômeno musical que acabou ganhando ares de importante fenômeno cultural daquela hora!

Aproximação a dimensão tradicional do samba de “fundo de quintal” e o mundo das gravadoras ou do disco enquanto mercadoria e passando também pela profissionalização de muitos sambistas, o

Capa do 1º CD do Grupo Fundo de Quintal - 1980



movimento de pagode evidenciava uma estratégia social (não necessariamente consciente em todos os seus níveis, é claro) extremamente complexa, que acabava por reciclar a inserção social do samba e dos sambistas, bem como de grupos mais diretamente associados ao mundo do samba. No caso específico do Cacique de Ramos, o pagode foi, naquela hora, mais uma evidência do estilo e da intensidade das trocas que o bloco, ao longo de sua história, foi capaz de estabelecer com outros segmentos sociais que não aqueles mais diretamente presentes no seu dia-a-dia, com a indústria cultural ou com o mercado em geral, negociando e fundando alianças, o que não apenas dava ao grupo formador originário maior campo de atuação mas também consolidava sua posição não conjunto da sociedade.

Nas palavras de Milton Manhães, conhecido produtor fonográfico envolvido com essa nova ascensão do samba, o *pagode* "é um dos apelidos que botaram no samba, sendo que foram colocados novos instrumentos como: banjo, tan-tan, repique de mão e outras peças. Originariamente a expressão quer dizer apenas divertimento, brincadeira, farra com música. Mas o termo foi além da simples noção de festa". Enfim, é um samba de *fundo de quintal* – "uma reunião de sambistas. Antigamente João da Baiana, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho e outras feras, convocavam a rapaziada e se reuniam. Faziam uma comida e tomavam cachacinha, cervejinha bem gelada num ambiente bem descontraído. Aí, sempre rolava, o que hoje chamamos de 'fundo de quintal'. É o samba fluindo sem regras mas com muito respeito. A tônica é o samba versado". Beth Carvalho acrescenta: "Pagode seria uma forma íntima de se chamar o samba". Nas palavras de Casquinha, da Velha Guarda da Portela, o pagode é assim descrito: "Rapaziada, era assim que, nos domingos de manhã, lá na Portelinha, a gente fazia aqueles pagodes: uma garrafinha de cana... Uma garrafa de cana, não, algumas garrafas de cana, um cabrito frito e a gente tomando cana e cantando esses pagodes da antiga. Que saudade, minha gente! Que saudade!..."

Repetindo-se várias vezes ao longo de todos os dias da semana, essa cena começou por ocupar mais sistematicamente as quadras e fundos de quintal dos subúrbios cariocas chegando, em pouco tempo, às casas de show, aos bares/restaurantes, à zona sul, às praias bem como à imprensa. "Pagodes - a nova geografia do samba" (JB/83), "Pagode, a moda antiga de sambar que se modernizou" (JB/84), "Samba sacode a poeira e volta por cima" (Folha de S.P./84), "Samba, cerveja e alegria. O pagode conquista o Rio" (O Globo/84), "Samba verdadeiro, só no

pagode" (Jornal da Tarde/85), "Pagode, o samba como era nas escolas" (JB/85), "Pagode, a economia que surge no fundo de quintal" (O Globo/85), "O pagode resiste no fundo de quintal" (Nas Bancas/85), "Pagode no Asa Branca/Do fundo de quintal para a classe média" (JB/86), "O pagode na hora da explosão" (JB/86), "Maratona do pagode" (Isto É/86), "O pagode em glória" (Veja/86), "Pagode, a revolução do fundo de quintal" (JB/86), "Pagodes, o trem segue direto para o sucesso" (O Globo/86), "Zona sul, subúrbio, e daí? Pagode é pagode" (O Globo/86), "Pagode. Para quem quiser cantar e dançar" (Jornal da Tarde/86), "Pagode já, cada vez mais" (JB/86), "Pagode/Uma festa para quem é do samba" (Jornal da Tarde/86), "Sexta-Feira, depois do expediente. O pagode chega ao centro do Rio" (O Globo/86), "A zona sul está mudando o pagode" (JB/86), "Pagode leva multidão à praia" (JB/87), "A resistência do samba" (O Globo/87), "Pagode na telinha" (JB/87), "The latest music in Brazil is pagode" (The New York Times/87). Variada, essa sequência de manchetes da imprensa é eloquente e


expressiva tanto da intensidade do fenômeno quanto do modo como o debate em torno do pagode foi encaminhado, principalmente no que diz respeito ao grande público.

Mas, voltando ao Cacique de Ramos, vale lembrar que, muito antes do movimento de pagode surgir, a *quadra do Cacique*, na rua Uranus, em Olaria, já era um tradicional ponde de referência e de encontro. Local de festas, de jogos de futebol, de bate-papo, foi nesse contexto que o pagode – que passou a se realizar todas as quartas-feira – surgiu. Foi também na mesma quadra que houve o encontro com a "madrinha" Beth Carvalho ou que surgiu o grupo musical Fundo de Quintal, forte representante do movimento de pagode, grupo que, até hoje, continua lançando seus discos bem como divulgando o samba e o nome e a tradição do Cacique de Ramos. Ao pagode do Cacique, seguiram-se inúmeros outros; a partir dali, surgiu uma densa rede pagodes e pagodeiros que se espalharam por toda a cidade. É claro, havia

também outras redes; mas o pagode do Cacique foi um dos pontos fortes de toda a movimentação que se desenvolveu em torno do samba naquela hora. Mais uma vez, os "Caciques de Ramos" mostravam a sua força através da beleza de sua música e da empolgação daqueles que a eles se juntavam.

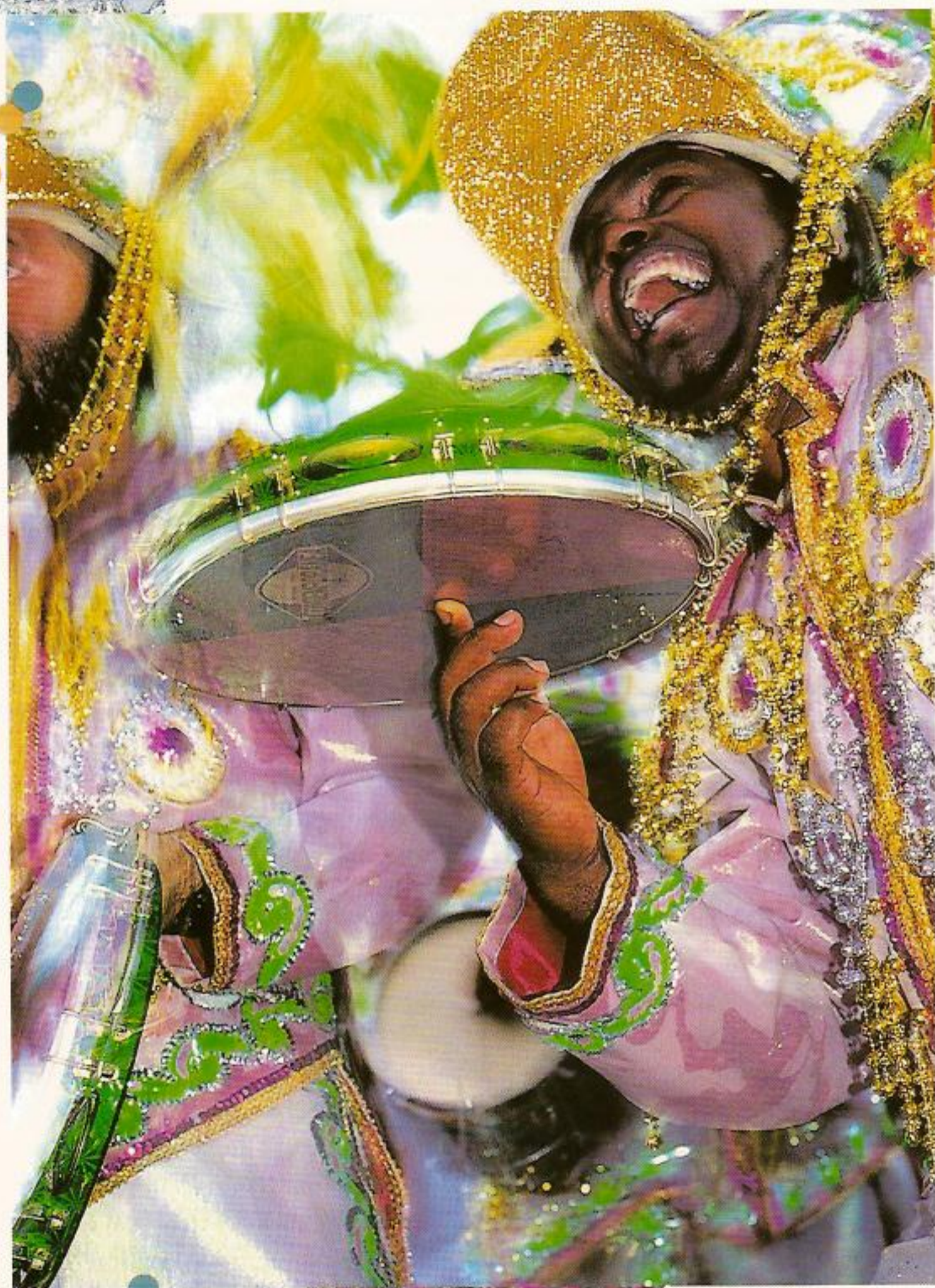
Carlos Alberto Messeder Pereira é professor e pesquisador da Escola de Comunicação da UFRJ.

Nas palavras de Milton Manhães, conhecido produtor fonográfico envolvido com essa nova ascensão do samba, o "pagode" é um dos apelidos que botaram no samba

ENTRE NO
BANDEIRANTES
E SAIA NA 
MARQUÊS DE SAPUCAÍ.

O Bandeirantes é o banco oficial do carnaval carioca.

Além de pular junto com o Brasil inteiro no maior evento popular do mundo, tem o orgulho de ser a empresa responsável pela comercialização de todos os ingressos para os desfiles na Marquês de Sapucaí.



BANDEIRANTES
Grupo Caixa Geral de Depósitos
UM BANCO COM ATENDIMENTO DE VERDADE

O Pagode do "Terceiro Milênio"



Alexandre Pires vai realizar o sonho de desfilar pela Mangueira depois de doze anos.

O pagode da rapaziada bem vestida, com suas roupas coloridas e bem cortadas, que alguns sambistas da antiga batizaram de "pagode mauricinho", tem um mentor, uma espécie de inventor e pai. Ele é Ubirajara de Souza, o Bira Havaí, um dos mais competentes produtores musicais do País, responsável ou criador de grupos como "Molejo", "Os Morenos", "Soweto", "Alô Som", "Exalta Samba", "Só no Sapatinho" e "Pixote" que, juntos, venderam mais de nove milhões de discos a partir de 1993, quando o "Molejo", o precursor da turma, lançou o primeiro CD e vendeu 750 mil cópias. Isso sem contar o "Raça Negra", que já se desfez, "Negritude Júnior" e "Katinguelê", ambos de São Paulo, e o "Só Pra Contrariar", de Minas, responsáveis por mais de 15 milhões de cópias vendidas nos últimos oito anos. O "Só Pra Contrariar", comandado pelo mangueirense Alexandre Pires, é o dono do mercado atualmente.

Bira Havaí, o midas dessa geração de pagodeiros bem vestidos e organizados, é carioca das Laranjeiras, tem 47 anos de idade e foi criado entre o Engenho de Dentro, subúrbio da

Central, Realengo, Padre Miguel, Bangu e Senador Camará, na Zona Oeste.

Bira Havaí, tem 35 anos de música, desde que aos 12 anos de idade estreou no grupo "Bambas do Rio" da Escola de Samba Arranco do Engenho de Dentro. Ele foi passista do Império Serrano e intérprete musical da Estácio durante seis anos. Como "filho de peixe, peixinho é", Bira tem dois filhos pagodeiros: Anderson, do "Molejo", e Bigode, do "Alô Som". É de Bira Havaí a criação do "Pagode do Leão", na Estácio, no início da década de 90, de onde sairia o nome do "Grupo Molejo", cujo líder é seu filho, Anderson, o "canhotinha brincalhão e sorridente do cavaquinho", como Bira define. Como exímio percussionista, Bira Havaí tocou e gravou com Elizeth Cardoso, Elis Regina e Zeca Pagodinho, entre outros, no "Grupo Som Brasil".

É justamente sobre o nome "Molejo" uma das histórias mais interessantes que Bira tem para contar à **Revista Mangueira-99**:

- No "Pagode do Leão", eu sempre inventava um nome para a banda que se apresentava às terças-feiras (o nome original da banda era "Som Brasil"). O grupo era sempre o mesmo, mas eu mudava o nome para motivar o público como se fosse uma "coisa nova". O Ribeiro, que era o divulgador, me perguntou um dia: "Bira, qual o nome do grupo da próxima semana?". Aí eu disse: "Roupa Velha". O Ribeiro, muito preocupado, me alertou que poderia haver problema com o "Roupa Nova", do Cláudio Nucci. Concordei e respondi: "Então põe na faixa **Grupo Molejo**". Assim foi feito. Para a semana seguinte, ia dar um novo nome, mas o Ribeiro gritou: "Que é isso, Bira. Este nome **Molejo** é maravilhoso e se você não quiser, vou registrar pra mim". Aí me dei conta e fui

correndo registrar o nome "Molejo" como de minha propriedade.

Bira Havaí tem uma equipe atrás dele. Mas não abre mão de agir "com mão de ferro, se for preciso, e muito profissionalismo sempre", como define sua relação com os rapazes das bandas sob seu comando. Escolhe não só o repertório como também a roupa que os grupos vão usar nos shows, além de ser rigoroso no cumprimento dos horários de ensaio e gravação.

- A gente trabalha com alegria e nunca brigamos. Mas não abro mão da seriedade e do profissionalismo. Essa foi uma das decepções que tive como percussionista. O sambista tradicional perdeu terreno porque é irresponsável, está sempre se atrasando nos ensaios e gravações, chega quase em cima do horário dos shows e quase sempre se veste de forma inadequada, às vezes com uma roupa de linho e um sapato sujo de lama. A minha rapaziada entendeu bem isso e mudou o conceito do sambista mal vestido e irresponsável - dispara Bira Havaí.

E como escolher o nome de um grupo? Bira dá uma gargalhada antes de responder.

- Acho que você não emplaca nome muito grande nem erudito. Tem que se nome curtinho e que o povão entenda. Por exemplo: o "Molejo" era o "Nossa Banda". O "Alo Som" era o "Sabor da Moda". Quando os rapazes desse grupo vieram

me contratar, fui logo dizendo: Por que "Sabor Samba"? Fui logo trocando para "Alo Som" e ficou bem mais forte.

Outro segredo de Bira Havaí: todos os grupos que empresaria são formados por "gente pobre com vontade de vencer na vida". A exceção é o "Só no Sapatinho", que já chegou pronto e cujo líder é Bruno, filho do Zico. O "Alô Som", por exemplo, é formado pela rapaziada de Realengo e Senador Camará, Zona Oeste do Rio.

Outro segredo: Bira não admite dirigir grupo que não cante samba.

- A gente faz um samba mais moderno e mais dançante. Mas sempre tem o andamento de samba porque disso não abro mão. Estamos, inclusive, acertando com uma gravadora um segmento para gravar apenas samba.

E explica:

- O "Molejo" canta um samba mais moleque e divertido. O "Soweto" faz um samba mais romântico. O "Exalta-Samba" tem uma harmonia mais apurada e sofisticada. Mas tudo que eles tocam é samba. Desafio quem disser o contrário - aposta Bira.

O vitorioso Bira Havaí orgulha-se de dizer que trabalha 15 horas por dia, mas está sempre pronto a reservar "18 horas por dia, sem pressa e sem estresse, para acabar os discos com perfeição.

Pelas contas de Bira Havaí, é o seguinte o faturamento dos grupos de pagode que ele empresaria e produz:

Molejo - O 1º disco, em 1993, vendeu 750 mil cópias. Em cinco discos até hoje, cerca de 4,5 milhões de discos vendidos.

Os Morenos - Bira produziu o 3º disco (100 mil cópias) e o 4º (150 mil)

Soweto - Logo no 1º disco, 1 milhão de cópias vendidas.

Exalta-Samba - No 1º disco, 1.200 mil de cópias vendidas. No segundo, 700 mil e agora, no terceiro, Bira calcula 1 milhão porque já foram 500 mil cópias.

Só No Sapatinho - 400 mil cópias neste 1º disco.

Pixote, de São Paulo - 450 mil no 1º disco.

Por que não uma Escola de Carnavalesco no Terceiro Milênio

Joel Rufino

O que é um carnavalesco? Quando eu era garoto, nos anos 50, carnavalesco era quem brincava carnaval. Naquele tempo, quem organizava o desfile da escola de samba, escolhia o enredo, botava a escola na Avenida, era a Comissão de Carnaval.

Mas escola de samba muda, como tudo na vida. Neste momento mesmo estão acontecendo mudanças que só vamos perceber mais tarde. Aconteceu então que, no começo dos anos 60, surgiu a figura do carnavalesco. De lá pra cá ele foi ganhando importância, as comissões de carnaval foram cuidar de outras coisas e Sua Excelência, o Carnavalesco, é o imperador da escola de samba.

Foi bom ou foi ruim?

As duas coisas. O que a figura do carnavalesco trouxe de bom para a escola de samba não precisa nem falar. Vemos todo ano nas passarelas do samba espalhadas pelo País - e até no exterior. Sua Excelência, o Carnavalesco é o autor magnífico dessa festa estupenda, inigualável, que é um desfile de escola de samba. E o que a figura do carnavalesco trouxe de ruim para as escolas de samba?

Para responder, é preciso lembrar o que é um carnavalesco. Qual o seu perfil?

O carnavalesco é meio artista, meio técnico.

É de fora da comunidade.

É formado em alguma escola: de Belas Artes, de Arquitetura, de Moda, de Letras, de Comunicação, de Desenho Industrial, etc.

Conhece desfiles de carnaval (como o de Veneza, por exemplo) ou de entretenimento (como a célebre parada da Disneylândia).

Domina multimeios de comunicação (audiovisuais, computação gráfica, etc.)

O carnavalesco se caracteriza por algumas dessas coisas ou por todas elas. Além disso, costuma ter outras competências, como falar inglês, por exemplo, ou ser pequeno empresário, ou produtor artístico, ou montador de exposições, etc.

Todas essas habilidades foram importantes para as escolas de samba se tornarem o que são hoje - um dos maiores e mais belos espetáculos da terra.

Qual é o problema?

É que não há carnavalescos saídos das comunidades. As comunidades fazem o samba, mas não fazem o carnavalesco. É provável haver alguma exceção, mas estou falando da regra geral: carnavalesco é de fora da comunidade.

E se fosse de dentro? Por que as comunidades não produzem carnavalescos?

A resposta parece simples: para ser carnavalesco, o menino ou menina da comunidade precisaria aprender o que o carnavalesco sabe porque estudou ou viajou. Precitaria se formar em Belas Artes, em Computação Gráfica, em História do Carnaval, em Figurino, em Cenografia, etc.

Por que não fazer uma Escola de Carnavalesco para jovens das escolas de samba?

Está lançada a idéia.

Joel Rufino dos Santos é Professor de Comunicação da UFRJ e Pesquisador da MPB.



A Mangueira campeã na Av. Rio Branco, 1960

A Mangueira campeã na Sapucaí, 1998



“seu” AMADO

e o preconceito no samba

Antonio Carlos Austregésilo de Athayde

Jamais imaginei, lá pelos meus oito anos, nove anos de idade, que essa história de nome, sobrenome e pseudônimo tivesse tanta influência na vida da gente. Particularmente, na vida do samba.

Estou me referindo aos idos de 1948/1950, na lonjura da Rua Retiro dos Artista, quase esquina da Estrada do Tindiba, nos tempos em que Jacarepaguá, onde vivia com meus pais e irmãos, pertencia à Zona Rural. No tempo em que as estações de rádio anunciavam a hora assim: “Na Capital da República, (tantas) horas e (tantos) minutos”. No tempo em que Paracambi se chamava Taireté, Japeri tinha o nome de Belém, Deodoro era Sapopemba e Magé se denominava Guia de Pacobaíba - conforme ensina Nei Lopes em magnífico samba gravado pelo Zeca Pagodinho em seu mais recente CD.

Papai, Antonio Caetano Austregésilo de Athayde, tocava um violãozinho de certa responsabilidade e compunha sambas-canção, sambas-sincopados, batucadas e marchinhas de carnaval que tinham lá sua qualidadezinha. Vê lá se não são bonitos estes versos: “Eu passei a noite inteira / Deitado na minha esteira / Esperando Papai Noel / Pus a esteira ao relento / Fiquei num deslumbramento / Olhando as estrelas no céu / Só dormi de madrugada / E não consegui ver nada / Papai Noel me enganou / Foi mais uma ilusão perdida / A juntar na minha vida / Este Natal que Papai Noel me enganou / Foi mais uma ilusão perdida / A juntar na

minha vida / Este Natal que passou”. Põe aí uma harmoniazinha maior na primeira e com relativo menor na Segunda, batida de samba canção. Não é legal? Pois é.

Em 1949, o velho a assinar uma coluna dno “Diário da Noite”, baluarte na cadeia dos Associados. Chamava-se “Radioentrevista” e lá figuravam cobras-criadas como Paulo Gracindo, Jorge Veiga, Ademilde Fonseca, Benedito Lacerda, Déo (ditador de sucessos), Carlos Galhardo, Orlando Silva, Silvio Caldas, Nelsono Gonçalves, Estelinha Egg, Araci de Almeida, Quanto Ases e Um Coringa, Garotas Tropicais, Heleninha Costa, Ciro Monteiro, Odete Amaral, entre dezenas de outras estrelas. E, logo adiante, devido aos sucesso da coluna, “seu” Antônio ampliou o campo de ação: começou a escrever reportagens para a “Revista do Rádio” o que seria, hoje, “Contigo” ou “Amiga” para a TV.

Lembro bem da última pergunta que era feita aos entrevistados na “Radioterapia”: “Se fosse o Presidente, o que faria para debelar a crise?”. Vocês podem ver que, de crise em crise, o Brasil continua a mesma coisa. É ou não é?

Ainda tenho na memória, também, o título de uma matéria que ajudou a empurrar a carreira de Jorge Veiga: “De Pintor de Paredes a Estrela do Rádio”.

Papai começou a assinar este material como Antonio Austregésilo de Athayde. E eu nunca entendi direito por que, pouco depois, o pessoal que lotava nosso



Austregésilo de Athayde
apesar do contra da família, o samba nas veias

caramanchão tomando batida de jenipapo cuidadosamente preparada pela mamãe para os longos finais de semana, de repente passou a chamar o velho de “seu” Amado. “Seu” Amado pra cá, “seu” Amado pra lá, e eu sem entender ao certo o porquê da mudança, de “seu” Antonio para “seu” Amado.

Deixa eu contar que vem daí a minha paixão pelo samba e pela música brasileira popular (MBP, para estabelecer a diferença entre aquela maravilha que passei a ouvir, sentado no chão, deslumbrado, aos seis-sete anos de idade, e esse troço que chamam hoje de MPB). Via e ouvia ali, cara a cara, o regional de Benedito Lacerda, Dante Santoro, Jorge Veiga, o Regional da Rádio Clube do Brasil, que tinha como seu integrante o “seu” Tute, criador do violão de sete cordas, professor do Mestre Dino (“seu” Tute, que ensinou violão com a batida sincopada a meu irmão mais velho, José Constâncio, meu professor no instrumento), Os Três Araras (um deles era “seu” Jaime Silva, autor de um samba que eles cantavam sempre, “O Pato”, que dez anos mais tarde João Gilberto gravou e fez furor). E, é claro, venerava meu pai, aquele

compositor e jornalista em torno de quem girava essa constelação.

Só muitos, muitos anos mais tarde, compreendi a mudança do nome para o pseudônimo.

É que minha família, portadora do ilustre sobrenome Austregésilo de Athayde, não aceitou a história de ter um parente compositor de sambas e marchinhas, escrevendo colunas de MBP e, além do mais, assinando com o mesmo sobrenome de seu irmão, o meu queridíssimo tio Belarmino Austregésilo de Athayde, diretor eminente dos “Diários Associados” e que, pouco depois, se tornaria o Presidente da Academia Brasileira de Letras, o homem que transformou a instituição no modelo de pujança e de prestígio que ela é hoje em dia. Belarmino foi meu tio, protetor e guru até morrer, para muita tristeza de todos nós, em 1993.

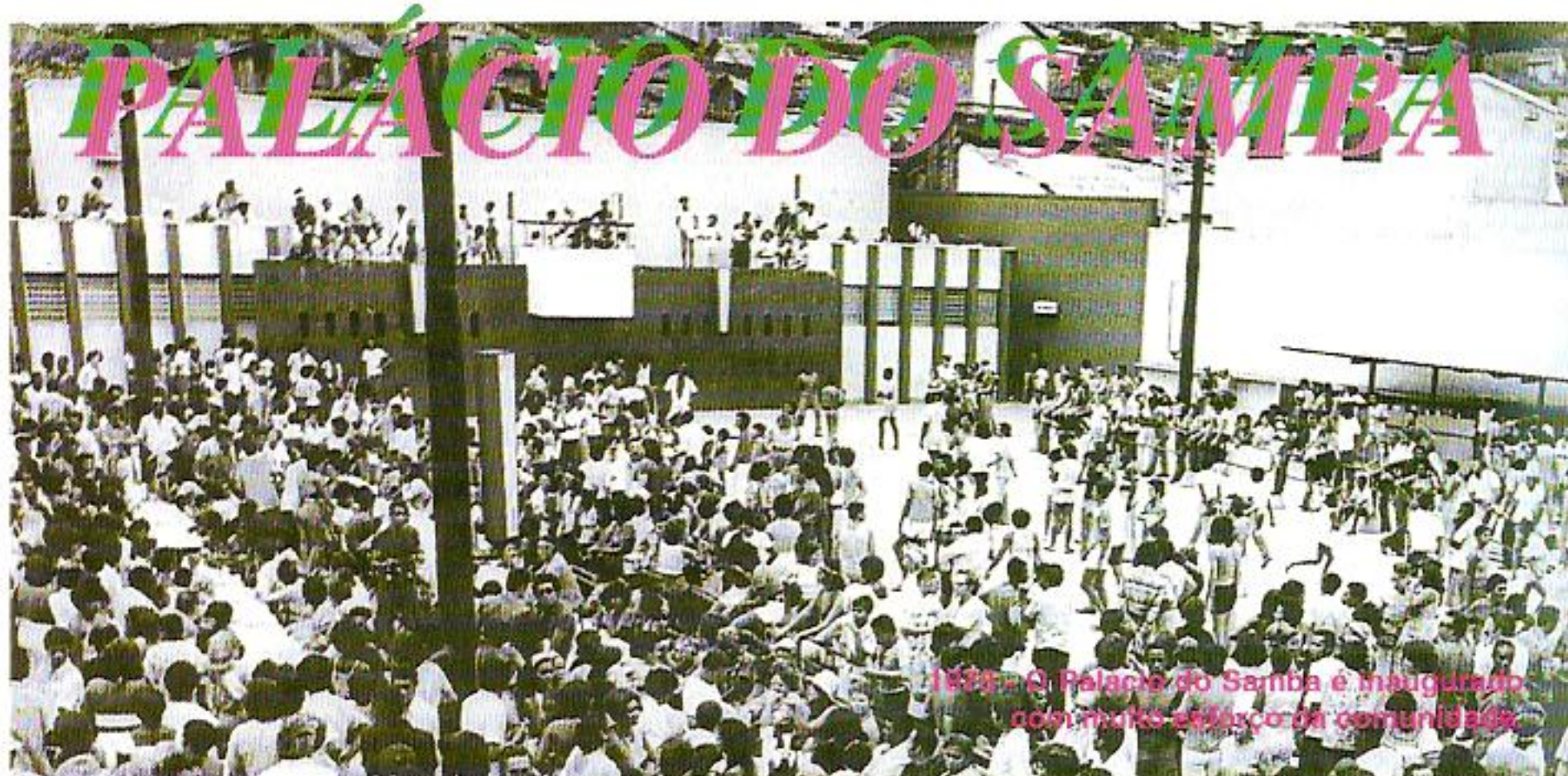
Mas a verdade é que a família pressionou e o meu pai teve de criar o pseudônimo Amado Alves com o qual passou a assinar colunas e músicas.

Em 1975, numa madrugada enfumaçada e alcoolizada do Lamas (quando o Lamas era o Lamas do Largo do Machado), o jornalista Moacyr Andrade me deixou compreender a importância daquele pseudônimo. Respondendo a uma pergunta gritada de nossa mesa por Juarez Barroso - uma das figuras mais formidáveis que conheci - Moacyr Andrade, lá no fundo, fez atravessar o barulhento salão com sua voz anasalada e firme:

- Esse samba “Fizeram Moamba”, gravação do Jorge Veiga, é do Amado Alves.

Moacyr não entendeu nada quando lhe caí nos braços (alguns chopes sempre ajudam a ficar efusivo). Senti que estava por perto o Antonio Caetano Austregésilo de Athayde. O “seu” Amado Alves. “Seu” Amado, como chamava a rapaziada.

Antonio Carlos Austregésilo de Athayde
é Diplomata, Jornalista, Fundador
e Diretor Cultural do Clube do Samba.



É bom recordar bons momentos e coisas boas.

Procurado em nosso escritório de arquitetura por Eugênio Agostini, companheiro dos tempos da construção de Brasília, onde nostálgicas batucadas nos remetiam saudoso aos sambas e carnavais do Rio distante, tão logo expôs o assunto, em companhia do Ciro Ramos representando a direção da Mangueira, aceitei e estendi ao José de Anchieta Leal e sua mulher Ruth, o convite para projetarmos a nova sede da famosa Estação Primeira.

Simpatizantes da Manga e freqüentadores da antiga sede, ali mesmo na Visconde de Niterói, porém, acanhada e de pouca área para a grandeza crescente da escola, o primeiro passo foi dado em uma reunião em casa do Dr. Peninha, que iria providenciar recursos em

financiamentos para a grande obra. Presentes estavam o Presidente de Honra Juvenal Lopes, o Presidente Djalma dos Santos e toda a diretoria da Mangueira, alguns convidados especiais e nós, arquitetos. O ambiente era de total confiança na idéia da nova sede e até de certa euforia em concretizá-la de imediato. Falou-se no programa e nas metas, nos espaços necessários e indispensáveis, nas áreas úteis e suas destinações, destacando-se as providências para a ampliação do terreno visando a atender um projeto mais ambicioso.

Nada melhor que juntar o útil ao agradável. Era, até então, o primeiro projeto de arquitetura destinado a uma escola de samba. Nós fomos os arquitetos privilegiados para a tarefa. Os prazos seriam curtos e o projeto diversificado e abrangente. Mãos à obra: reuniões com engenheiros, calculistas e instaladores.

O anteprojeto e a maquete foram apresentados aos mangueirenses, convidados e imprensa em geral, um mês após a reunião inicial. O que ocorreu num festivo encontro no Clube Monte Líbano, com show, aberto pela ala das baianas, seguindo-se os destaques em suas ricas fantasias, as exhibições de passistas, mestresala e porta-bandeira, ao embalo dos sambas interpretados ao som da bateria nota 10, enfim, o que de melhor a Mangueira tinha a apresentar.

Corria o ano de 1970 e ao início de 72 a obra deveria estar concluída. Vale comentar a preciosa contribuição dos vizinhos da antiga sede, que para proporcionar a ampliação desejável do terreno, entraram em acordo amigável com a direção da Escola para cederem - numa prova de muito amor - parte de seus lotes numa faixa de 10 metros, desde o alinhamento da Visconde de Niterói até o

final da quadra, o que viabilizou o acréscimo da área hoje existente.

Os ensaios para os desfiles nos dois anos seguintes passaram a ser no Clube Garnier, na rua Ana Neri, contando com a presença maciça dos mangueirenses, preparando-se ali os carnavais de 71, para o enredo "Modernos Bandeirantes", com samba de Hélio Turco, Darci e Jurandir, e em 72 para o belíssimo "Rio Carnaval dos Carnavais", de Nilton Russo, Moacir e Padeirinho, que levou a Mangueira ao vice-campeonato.

A obra caminhava em ritmo acelerado, nos prazos previstos, especificações técnicas executadas corretamente e com os detalhes de acabamento onde a competência de Ruth

se fez presente. A contribuição de Leal apareceu, também, no bom gosto dos painéis de azulejos em verde e rosa. Tudo estava atendido como projetado, e tanto arquitetos como diretores, com sabedoria, preveniram-se para a máxima acertada: quadra de ensaio é uma roda de samba cercada de cerveja por todos os lados, o que pressupõe uma estocagem de centenas de caixas do precioso líquido para serem servidas super-geladas aos exigentes consumidores. Em consequência, os sanitários, de total conforto, estavam disponíveis e, à mão, como manda o figurino, a facilitarem, o consumo assustador das geladas.

Durante as obras, dos mais entusiastas a fiscalizá-la era Cartola, que o fazia, junto aos arquitetos. Os presidentes

Juvenal e Djalma estavam sempre presentes e até Carlos Cachaca aparecia, discretamente, assim como as vizinhas Neuma e Zica. A Comissão de Obras a tudo acompanhava, de perto e atenta, com José Ramos, Alcione Barreto, Mário e Joel, sob a direção eficiente de Ciro Ramos. Gente do subúrbio, zona norte e zona sul também aparecia para ver.

A sede e sua quadra, inauguradas no aniversário da Mangueira em 28 de Abril de 1972, foi um sucesso. Tudo deu certo. Milhares de pessoas presentes, mangueirenses do morro e de fora. A primeira cerveja servida à mesa, pelo garçon Jair, foi saboreada pelo Dr. Alcione e o Capitão Cerveja - Ronaldo Lins. O Governador do Estado, Dr. Chagas Freitas, lá estava. Veio gente de todo lado e do mundo do samba,

1999 - O Palácio do Samba, quadra mais bonita do Rio, recebe 5 mil sambistas por ensaio.



O Século do Samba

todos ansiosos em ver o "Palácio do Samba". Um acontecimento que virou orgulho da Mangueira e da cidade.

O então Presidente Djalma dos Santos, emocionado, fez o discurso de inauguração. Em seguida, Pandeirinho subiu ao Palanque dos Compositores e cantou nada menos que seu inesquecível "O Grande Presidente", enredo de 56 em homenagem a Getúlio Vargas, acompanhado pela impecável bateria do Mestre Valdomiro e a alegria de todos. Jamelão empolgou o público cantando os sambas de enredo da Mangueira, e outros intérpretes se apresentaram, valorizados pelos equipamentos de som de última geração e também pela iluminação perfeita de todos os locais e da quadra, o que possibilitava as primeiras transmissões de alta qualidade para as televisões - projetos de R. Thompson Motta.

A Velha Guarda marcava presença, as pastoras se esmeravam no samba, as baianas rodavam suas saias rendadas, Neide e Delegado brilhavam na exibição de porta-bandeira e mestre-sala. A criançada se agitava entre os assistas e os destaques desfilavam em suas belas fantasias. Fogos de artifício iluminavam a noite e o morro. Foi um espetáculo inesquecível.

A quadra, quando inaugurada, era descoberta. Era melhor em muitos sentidos, mas inviabilizava os ensaios nos períodos de chuva. O Prefeito do Rio, Dr. Marcos Tamoyo, após um ano muito chuvoso,

ofereceu uma cobertura que, recém-construída, desabou numa madrugada de temporal e forte ventania, felizmente sem vítimas. Uma nova foi feita e ainda está, mas, como todas as quadras cobertas, muito prejudica o som, que se torna ensurdecedor e distorce as sutilezas do samba e o balanço do ritmo, tudo melhor em noites de luar ou sob o céu de estrelas - como antes - com a quadra envolvida pelo cenário do morro pleno de luzes cintilantes.

O restaurante/boate funcionava em alto nível e virou ponto de referência, graças à excelência da cozinha pelas mãos competentes de Tia Miúda e das colegas mangueirenses. À noite, era o ponto de encontro para as rodas de samba sob o comando de Adelson Alves e a presença do que de melhor havia entre compositores e intérpretes da música popular, os da casa e os de fora, convidados e homenageados pela Mangueira.

Lá estiveram, entre outros, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Roberto Ribeiro, Mestre Fuleiro, Monarco, Noca, a Velha Guarda da Portela, do Salgueiro, do Império, o venerável Ismael Silva, assistas e destaques, enfim, a sala e o ponto do mundo do samba.

Tudo isso fez a Mangueira apresentar no carnaval de 73 um consagrado desfile, conquistando o título de campeã com o samba de Jajá, Preto Rico e Manoel para o enredo "Lendas do Abaeté" - marcante despedida do último carnaval na Presidente Vargas.

Passado mais de um quarto de século, por iniciativa da Fundação Roberto Marinho junto à escola, tornou-se realidade a construção do terceiro andar da sede, previsto desde o projeto original, para o qual fui novamente convocado a colaborar. O programa foi apresentado e acertado com o Presidente Elmo José dos Santos e diretores da Mangueira, destinando, na ala acima da atual diretoria, uma ampla sala com mezanino, para a biblioteca, área de audiovisual e arquivo histórico, com documentação e acervo que contam a história da escola desde sua criação, além de cabines especiais para computação, etc. No lado oposto, os banheiros e em seguida um salão para reuniões e projeções, com 150 poltronas e pequeno palco. Ao fundo, um bar e local de encontro para a Velha Guarda.

É a Mangueira a crescer sempre, com sua gente e os que com ela convivem. Ela merece, e muito. E como dizia Cartola:

*"Quando à tarde
O sol descamba
Vem a lua pro terreiro
Lua em forma de pandeiro
Ritmando prateada
Mais distantes as estrelas
Pequeninas, quase nada
Tem-se a impressão que Mangueira
Seja um conto de fada".*

Sabino Barroso é engenheiro

A Mangueira resgata a sua memória



Obra espetacular e inédita no samba brasileiro. A Mangueira, mais uma vez larga na frente.

A gloriosa história da Estação Primeira está, enfim, resgatada. Mais um projeto de grande alcance social e cultural da administração do Presidente Elmo José dos Santos e do Vice-Presidente Walter Miranda, que firmaram parceria com a Fundação Roberto Marinho para construir o terceiro andar no Palácio do Samba destinado a preservar a memória da Escola de Samba mais popular e mais querida do Brasil. O **Centro de Memória Verde e Rosa** já é uma realidade e a Mangueira sai mais uma vez na frente com a instalação de um espaço onde estarão instalados um centro audiovisual, uma biblioteca e uma área de exposição, além, de uma auditório de múltiplo uso com 80 lugares, ar refrigerado e condições de abrigar eventos e reuniões comunitárias.

A construção do **Centro de Memória Verde e Rosa** começou a se desenhar em 1997 e depois de uma série de reuniões a Fundação Roberto Marinho, através do projeto "Globo Patrimônio", destinou cerca de R\$ 300

mil reais à Mangueira para executar a obra. O início das escavações, tomando toda a parte frontal do Palácio do Samba, foi em meados do ano passado. A Fundação Roberto Marinho considerou o projeto do Centro de Memória como “um reconhecimento a importância da comunidade da Mangueira como celeiro de cultura popular e berço de alguns dos poetas mais geniais da música brasileira”.

Enquanto engenheiros e operários metiam literalmente a mão na massa para executar a obra, a Fundação Roberto Marinho providenciava a gravação em vídeo de depoimentos de representantes da Velha Guarda da Mangueira, bem como seus Baluartes e demais figuras de expressão da Escola e do próprio Morro da Mangueira. Ao mesmo tempo, era feito um levantamento junto aos moradores para coleta de objetos históricos e dos poetas da Verde e Rosa. Um deles, Hermínio Bello de Carvalho, doou toda a sua coleção de caricaturas, livros e demais objetos de arte e música sobre a Estação Primeira para o Centro de Memória.

De acordo com a parceria com a Fundação Roberto Marinho, o **Centro de Memória Verde e Rosa** será aberto a moradores, estudantes e pesquisadores interessados em conhecer a história do verdadeiro patrimônio nacional que é a Mangueira, a mais antiga e tradicional agremiação do samba brasileiro. A construção do **Centro de Memória Verde e Rosa** é uma homenagem à Nação Mangueira, em especial à Velha Guarda e aos Baluartes que fizeram a história do grêmio, entre os quais Carlos Cachça, 96 anos de idade, único fundador ainda vivo. E mais: Jamelão, o mais antigo dos intérpretes de samba-enredo em atividade; Dona Neuma, filha de Saturnino Gonçalves, um dos fundadores; Dona Zica, esposa e fonte de inspiração do imortal Cartola; Delegado, o maior fenômeno dentre os mestres-salas do samba brasileiro; Nelson Sargento, poeta e pinto de primeira linha; Nelson Cavaquinho, grande poeta; e todos aqueles poetas e sambistas que deram a glória inquestionável da Estação Primeira de Mangueira a partir de 28 de abril de 1928, data da sua fundação.

MANGUEIRA TEU CENÁRIO É VERDE-E-ROSA

(REFLEXÕES DE UM AMIGO DA MANGUEIRA)

Michael Paul Zeitlin

Certo dia, um sábado ensolarado, interrompi minha rotina de visitar obras do Governo do Estado de São Paulo para atender ao convite que me fez Elmo José dos Santos, Presidente do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Recebi o honroso título de **Amigo da Mangueira**. A razão para tanto foi mais a generosidade de nosso amigo comum, José Maria Monteiro, do que qualquer pequena colaboração que tenha feito para os programas sociais da Mangueira.

À noite, fomos, eu e outros homenageados, para a quadra da Mangueira. Entro no amplo salão, curioso das coisas que iria ver. Enfim, estou no recinto que, para mim, tem algo de místico. Como será a noite? Que tipo de festa haverá? Será um ensaio mesmo?

Rapidamente, fomos levados a um camarote no 2º piso. Descortino um grande salão de baile já parcialmente cheio. Pela porta de entrada, mais gente vai chegando. Lembro-me de um estádio de futebol antes do início de uma partida.

... *"Mangueira teu cenário é uma beleza
Que a natureza criou"...*

Um amigo, velho frequentador da Escola, me informa que os ensaios só começam com o hino oficial da Mangueira. Começa o samba. Meus olhos passeiam pelo salão. Logo prendo a atenção numa mulata clara, longilínea, que desliza qual uma ave pelo salão. Braços longos, sempre levantados, fazem uma coreografia ousada. Quando passa por um local que posso avistar suas pernas, vejo-as em movimentos intensos, frenéticos mesmo. Os ombros, ao contrário, balançam suavemente, sem indicar a agitação dos pés. Prendo a atenção novamente. Será que é isto que chamam "ter o samba nos pés"? Lembro-me do craque Didi. Chamavam-no de "Príncipe Etíope". "Princesa": pode ser. "Etíope": acho que não, ela não é. Maravilho-me à distância.

Observo ao meu amigo que o salão "está duro de gente". O fluxo na entrada continua. Sou informado que, em 16 anos de frequência à Mangueira, meu amigo jamais viu uma briga, sequer um empurrão.

Acabei me distraíndo e comentando a parte artística. Não é este meu intuito. Para isto me falta competência e conhecimento. Quero falar do que visitamos durante a tarde deste mesmo sábado.

Começo pela Vila Olímpica: um terreno que, em 1987, estava repleto de sucata da rede ferroviária e foi transformado em praça de esportes. Vários times ou jogam futebol, ou estão esperando sua vez, todos uniformizados com camisetas que portavam a logomarca da Xerox, patrocinadora da Vila Olímpica. Já havia tomado conhecimento do projeto anteriormente. Agora vejo-o na realidade. Na pista de atletismo, vários atletas, de todas as idades, correm, dão "tiros" de 100 metros, fazem alongamento. Todos sorriem sem prestar atenção ao grupo de visitantes. Ao todo, mais de 4500 crianças e adolescentes têm a chance de praticar seu esporte preferido sob a orientação de técnicos e professores contratados pela Mangueira. Para as crianças, apenas uma condição: devem estar estudando e com bom aproveitamento acadêmico.

Da Vila Olímpica, passamos para o Camp Mangueira – Centro de Amparo ao Menino Patrulheiro. O Camp prepara o adolescente do morro para o mercado de trabalho, contando com o apoio de mais de 170 empresas e gente abnegada, com vontade de ver a Mangueira transformada. Sua idealizadora, uma ex-atleta, prega a filosofia do programa social da Mangueira: a convivência

do esporte com a preparação do adolescente para o mercado de trabalho, num mesmo ambiente. O objetivo é duplo: ver os jovens mangueirenses trabalhando e pôr um ponto final no envolvimento com drogas e com a marginalidade. O resultado é relatado por um ex-juiz de Vara de Infância e da Juventude do Rio de Janeiro: "...passei a constatar, através de um acompanhamento mensal, que havia um número muito grande de delinquência infanto-juvenil nos morros e favelas da cidade. No Morro da Mangueira, curiosamente, apesar do domínio do narcotráfico, não haviam crianças e adolescentes infratores".

No Camp, 200 jovens são preparados, a cada 3 meses, para o trabalho. As exigências são, apenas, estar matriculado na escola e ter mais de 13 anos. Todo aluno recebe aulas de iniciação ao trabalho, telemarketing, orientação sexual, higiene e saúde, além de reforços em aulas de português e matemática. Cerca de 50% dos jovens são contratados imediatamente, enquanto o restante permanece no Camp até serem contratados.

Andamos todos um pouco mais e chegamos no CIEP Nação Mangueirense.

Localizado ao lado da Vila Olímpica da Mangueira, é um CIEP especial: não existe nenhum outro lugar similar no Estado do Rio. Seu regime de educação integral vem aumentando, positivamente, os resultados das 720 crianças que nele estudam. A comunidade mangueirense adotou o CIEP: contrata professores adicionais e complementa os salários dos que pertencem ao Quadro do Estado. As crianças têm a sua disposição 11 oficinas pedagógicas que integram o programa batizado de **"Artisticamente Mangueira"**. Com a Faculdade Gama Filho, mantém convênio que garante a Oficina de Nutrição na qual as crianças aprendem como devem comer, que alimentos e em que quantidade. Outro convênio com a UERJ permite a reciclagem constante dos professores na Oficina de Psicologia Institucional.

... *"É o Chico das Artes ... O Gênio
Poeta Buarque ... Boêmio
A Vida no Palco, Teatro e Cinema
Malandro Sambista Carioca da Gema"...*

Ecoam nos meus ouvidos o som do samba enredo da Escola para este ano. No salão, a mulata distante acena para alguém distante e mostra o relógio. Com o indicador, faz o gesto do número 1. Olho instintivamente para meu relógio: é uma da manhã. Quando levanto os olhos, vejo-a sair e não voltar mais. Lembro-me da visita, à tarde, ao barracão de alegorias. Sou ciceroneado por meu amigo Oswaldo Martins, coordenador de enredo. Os carros se sucedem numa linha de montagem virtual. Inúmeros profissionais, das mais variadas especialidades, trabalham numa aparente desordem. Minha experiência de organizador e construtor me faz perguntar o óbvio: como sabem que vão terminar a tempo? Como várias partes se encaixam? O porquê dessa imagem. Informam-me, com dose apreciável de paciência, sobre tudo que pergunto. Fico maravilhado com a capacidade de, usando os poemas de Chico, explicitarem sua mensagem política e social. O Presidente da Escola, com os olhos brilhando, me diz que seu sonho é criar na Quadra da Escola, pequenos compartimentos onde os jovens pudessem aprender todos os ofícios, de costureira a serralheiro, de percussionista a operador de informática. "É meu sonho, Michael." - me diz ele - "Vamos discutir isto! Você vai me ajudar! Durante o dia, o local será uma escola profissional. Nos fins de semana, tiramos as

divisórias e fazemos nosso ensaio.”

O barracão de alegorias está localizado num armazém abandonado do porto, da mesma forma que o de outras escolas de samba. Sou informado que antes ele estava localizado junto à Praça Onze, próximo ao Sambódromo, mas a Mangueira preferiu usar o local para outra atividade. Mais um desafio.

Saímos em direção à Praça Onze. No trajeto, pergunto sobre a comunidade do Morro da Mangueira. São 40.000 pessoas, não havendo mais lugar no morro para novas construções. Visualizo que a Quadra é no sopé do morro, a Vila Olímpica em frente e o CIEP Nação Mangueira, pouco mais adiante. É o morro se derramando pela cidade.

A Bateria muda completamente o ritmo. A batida é outra. No microfone, um novo puxador de samba. Meu amigo me diz que o pessoal de outra Escola veio fazer uma visita de cortesia. Em retribuição, a Bateria adota a batida da Escola visitante. Fidalguias de Lorde Inglês. Na Quadra, um Mestre-Sala e uma Porta-Bandeira da Escola visitante competem, amistosamente, com o casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Mangueira — é a dupla número dois da Escola. Meus olhos passeiam pelo salão. Procuro pela mulata clara. Não a encontro. Meus olhos cruzam com os olhos de uma loira, mais baixa, a mesma agilidade nos pés. O que chama a atenção agora são os quadris que balançam na batida do samba. Porta um chapéu de palha. Informam-me que posso adquirir um na lojinha da Escola. Compro um chapéu e uma camiseta da Mangueira. Volto ao camarote. A loira sorri, à distância, do meu chapéu. Nos olhos, temos os dois um olhar cúmplice.

Chegamos ao barracão da Praça Onze. Apresentam seu novo programa. Atendem aos meninos de rua do centro do Rio em parceria com a Prefeitura. Fornecem café da manhã, almoço, jantar. Não há alojamentos. Alguns meninos chegam, vêm, comem, tomam banho e vão embora. Outros, mais curiosos, ficam para ver os micros; alguns pedem explicação. Outros, mais desinibidos, pedem aulas e vão ficando. Alguns se interessam pelos músicos e maravilham-se com a fama dos membros da Bateria. Meninas querem aprender a fazer fantasias e vão ficando. Os diretores nos confidenciam suas dificuldades: “No morro é mais fácil, já que conhecemos todas as famílias. Se alguém começa a aprontar, sempre há um vizinho, tio, conhecido, para uma palavra amiga ou um puxão de orelhas. Aqui ninguém sabe quem é quem. Alguns vêm e somem”.

A Equipe é composta pelos Diretores da Mangueira, Psicólogos, Assistentes Sociais, todos chefiados pela Socióloga Joana D'Arc. Essa equipe tornou-se especialista no atendimento à crianças de rua que sequer vivem com suas famílias e ignoram as referências mais básicas do dia-a-dia. Para eles, ter uma escova de dentes está tão distante quanto a educação e o esporte. Trabalhando com pessoas tão carentes de carinho e amor, a equipe aprende que não basta boa vontade para ensiná-las a ser alguém na vida, é preciso paciência para entendê-las e respeitar sua realidade. Para mudar suas vidas, a receita é muito trabalho, dedicação e amor.

Fico pensando no desafio que aceitaram. Por quê? Tendo implantado um Programa Social aclamado no mundo inteiro, vencedor de Prêmio da BBC de Londres como melhor Programa Social em país emergente. Por que mudar de lugar seu barracão de Alegorias? Afinal, o ponto era ótimo. Por que aceitar o desafio de cuidar de crianças e adolescentes que não conhecem, estendendo esse trabalho também a velhinhos carentes?

... *“Mangueira teu cenário é uma beleza
Que a natureza criou”...*

A bateria volta ao hino oficial. Eu retomo as palavras do ex-juiz: “Hoje tenho a convicção de que o sucesso da Mangueira está baseado no seguinte fato: o modelo social

adotado pela liderança comunitária não foi importado, não pertence a nenhum governo, nem saiu da prancheta do laboratório de especialistas. Pelo contrário, as demais atividades que a Mangueira oferece aos seus filhos, são da própria Mangueira”.

A Bateria continua no samba e eu me vou. Na memória, o sorriso da loira cúmplice. É preciso inspecionar obras. Levo comigo a certeza de que é possível melhorar este país, tornando-o mais justo e mais humano. É preciso apenas apoiar iniciativas como a da Mangueira, que podem surgir em cada comunidade deste imenso Brasil.

Michael Paul Zeitlin é Secretário de Transportes do Estado de São Paulo



Departamento Feminino:

Amor puro à Mangueira

Elas são vaidosas como toda pastora mangueirense que se preza. Não repetem roupa nas festas nem em dois ensaios seguidos. Estão sempre bem penteadas e com as unhas reluzentes. Sambam a noite inteira e não discriminam este ou aquele samba ou compositor. Esta é a máxima das vinte mulheres mangueirenses que formam o Departamento Feminino comandado por Márcia da Silva Machado, a "Guezinha", filha de dona Neuma e Suely Moreira Ramos, a "Suely do Buraco Quente" que é nora do Baluarte José Ramos.

A vaidade e a apresentação pessoal impecável dessas vinte mangueirenses reflete-se apenas quando a festa começa. Antes, de chinelos e bermudas, bonés ou cabelos presos por grampos simples, elas são um pouco de tudo na quadra: lavam chão e banheiros até com soda cáustica, se for preciso, colocam desinfetantes aromatizados e material de higiene nos sanitários, carregam, armam e arrumam mesas e cadeiras, colocam enfeites e flores, fazem a recepção dos convidados e não param um minuto sequer quando a bateria entra em ação. Tudo em nome do amor infinito que devotam à Estação Primeira de Mangueira.

Ano passado, por exemplo, quando o enredo "Chico Buarque da Mangueira" originou a inscrição de 65 sambas, Gue-zinha e Suely comandaram suas amigas do Departamento Feminino por 65 vezes na quadra. "Não ficamos de fora em nenhum samba. A gente entra para rodar em todos eles, não importa o nome dos compositores nem se o samba é favorito ou não. A nossa missão é mostrar alegria e a união da Nação Mangueirense", explica Guezinha, sempre bem humorada e brincalhona.

Aos 50 anos de idade, pode-se dizer que Guezinha frequenta a quadra da Estação Primeira há 50 anos. Afinal, neta do primeiro presidente da Escola, Saturnino Gonçalves, e filha da dama Neuma Gonçalves, era natural que desde o

nascimento Guezinha tivesse contato diário e visceral com as cores verde-e-rosa. Com Suely, também de 50 anos, não poderia ser diferente. As duas são amigas desde a mais tenra infância, inclusive porque começaram a desfilar juntas nas Ala das Crianças. Fizeram um pouco de tudo como componentes e Guezinha, por exemplo, chegou a se insinuar como Porta-Bandeira mirim.

Ano passado, quando a Diretoria da Mangueira organizou a festa histórica dos 70 anos de fundação da



Suely e Gezinha comandam o Dept^o Feminino

Mangueira, coube ao Departamento Feminino a tarefa de decoração do Palácio do Samba. Quem esteve na quadra naquela noite de Primeiro de maio de 1998, não deixou de elogiar a beleza do ambiente. Mas para chegar àquela bonita decoração, as vinte senhoras do Departamento Feminino da Mangueira começaram a trabalhar às 7 horas da manhã e só pararam quando o Padre convidado pela Escola se preparava para rezar a missa em ação de graças. *“Não deu tempo nem de ir ao cabeleireiro, como pretendíamos”*, lembra Suely. *O jeito foi improvisar um penteado e fazer as unhas em casa mesmo para não deixar a vaidade de lado.*

Para se ter uma idéia do trabalho dessas vinte senhoras mangueirenses, elas montaram 200 mesas de alumínio, colocaram nelas 200 toalhas e 200 arranjos florais, além de

“vestir” com um forro cor de rosa o encosto de 1.600 cadeiras. Quando a festa terminou, já na manhã de 2 de maio, Guezinha, Suely e sua 18 amigas retiraram as toalhas e forros das cadeiras e levaram para lavar em casa, sem cobrar um tostão por fora da Escola.

- Fazemos isso por amor. A Mangueira é um prolongamento da nossa casa e razão da nossa vida - avalia com emoção a Guezinha.

O Departamento Feminino da Mangueira tem as seguintes componentes, além de Guezinha e Suely do Buraco Quente: Ângela Bombom, Licinha, Iracema, Nilza, Betinha, Jorgina, Vivi, Alda, Sueli da Olaria, Mena, Laura, Ivani, Zélia e Valéria da Joaquina, Déia, Aparecida e...

Altair Baffa



Deptº. Feminino: Elegância e muita animação na quadra

Verde e Rosa, paixão em família

Por Sandra Moreira

O ano era 1931, o mês, fevereiro, o carnaval já incendiava o Rio quando o jornal Mundo Esportivo, de Mário Filho, promoveu o primeiro desfile oficial das Escolas de Samba do Rio. No júri, escolhido entre intelectuais da cidade, estavam Eugênia e Álvaro Moreyra. O casal de jornalistas tinha começado a despertar para essa arte que descia dos morros desde os primeiros tempos do Movimento Modernista. Sentiam que a alma sonora da cultura brasileira estava ali nos morros do Rio.

Naquele carnaval, a campeã foi a nossa Estação Primeira de Mangueira. Eugênia e Álvaro se tornaram mangueirenses de coração e também um filho deles, que tinha assistido ao desfile da verde e rosa e se apaixonado pela escola. Sandro Moreyra tinha treze anos e fora levado pelos pais ao desfile na Praça Onze. Nunca mais deixaria de ver a Mangueira na avenida. Sandro cresceu e virou jornalista, como os pais. Se especializou na crônica esportiva, mas adorava e conhecia como poucos nossa música popular, especialmente o samba. Vivia nos ensaios das escolas, conhecia os compositores, participava dos júris para a escolha de samba-enredo em quase todas as grandes escolas.

Em 55, com uma filha pequena, de cinco meses, Sandro e a segunda mulher, Léa, queriam assistir ao desfile, mas não tinham com quem deixar o bebê. A Mangueira, pelos cálculos deles devia estar entrando na Avenida Rio Branco por volta das quatro e meia, cinco horas da manhã. Os dois ficaram acompanhando de casa, pelo rádio, a movimentação do desfile para chegar na Rio Branco na hora certa. Quando a Mangueira entrou na avenida, com a batida forte e única de seu surdo, o casal - com bebê e tudo - estava lá para acompanhar a escola. Sandro gostava de contar que a filha estava mamando na hora em que a bateria nota dez da verde e rosa deu seu primeiro toque na concentração. Imediatamente a neném largou a mamadeira e sorriu, olhando curiosa o movimento das alas, mexendo o pezinho no ritmo do samba, feliz da vida.

Aquele bebê era eu. Fantasias à parte, foi torcendo pela Mangueira, junto com meu pai na avenida, que passei todos os carnavais da minha infância e juventude.

Ainda menina, vi minha escola ser campeã em muitos carnavais que ficaram muito marcados na minha lembrança, como o ano em que homenageou Monteiro Lobato: um samba-enredo histórico, um desfile maravilhoso. A Mangueira deu de presente aos membros do júri e aos que colaboraram com a escola uma coleção dos livros do escritor. Sandro, que na época era diretor da escola, ganhou uma, que é a que tenho até hoje, com uma bela capa vermelha de couro. Meus filhos aprenderam a amar as histórias e personagens de Monteiro Lobato lendo a coleção da Mangueira.

Como meu pai e meus avós, acabei jornalista. Mas nem quando passei a trabalhar na cobertura do carnaval para a tevê, deixei de torcer, de me emocionar ou de cair em prantos quando o surdo da Mangueira dava aquele toque único, ainda na concentração. Como repórter, torci pelas vitórias da Mangueira muitas e muitas vezes. Tanto nos locais de apuração, quanto na quadra de outras escolas, no "campo do adversário" sem poder gritar e comemorar cada nota dez da verde e rosa. Vi a Mangueira linda, linda ser campeã com Braguinha, Caymmi e Drummond - no que foi o último carnaval do Sandro, em 87.

Depois de assistir aos belos desfiles que homenagearam Caetano, Gil, Gal e Bethânia e Tom Jobim, nosso maestro brasileiro. E só nessa pequena lista de carnavais memoráveis, a gente logo vê que a Mangueira é mesmo diferente, até na sensível escolha de seus homenageados, todos grandes nomes da literatura e da música brasileira.

No último carnaval, depois de muitos e muitos anos trabalhando em fevereiro, tirei férias. Viajei e nos dias de carnaval, já de volta ao Brasil, fui descansar em Petrópolis. Nada de batucada... só a paz das montanhas. Mas, no momento em que a Mangueira entrou na avenida, meu coração disparou lá na serra. Não dava para ficar de fora. Grudei os olhos cheios d'água na televisão. Chorei com o desfile da Mangueira via satélite. Não tem jeito! Essa escola de samba e a minha família sempre terão uma relação apaixonada. Onde houver um surdo de primeira, onde brilhar a exótica combinação de verde e rosa, vai haver um Moreyra explodindo em lágrimas, com as mãos tremendo e o coração aos pulos, torcendo loucamente pela Estação Primeira de Mangueira.



Sandra Moreira é Jornalista é Editora da TV Globo

Mangueira, Paixão de um Povo

Há quase trinta anos, a Mangueira, que já era a Escola de Samba “Mais Querida” do povo carioca, conheceu o elo de amor e paixão também com o povo de São Paulo. Não foi por acaso que a Mangueira tornou-se a primeira Escola de Samba a receber componentes de fora do Rio de Janeiro, mangueirenses apaixonados que tinham o pensamento fixo, quase uma neurose, de poder entrar um dia no Palácio do Samba, vestir literalmente a camisa verde-e-rosa e, graça maior, ter a felicidade de desfilar para o público ao som da bateria nota 10 comandada, naquela época, pela batuta quase divina de Waldomiro Thomé Pimenta, o “Mestre” Waldomiro. A marcação de uma só batida no surdo, idealizada por Lúcio Pato, funcionava como um verdadeiro fascínio para todos - fascínio que se mantém até hoje.

Dentro da “NaçãoMangueirense” que se espalhou por São Paulo, há duas personalidades marcantes: José Maria Guimarães Monteiro, presidente da COSESP (Companhia de Seguros do Estado de São Paulo), e o jornalista Oswaldo Martins, Secretário de Comunicação do estado de São Paulo neste segundo mandato do Governador Mário Covas.

José Maria Monteiro é tão fanático pela Mangueira como pelo Santos, o clube do coração desde muito antes do Rei Pelé. Da Mangueira ele ganhou ano passado o título de Benemérito outorgado pelo presidente Elmo José dos Santos. Ao fazer a apresentação do agraciado, Elmo foi eloquente ao dizer que “José Maria Monteiro nasceu em São Paulo mas tem o umbigo dentro do Buraco Quente do Morro de Mangueira”.

Oswaldo Martins, por sua vez, é uma das penas mais sensíveis do jornalismo paulista. Conhecedor profundo da Música Popular Brasileira, foi dele dois enredos maravilhosos da Estação Primeira na década de 90: em 1992, “Se Todos Fossem Iguais a Você”, homenagem ao maestro Tom Jobim; e em 1998, “Chico Buarque da Mangueira”, o enredo campeão após uma espera de 12 anos. O enredo deste ano de 99 - “O Século do Samba - teve a participação de Oswaldo Martins em parceria com o Conselho de Carnaval da Mangueira. Estes dois últimos enredos levam a assinatura do carnavalesco Alexandre Louzada.



José Maria Monteiro

José Maria Monteiro foi quem alavancou boas cotas de patrocínio e parcerias com grandes empresas brasileiras, nos últimos anos, para ajudar a Mangueira a fazer seus carnavais e tocar seus projetos sociais, já que a Escola não tem “patrono” como algumas das suas principais rivais.

Enfim, José Maria Guimarães Monteiro e Oswaldo Martins sentetizam não apenas o elo forte e indestrutível do amor do povo de São Paulo pela Mangueira. Os dois significam, com certeza, a ligação da inteligência e da perspicácia em ajudar de bom grado e coração aberto a Escola de Samba do coração deles e do coração de 48% do povo brasileiro do Oiapoque ao Chuí.



Oswaldo Martins

O Samba no Japão



Ao desembarcar no Galeão, um grupo de japoneses foi surpreendido pela multidão de pessoas e fotógrafos. De repente, a bateria da Mangueira começou a tocar e agitou o sangue desses japoneses. Perplexos, logo esqueceram toda a ansiedade e insegurança que sentiam no primeiro contato com a terra desconhecida. Quando uma corajosa entrou na roda, nada prendeu o resto para cair no samba.

Este foi o primeiro encontro do grupo japonês, que veio para conhecer e aprender o samba em sua terra, com a bateria, Dona Neuma, Marquinho e Giovana da Mangueira.

O navio Kasado Maru atracou ao cais de Santos em 1908 com 791 emigrantes japoneses. Noventa anos depois, sambistas japoneses estão chegando de avião ao País do Carnaval.

As pessoas que estavam no aeroporto foram deslumbradas pela cena e a imprensa deu grande destaque mostrando, em seus telejornais de noite e jornais de dia seguinte, a chegada de japoneses da nova geração.

Os brasileiros estão acostumados a ver japoneses na agricultura e em outras atividades econômicas. Mas agora, estão conhecendo outros tipos de japoneses. Foi no carnaval do ano passado que a porta bandeira japonesa desfilou na Avenida.

De onde nasce esta energia dos japoneses após 30 horas de vôo? Como o samba atravessou o mar e está trazendo japoneses do outro lado do mundo? Como já aprenderam a cantar o enredo do carnaval antes de chegar ao Brasil?

Wakama Hiroko, de 62 anos de idade, é professora do samba. Começou há 15 anos a academia "As Princesas do Samba" na cidade de Kobe, cidade pioneira de samba e porto de onde partiu o Kasado Maru. Há 27 anos, Wakama participou pela brincadeira do segundo Festival de Kobe e ficou encantada pelo samba. O sonho dela foi realizado visitando o Brasil pela primeira vez.

O Festival de Kobe, suspenso por 2 anos devido ao Grande Terremoto Hanshin, voltou com toda a potência em 1996. Este ano, 60 mil pessoas assistiram o desfile de 1.100 componentes de 7 blocos e escolas durante o Festival de Samba, ponto alto do Festival de Kobe.

Numa foto que saiu em jornais do dia seguinte, Iwata Mobuo aparece com o cavaquinho na mão ao lado de meninas sambando. Ele é cuiqueiro da "Liberdade", escola de samba de Tóquio e engenheiro da Fuji Xerox Co. Ltd.. Foi ele que me enviou a fita da escola que gravou o seu enredo 97 para entregar à Mangueira. Fiquei maravilhado pelo trabalho. A capa da fita: "Liberdade 97, Vice-Campeã, BELEZA E EMOÇÃO DO NASCER DO SAMBA" e a fotografia da alegoria da escola com duas zebras no meio da Avenida de Marquês de Sapucaí. Todas as letras impressas em português! A puxadora, Fujioka Yumiko, canta em português.

No dia 22 de agosto, Asakusa, um bairro tradicional de Tóquio, virou o cenário principal do samba no Japão. Começou mais tarde que Kobe, mas o seu carnaval é maior, mais famoso e mais concorrido. Oito blocos e 28 escolas, com 3.000 componentes no total, participaram do desfile e a Bárbaros foi a vencedora, pela 13ª vez, da Premieria Liga (que

Veja o resultado do Carnaval de Asakusa 98:

Primeira Liga		(Componentes)
1	G.R.E.S. Nakamise Bárbaros	250
2	União dos Amadores	250
3	Liberdade	220
Segunda Liga		
1	Alegria	175
2	Unidos da Urbana	200
3	Esperança	70
Terceira Liga		
1	Mikies e o Corpo de Festival	50
2	Sapogueiro	30
3	Arco Iris	50

equivaleria ao Grupo Especial do Rio). Cerca de 500 mil pessoas assistiram o desfile.

É muito interessante saber que o Carnaval de Asakusa é mini-cópia do Rio. Lá se pode tomar conhecimento de todos os aspectos do samba no Japão. Inclusive o comportamento típico do japonês. A maioria das pessoas que assiste não vibra porque estão mais interessadas em fotografar.

Os três ônibus que trouxeram os componentes da Unidos da Urbana percorreram os 300 quilômetros de Nagoya a Tóquio em seis horas e meia. A escola de Kasshiwazaki Mio, que participou do Curso na Mangueira, de novo ficou no segundo lugar perdendo o direito de passar para a Primeira Liga.

Como entrou o samba ou a música brasileira no Japão? Veja a variedade e a quantidade de CD's da música brasileira que se encontram no Japão.

O Alvinho da Mangueira ficou surpreso ao receber de Iwata um CD "Fala Mangueira!" da edição japonesa. No Japão, é mais provável conseguir alguns discos antigos que já não se encontram mais no Brasil. Iwata, por exemplo, possui cerca de 400 CD's da música brasileira. Só de samba, tem 150 inclusive 25 edições japonesas. De Cartola, tem 4 discos.

Em 1995 foi lançado um livro sobre a música brasileira em comemoração ao Centenário de Amizade Brasil-Japão. Com este livro, o japonês pode conhecer a música brasileira em casa talvez melhor que o

brasileiro em geral. O livro escreve sobre MPB, Bahia, Samba, Bossa Nova, Choro e outros tipos de música brasileira com apresentações sobre 101 artistas e 402 discos brasileiros.

Com este livro, o japonês estudioso consegue, sem sair de casa, ter conhecimento de que a primeira gravação de samba foi de "Pelo Telefone" de Donga em 1917 e de Cartola, Carlos Cachaca, Clementina, Nelson Sargento, Guilherme de Brito...

A aproximação e divulgação da música brasileira à comunidade japonesa está cada vez maior nesses 10 anos. Diversos artistas brasileiros vieram ao Japão para fazer seus shows e hoje uma estação FM tem programa regular em português "Saúde Saudade". A colônia brasileira espalhada em diversas partes do Japão facilitou intercâmbio mais frequente e natural. As duas comunidades assimilam-se. Como o futebol, o samba também entrou no Japão.

O mundo é pequeno! Poucos dias antes do carnaval de 1997, quando estava passeando com a minha mulher, encontramos com três moças japonesas em Copacabana. Foi a primeira vez que encontramos com japoneses na rua. Perguntei por que vieram ao Rio e soube que vieram para assistir o carnaval. No dia 15 de março de 1998, visitei a Liberdade para assistir o ensaio e lá encontrei essas moças. Akaiwa Chikako, uma delas, perguntou se eu morava na Rua Sá Ferreira. Foi ele que fez a bonita capa da fita e foram essas que fizeram zebras da alegoria.

Coincidência? Mistério da vida!

SAKUMA é o Embaixador da Mangueira no Japão

O Morro fez o Samba

Elles estão sempre juntos, se parecem fisicamente e são da comunidade mangueirense. Esse é o perfil dos três compositores que ganharam pela primeira vez na Estação Primeira da Mangueira. Um deles é veterano, outro tem apenas dois de anos de estrada e o terceiro fazia sua estréia, uma estréia "pé-quente" com a vitória consagrada na final de 10 de outubro de 1998 no Palácio do Samba.

Adalberto José Santana é pernambucano do Recife, 47 anos de idade e nasceu em 34 de Mangueira, desde que chegou com os pais para morar no Buraco Quente. Adalberto é motorista de ônibus e compositor da Estação Primeira há 15 anos, mas nunca tinha ganhado o concurso de sambas de enredo na Escola. Por causa do horário de trabalho, quando tinha que acordar às 3 da manhã para pegar no volante às cinco, Adalberto se viu obrigado a deixar a Ala dos Compositores da Mangueira por sete anos. Só voltou há dois anos porque o presidente Elmo José dos Santos abriu a Ala de Compositores a todos os compositores, independentes de vínculo à Escola, como era antes. Adalberto foi parceiro de Jocelino no concurso de 1998, quando a Mangueira desfilou com o enredo "Chico Buarque da Mangueira", mas não foram muito longe.

Jocelino José da Silveira é outro mangueirense que veio de fora do Rio de Janeiro. Ele nasceu em Pirapitinga, Minas, e veio para o Rio em 1978, indo morar no pé do Morro de Mangueira perto da subida para a Candelária. Jocelino tem apenas dois anos na Ala de Compositores da Mangueira e sua estréia foi em 97, quando compôs pela primeira vez em parceria com Adalberto. Jocelino também tem 47 anos e também é motorista de ônibus.

Jerônimo Luiz Belém da Costa é o único carioca do trio de compositores que venceu o concurso para o samba-enredo da Mangueira para 99. Embora carioca, Jerônimo nasceu no subúrbio do Engenho Novo, bairro onde mora. Este foi o primeiro ano que Jerônimo concorreu na Mangueira, embora tenha sido ritmista e cantor durante dez anos no "Grupo Resistência" e concorrido a vários festivais de pagode em favelas.



Da esquerda para a direita: Jocelino, Adalberto e Jerônimo

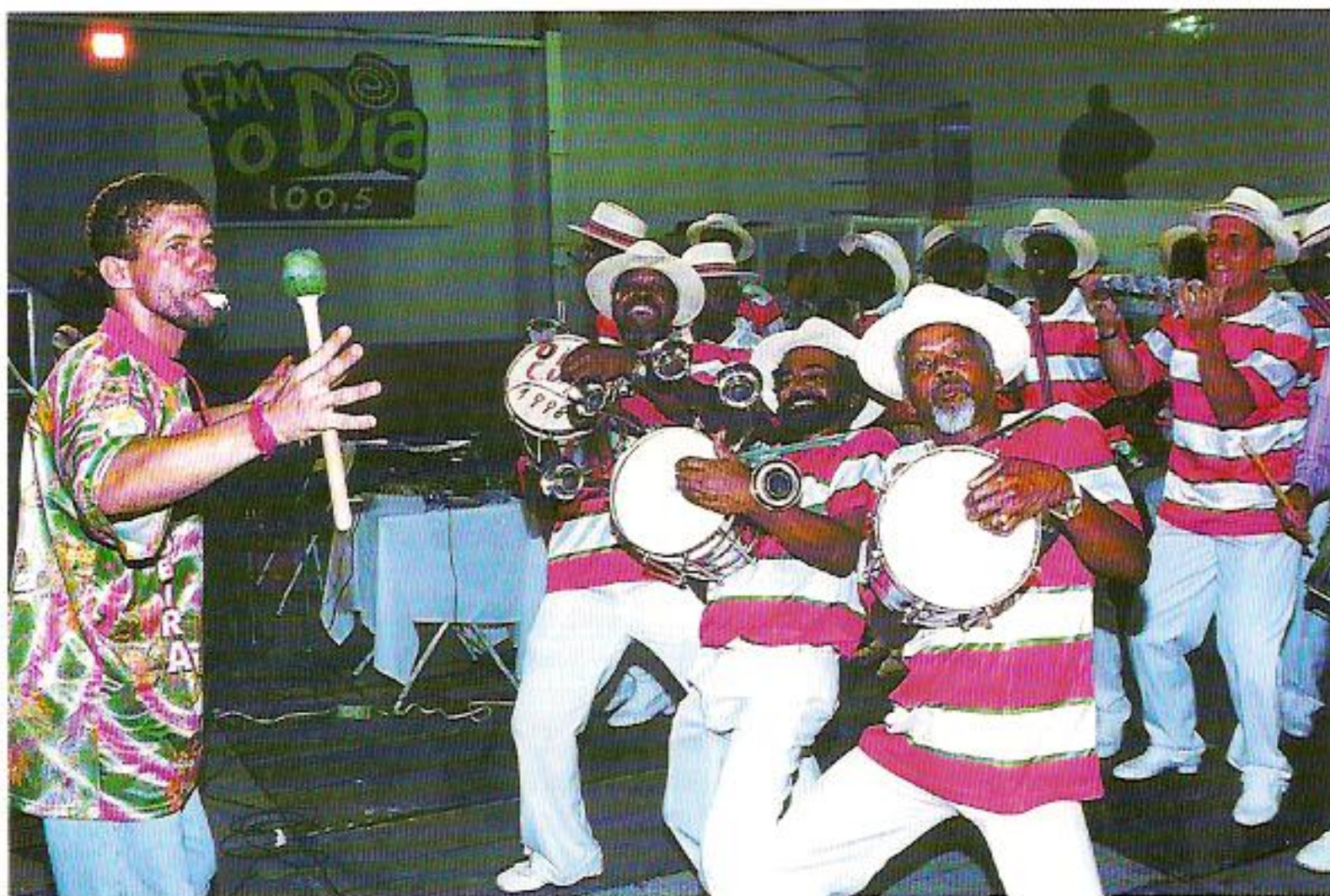
Os três decidiram fazer a parceria logo após o carnaval deste ano. Quando a Mangueira distribuiu a sinopse, em junho, cada um pegou a sua e só quinze dias depois voltaram a se reunir para iniciar a composição. "Fizemos uma obra bonita. Fomos muito felizes", disse Adalberto José Santana. Jerônimo considerou que o samba "deu muito trabalho para ser feito" e que a maior dificuldade foi "chegar à melodia ideal". Segundo Jerônimo, "a melodia foi mexida várias vezes até o samba ficar pronto".

... E TAMBÉM MAIS UM "MESTRE" DE BATERIA

Russo comanda a bateria nota 1.000 da Mangueira

Seguindo a tradição, a Mangueira escolheu na comunidade o seu novo Mestre de Bateria. José Luiz Custódio, o Russo, de 35 anos, estréia neste carnaval na direção dos 320 ritmistas da Verde-e-Rosa. A escolha de Russo foi decisão da diretoria da Ala da Bateria, presidida por Gérson, e referendada pelo presidente Elmo José dos Santos. Russo vai substituir Alcir Explosão, que morreu pouco depois do carnaval do ano passado.

Russo está ligado ao ritmo e à percussão desde os cinco anos de idade, quando desfilou pela



primeira vez no Bloco Carnavalesco Balanço da Mangueira tocando caixa de guerra. Ele aprendeu a arte com dois amigos e conselheiros - Limão e Fernandinho, este sobrinho do falecido "Mestre" Waldomiro, o "mestre dos mestres", segundo definição do próprio Russo. Waldomiro foi o diretor de bateria da Mangueira por 54 anos, desde a fundação do grêmio, em 1929, até morrer, em 1983. O sucessor dele foi Ailton Jarbas Ferreira, o "Ximbico".

Waldomiro Thomé Pimenta, verdadeiro "guru" dessa moçada toda, fez parte do Bloco dos Arengueiros, a semente da Estação Primeira, um dos grandes amigos que teve na bateria da Mangueira foi Homero José dos Santos, o "Tingüinha", excelente no domínio do tarol e zeloso no trato com o segmento da escola que garantia a vibração dos componentes e segurava o ritmo para Jamelão soltar a voz cantando o samba-enredo. Foi o cuidado do "seu" Tingüinha com a bateria que proporcionou a definitiva organização da ala a partir de 1959, ano da fundação da "Ala da Bateria" com diretoria própria.

- Sempre tivemos uma boa bateria, mas por muitos anos desfilamos com roupas desarrumadas. A gente via os ritmistas da Portela e do Império Serrano sempre bem fantasiados e nós, da Mangueira, com roupas que não eram compatíveis com nossa qualidade - lembra "seu" Tingüinha. Por isso criamos uma diretoria própria da Ala da Bateria e naquele mesmo carnaval entramos na avenida com 85 ritmistas de terno, chapéu, sapatos, meia e um emblema da Mangueira pendurado no braço. Tudo muito bonito e arrumado, em verde-e-rosa. Desfilamos alinhados - avalia o Baluarte mangueirense.

Tingüinha no tarol, Waldomiro no comando e Cartola orientando - foi ele quem ensinou Waldomiro a encourar as peças, especialmente os

tamborins com couro de gato preso por tachinhas nas antigas estruturas de madeira.

Com um trio desses não podia dar zebra. Em 1959, com a bateria estruturada, a Mangueira ficou em terceiro lugar. Em 1960, com "Carnaval de Todos os Tempos", e 1961, com "Recordações do Rio Antigo", e dois sambas de Hélio Turco, Pelado e Cícero, a Mangueira foi bicampeã. Os ensinamentos de Cartola a Waldomiro foram passados aos jovens discípulos, entre os quais Russo e Ximbico, o "mestre" que o sucederia no desfile de 1984 que a Mangueira ganhou - o desfile de inauguração do sambódromo, quando a escola deu meia volta na Apoteose e retornou pela Marquês de Sapucaí em direção à Avenida Presidente Vargas.

Russo assume a bateria da Mangueira aos 35 anos de idade, 30 anos depois dos primeiros passos no bloco Balanço da Mangueira. Aos 11 anos já tinha o domínio do ritmo. Levado por Fernandinho e Limão, Russo foi para a Bateria Mirim da Mangueira, criada e orientada por Waldomiro. Russo chegou a diretor daquele grupo de meninos ritmistas. Passou depois pela bateria da "Mangueira do Amanhã", de onde saiu para a bateria adulta da Verde-e-Rosa levado pelo falecido Alcir Explosão. Foi o principal auxiliar de Alcir por oito anos, até que chegou a oportunidade de ser o diretor.

Sob o comando de Russo, 320 ritmistas vão garantir a batida tradicional da bateria da Mangueira - uma única marcação, sem resposta do surdo de segunda, criação de Lúcio Pato que "Mestre" Waldomiro tão bem seguiu. Como subdiretores, Russo terá Ailton, Taranta e Zé Campos e como auxiliares Wesley e Marron.

Mangueirense

REI DA NOITE

Antonio Tito

Santiago de Compostela, no Norte da Espanha, ficou para trás em 1966. A cidade é pequena, bonita, turística, tem sol forte no verão e uma ótima paella. Mas volta pra lá, só por extrema necessidade. O "Cidadão Honorário do Rio de Janeiro" Francisco Recarey, de 56 anos, garante que escolheu "a cidade certa para viver" e é aqui que pretende ficar até os últimos dias de vida.

Recarey revela algumas das suas grandes paixões cariocas: o bairro do Leblon, a Avenida Vieira Souto, onde mora, a vista panorâmica de São Conrado e da Praia do Pepino, a arquitetura do Palácio do Catete, sede do Governo da República até a construção de Brasília, e, principalmente, a Mangueira, a Escola de Samba que conheceu em 1968 e da qual nunca mais se afastou. Recarey, juntamente com Walter Pinto e Carlos Machado, chegou a ser enredo da Verde-e-Rosa em 1988 no "Trinca de Reis" - orgulho particular do "dono da noite" carioca do momento.

- Tenho a certeza de que fui o único estrangeiro, e estrangeiro em vida, a ser homenageado por uma Escola de Samba, e uma Escola de Samba como a Mangueira, a maior e mais popular do Brasil. Ser enredo já é importante para qualquer um. Imagine ser enredo da Mangueira. É a glória suprema - derrama-se Recarey, com uma gostosa gargalhada.

Recarey não é apenas um componente que está sempre presente nas festividades e ensaios da Mangueira. Ele está sempre pronto a colaborar com a escola e considera a atual Diretoria "uma coisa diferente" das outras com as quais dialogou.

- A Diretoria do Elmo joga limpo e atua de forma transparente. É uma Diretoria popular mas muito cuidadosa e atenta. A quadra de ensaios do Palácio do Samba é a mais bonita do Rio, os ensaios estão sempre cheios, não há qualquer confusão e tudo funciona muito bem porque o trabalho é feito em equipe. Por isso não me furto em colaborar sempre que sou chamado e sempre que tenho condições - diz Recarey.

Chico Recarey lembra de quando chegou ao Rio, aos 13 anos, trazido por um tio que tinha um hotel no bairro do Flamengo, Zona Sul do Rio. Trabalhou lá por apenas três meses porque não gostava do que fazia. Transferiu-se para o Restaurante Palácio de Cristal, na Lapa, onde foi garçom por quase três anos. Dali saiu para vencer na vida como empresário da noite, ao adquirir a Pizzaria Guanabara, no Baixo Leblon. Tinha pouco mais de 16 anos. Em 30 anos de trabalho, acumulou mais de 20 restaurantes, bares e discotecas na cidade.

- Sou paciente e tenaz. Não gosto de perder e por isso estou sempre querendo mais, evitando entrar em pânico quando as coisas não vão bem. Meu trabalho é simples: abro um negócio e procuro um sócio que toque a casa para que tudo corra bem e bonito. Supervisiono pessoalmente ou através dos meus filhos Chiquinho e Marcelo. E numa coisa sou bem claro: exijo padrão de qualidade e seriedade.

Com os negócios que implantou na noite do Rio, Recarey dá emprego a cerca de 3.500 pessoas. "A noite, para mim, constrói mais do que destrói", assegura. E ele prefere em suas casas "o povo da classe média", que considera "mais constante e mais fiel".

Há quase 33 anos no Rio de Janeiro, Francisco Recarey diz que os "maiores privilegiados" da família são os dois filhos - Chiquinho e Marcelo - "porque nasceram no Rio e são cariocas da gema".



Chico Recarey

Antônio Tito é jornalista

Luizinho Drumond,

a nova cara da LIGA.

Altair Baffa

Desde que foi criada, em 1984, a Liga Independente das Escolas de Samba não tinha passado por momentos tão delicados como os que passou para realizar o carnaval deste ano. A avaliação é do Presidente da Liga, Luiz Pacheco Drumond, com a experiência de 25 anos ligado aos desfiles desde que assumiu a presidência da Imperatriz Leopoldinense. Luizinho é um dos fundadores da Liga, onde exerceu os cargos de Tesoureiro nas gestões de Anísio Abrahão David e Ailton Guimarães Jorge e depois Vice-Presidente na gestão do falecido Djalma Arruda. Assumiu ano passado num momento conturbado porque, além da perda do amigo falecido em consequência de um enfarte, teve de enfrentar dois problemas sérios: a exigência da lei do vereador Maurício Azêdo, que determinava o retorno da organização do carnaval para a Riotur, e a decisão da Justiça em favor da Unidos da Ponte, que ganhou o direito de desfilar no Grupo Especial este ano, além de uma indenização milionária capaz de consumir todo o orçamento de adiantamento da Liga às Escolas para início dos trabalhos nos barracões.

Mas o carioca Luizinho Drumond conseguiu, com habilidade e uma boa dose de paciência, obter do Prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, a liberação de R\$ 3 milhões, sem juros nem correção, para que as Escolas pudessem dar início aos trabalhos nos barracões. Isso aconteceu em novembro e o Presidente da Liga só tem palavras de agradecimento e elogio à Presidência da Riotur e à Prefeitura.

- O Prefeito Luiz Paulo Conde e o Presidente da Riotur, Gerard Bourgeaiseau, foram muito elegantes com as Escolas de Samba, não só fazendo o adiantamento de R\$ 3 milhões para serem pagos com os lucros do carnaval, como também pelo fato de em nenhum momento terem feito pressão para que a lei do vereador Maurício Azêdo fosse imediatamente cumprida - avaliou Luizinho Drumond. A Liga está muito tranqüila de que teremos um bom carnaval porque ficou claro que, mesmo passado a organização do desfile para a Prefeitura, permaneceu o respeito e a parceria entre nós. A Prefeitura e a Riotur agiram tão somente para cumprir a lei e uma decisão judicial em favor de uma coirmã, que preferiu os tribunais ao diálogo nas reuniões plenárias da Liga.

Sobre os novos critérios de organização, com a Riotur tendo o poder de indicar o corpo de jurados, Luizinho Drumond também se mostra tranqüilo.

- Desde que assumi, com a morte do Djalma Arruda, procurei imprimir transparência total à administração da Liga. Todos os presidentes das Escolas de Samba podem entrar na minha sala e pedir explicações. Os presidentes me deram uma carta de confiança para acompanhar junto à Riotur a indicação do corpo de jurados. E eu confio plenamente na Riotur quanto a isso. Espero que os jurados sejam felizes na hora de darem suas notas. O importante é não pairar nenhuma dúvida sobre o julgamento da avenida e que ganhe o título aquela que mostrar o melhor carnaval. Eu, pessoalmente, sempre acatei a decisão dos jurados. Perdi o tricampeonato duas vezes, em 1982 e 1996, achando que tinha carnaval para levar o título, mas em nenhum momento coloquei em dúvida a idoneidade dos jurados. Ter idoneidade é fundamental, além de conhecer aquilo que está sendo apresentado na avenida. A minha função na escolha dos jurados deste ano foi justamente essa: ter pessoas que conheçam os quesitos, mas que sejam reconhecidamente idôneas e respeitadas por todos. Errar é humano e todos podem errar, mas dar uma nota premeditada ninguém aceita.

Nascida a 14 de fevereiro de 1940, em Ramos, na subida da rua Dr. Nogueche, botafoguense fanático, Luizinho fala com segurança sobre os desfiles das Escolas de Samba. Foi ele que, na presidência da Imperatriz Leopoldinense, deu os cinco títulos à escola da Zona da Leopoldina. Foi ele, também, quem construiu e cobriu a quadra da Rua Professor Lacê e que ficou na linha de frente para dar o esquema de organização aos desfiles com a criação da Liga Independente das Escolas de Samba. Por isso, Luizinho Drumond garante que no último carnaval do milênio a Marquês de Sapucaí terá uma "festa inesquecível".

- Teremos um carnaval bonito e brilhante, apesar de todos os problemas que enfrentamos, como nunca tinha acontecido.

No final da entrevista, uma saudação ao Presidente da Mangueira, Elmo José dos Santos:

- O Elmo foi maravilhoso para a Mangueira, não só por ter unido a Escola como também Ter-lhe dado uma administração muito dinâmica. Por isso ele tirou boas colocações em dois carnavais e terminou o primeiro mandato sendo campeão. Ele sempre teve um comportamento elegante na Liga e apoiou os projetos apresentados com muita coerência.

Luizinho Drumond é candidato à reeleição na Liga nas eleições marcadas para abril e deve ganhar novo mandato sem qualquer problema.



Luizinho com sua filha Cátia Drumond em festa da Liga

ANÍSIO:

“A Liga veio para ficar”

Altair Baffa

A Liga das Escolas de Samba foi fundada em 24 de julho de 1984 num movimento sem precedentes de um grupo de sambistas e dez das mais importantes agremiações que queriam imprimir neste “Século do Samba” uma verdadeira revolução em tudo aquilo que existia em matéria de desfiles. A idéia era montar uma festa bem organizada, com horários rígidos de começo e fim, tempo de desfile cronometrado para cada agremiação, conforto para os espectadores e, especialmente, a parceria com as autoridades municipais e empresariais em contratos que rendessem o dinheiro justo e necessário à execução dos enredos pelas Escolas. Os contratos com as emissoras de televisão passaram a ser o primeiro e mais forte elo dessa parceria e passaram a ser feitos bem antes da festa e rendendo um dinheiro jamais imaginado pelos antigos sambistas que comandavam a Associação.

Anísio Abrahão David, 65 anos de idade e mais de 30 de samba, foi uma das cabeças pensantes para a criação da Liga. Era ele quem falava pela Beija-Flor de Nilópolis. Na relação de fundadores, dez agremiações: Estação Primeira de Mangueira, Beija-Flor, Império Serrano, Portela, Mocidade Independente de Padre Miguel, Imperatriz Leopoldinense, Salgueiro, Caprichosos de Pilares, União da Ilha do governador e Unidos de Vila Isabel.



Anísio Abrahão David

MANGUEIRA FOI O BERÇO

Há 30 anos, era mais fácil encontrar Anísio Abrahão David na quadra da Mangueira do que passeando em Nilópolis, a cidade onde sua família nasceu e ele foi criado sempre junto com o falecido irmão Nelson, onde casou e viveu por muito tempo e onde nasceram os primeiros filhos. Anísio era o tipo de mangueirense que fazia questão de, ao lado do amigo e “guru” Djalma dos Santos, promover na velha quadra da rua da Visconde de Niterói, ainda acanhada e descoberta, as festas de aniversário dos filhos, especialmente as do mais velho, o ator Anderson, Miller, hoje com 30 anos de idade.

Foi assim por quase quatro anos, até que Anísio, conhecendo bem de perto a Mangueira e o presidente Djalma dos Santos, seu amigo inseparável, resolveu entrar de cabeça no carnaval. A troca se deu por questões afetivas em relação a Nilópolis, a cidade onde nasceu, e emotivas em relação à Escola de Samba local, a Beija-Flor, que na época circulava pelo segundo grupo da Baixada Fluminense. Anísio pegou o irmão Nelson pelo braço e ambos foram conhecer a estrutura da Beija-Flor. Ficaram tristes com o que viram. A agremiação não tinha sequer

uma quadra em condições de promover os ensaios, não tinha nem boas peças de bateria nem número suficiente para garantir um desfile de qualidade. Enfim, a Beija-Flor de Nilópolis, uma das grandes campeãs do carnaval carioca dos últimos 25 anos, quando pisou pela primeira vez na passarela de desfiles do Rio, saindo da Baixada Fluminense, mudou da água para o vinho.

Por isso, as comemorações deste "Século do Samba" não seriam completas se a "Revista da Mangueira-99" não lembrasse do fato. Até porque, Anísio faz questão de recordar que foi por malandragem de Djalma dos Santos, da Estação Primeira, e o apoio logístico de Amaury Jório, presidente da Imperatriz Leopoldinense, que o sonho se tornou realidade. A explicação é simples: o Regulamento da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro exigia que a escola, para desfilar em solo carioca, deveria ter sede na cidade. Anísio arranhou então com Amaury Jório uma quadra pequena no bairro de Ramos, Zona da Leopoldina, onde fazia alguns ensaios. A quadra de verdade já estava sendo projetada para Nilópolis e lá eram feitas as "festas de verdade, de arromba", como o próprio Anísio define.

A Beija-Flor veio para o Rio em 1973. Desfilou no então Primeiro Grupo carioca até 74 quando caiu. Voltou em 76 para ganhar seu primeiro título no Rio de Janeiro com o tema "Sonhar Com Rei Dá Leão", enredo de Joãozinho Trinta que havia deixado o Salgueiro e estreava na Beija-Flor. Com roupas bonitas e muita ousadia em relação às rivais, a Azul-e-Branco de Nilópolis foi tricampeã ao conquistar também os carnavais de 77 e 78. Um show sem qualquer reclamação.

Na verdade, o enredo do primeiro título seria sobre Natal da Portela, idéia do próprio Anísio, mas Joãozinho alegou que tinha um tema pronto no qual poderia incluir Natal. Afinal, era um sonho e uma incursão no jogo do bicho.

De 1976 para cá, passaram-se 23 anos, a Beija-Flor foi campeã seis vezes e nesse período só não voltou para o desfile das campeãs uma única vez. Anísio fala disso com orgulho. "A nossa Escola passou a ser respeitada como Escola de ponta, como Escola que todo ano entra na passarela para disputar o título e não apenas para participar. E devo tudo que aprendi em 35 anos de carnaval ao Djalma dos Santos, o **Djalma Preto** da Mangueira".

Nascido a 7 de junho de 1935, esse geminiano gosta de lembrar de uma outra conquista da qual participou ativamente: a criação da Liga Independente das Escolas de Samba – LIESA -, em 1983, projeto das dez principais Escolas de Samba do Rio que já não aceitavam os métodos de direção da Associação. Anísio analisa:

- Nós queríamos a independência e a modernização dos desfiles mas não conseguíamos nada nas reuniões da Associação porque eram 44 agremiações e nós éramos só dez votos. Por isso resolvemos criar a Liga e o carnaval passou a ser profissional, com hora certa para começar e acabar, com televisão pagando o preço justo pela grandeza do espetáculo, com as escolas recebendo parcelas boas em dinheiro e a Liga dirigindo o espetáculo em parceria com a Riotur.

A decisão de criar a Liga foi tomada logo depois do carnaval de 84. Foram muitas reuniões até que, cumpridas todas as exigências legais para formação da entidade, foi eleito por aclamação o primeiro presidente, o falecido Castor de Andrade, que em oito meses de intensa atividade com sua diretoria colocou o bloco, ou melhor, o carnaval na rua com grande sucesso.

O carnaval de 84 foi ganho pela Mangueira. O de 85 pela Mocidade. Logo em seguida, Anísio Abrahão David assumiu a presidência e dirigiu os dois próximos desfiles. E promoveu mais uma novidade: a indicação de um corpo de 60 jurados para escolher por sorteio 40. E mais: das cinco notas a serem dadas para cada quesito, duas delas seriam eliminadas – uma maior e uma menor – "para evitar aberrações", segundo Anísio, pedindo o aval do historiador e pesquisador Hiram Araújo, na época seu assessor.

Anísio também criou as cadeiras entre os setores de arquibancadas, um meio termo entre os preços dos camarotes e das arquibancadas, com conforto e bastante arejado. Mais tarde surgiram as frisas, coladas ao gradil do setor ímpar do Sambódromo.

O coração mangueirense de Anísio Abrahão David já não bate tão forte como há 30 anos. É natural. Mas ele não esquece do desfile da Verde-e-Rosa de 1973 com o enredo "Lendas do Abaeté", cujo samba de Jajá, Preto Rico e Manoel ele canta até hoje.

Sobre a Beija-Flor, ele não entende até hoje a decisão da Igreja de proibir a imagem do Cristo no desfile de "Ratos e Urubus" de 1989, para Anísio "o maior enredo do carnaval carioca de todos os tempos". Orgulhoso, ele confessa:

- Na minha opinião, com todo respeito às demais Escolas, não haverá outro enredo tão criativo e tão ousado como "Ratos e Urubus". Se houver outro, pode empatar com o nosso. Melhor não teve, nesses 30 anos em que estou metido com o carnaval. E, modéstia à parte, a ousadia de sugerir esse enredo foi minha. Quando disse à minha Diretoria e ao próprio Joãozinho Trinta que queria esse tema, foi uma surpresa geral. Teve diretor que me disse que não desfilaria com "Ratos e Urubus" e não desfilou mesmo. E só perdemos na pressão, porque em matéria de carnaval foi uma maravilha, um divisor de águas nos desfiles das Escolas de Samba.

PROJETO Oficinas Profissionalizantes

As Oficinas Profissionalizantes foram projetadas através de um antigo sonho do Presidente Elmo e sua esposa, ambos nascidos e criados na Comunidade da Mangueira.

Sem se conhecerem, já sonhavam separadamente um dia ver sua comunidade crescer, conquistar espaços, se fortalecer e se fazer respeitar.

Muitos anos se passaram e o sonho foi alimentado até que se encontraram e unidos por um sentimento muito forte, se comprometeram tornar o sonho realidade.

Assim depois de muitos esforços para encontrar parceiros no dia 08 de dezembro de 1998, foram inaugurada as Oficinas Profissionalizantes do Projeto Social da Mangueira.

Num compromisso de fazer funcionar inicialmente 20 (vinte) Oficinas, no dia da inauguração a Comunidade foi presenteada com 26 (vinte e seis) cursos que permitem aos alunos depois de formados, exercerem as profissões liberalmente, sem necessariamente terem vínculo empregatício com empresas.

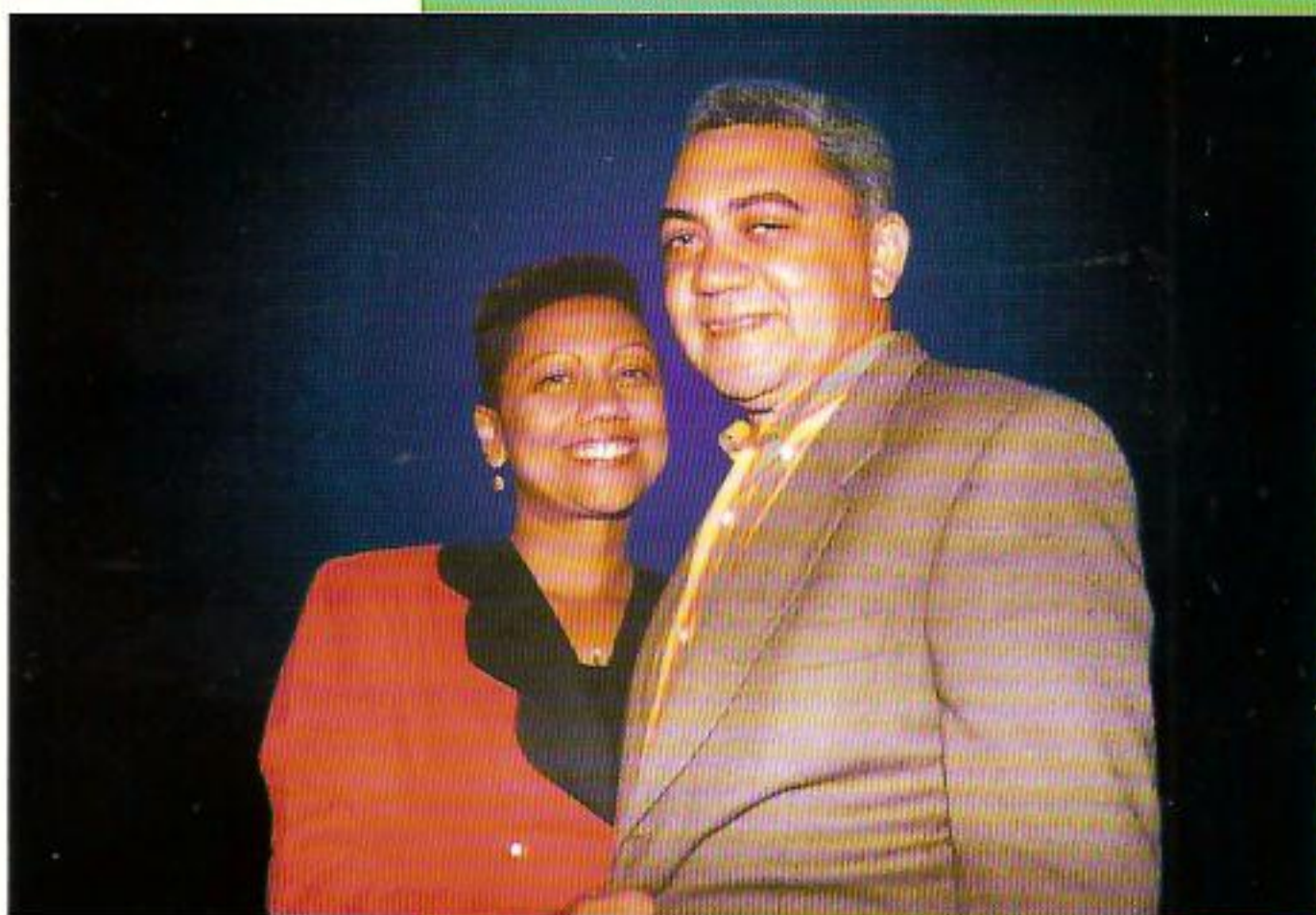
Ao término de algumas Oficinas, os alunos além de terem seus estágios garantidos, recebem como incentivo um kit profissional que os ajudam a iniciar suas atividades.

A parceria com a Petrobrás foi fundamental. A Empresa reformou todos os camarotes do Palácio do Samba - O Centro Cultural Mangueira - Petrobrás -, onde funcionam algumas Oficinas.

O próximo passo foi procurar parcerias para os cursos, o que não foi muito difícil devido ao crédito Sócio Cultural que a Mangueira vem conquistando.

A aceitação da Comunidade foi imediata, o que deixou a coordenadora do Projeto, Célia Regina, muito entusiasmada.

Os cursos são inteiramente grátis para os usuários. Sua permanência depende da frequência. Todos usam uniformes e assinam



Amor perfeito voltado para a Nação Mangueirense

a ficha de presença. A cobrança é grande, mas é para o bom aproveitamento de todos.

As idades são desde os três anos (Oficinas de Dança) até aquela idade de quem quer crescer e progredir.

Os instrutores são remunerados e ainda recebem juntamente com as crianças das Oficinas de Coral, Passista, Mestre Sala e Porta Bandeira, Instrumentos Diversos e uma cesta básica.

Acreditem: a cesta básica garante a cumplicidade dos pais na fiscalização da frequência das crianças e adolescentes às Oficinas.

As Oficinas que mais se destacam são as de Cabeleireiro, Estética, Aperfeiçoamento do Serviço Doméstico e o Faz Tudo.

Cabeleireiro e Estética (parceria com os Institutos Embeleze e Valmari, respectivamente), são cursos rápidas que dão alternativas de atender a domicílio ou não. Não existe crise para a beleza, senão, quando a crise passar, estaremos mais acabadas.

O aperfeiçoamento do Serviço Doméstico é direcionado àquelas pessoas super importantes que ajudam as que precisam ficar fora de casa o dia inteiro a organizar suas residências.

Nestas oficinas os alunos aprendem desde atender o telefone e a porta, passando pelo uso do uniforme - não de forma discriminatória e sim como cartão de visita e organização -, até culinária completa, inclusive aprendendo a servir.

O interessante desta oficina é como ela é realizada: duas vezes por semana;

1º dia - Palestra: são convidadas personalidades como artistas, políticos, empresários, etc... para dar depoimentos desta relação entre patrão e empregado, ou melhor, desta parceria, pois ambas as partes são dependentes;

2º dia - Aula de Culinária. Isto não seria possível sem a parceria com a Refinações de Milho Brasil que proporciona às alunas uma cozinha semi industrial completa.

Na Oficina do Faz Tudo estão o aprendizado dos Ofícios da Construção Civil. Todos começam aprendendo diversas oficinas como: pedreiro, ladrilheiro, electricista, bombeiro hidráulico, pintor, marceneiro, etc. No final os alunos se definem por uma área específica.

A prova prática final deste curso é a reforma do patrimônio da Comunidade: Igrejas, Postos Médicos, Creches, Escolas, Vila Olímpica e o Grêmio. É a forma infalível de preservar o que foi conquistado.

De parceria com a Bolsa de Mercadorias e futuro - BM&F - é possível ainda proporcionar às alunas um galpão totalmente preparado para prática dos cursos.

As Oficinas de Artes - artesanato, dança, coral, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Passista e Música - são proporcionadas pela parceria com o Leite de Rosas, empresa que já participa dos Projetos da Comunidade há alguns anos.

Oficinas:

- Alfabetização
- Aperfeiçoamento do Serviço da Construção Civil
- Artes Plásticas
- Assistente Doméstico
- Atendente Lojista
- Cabeleireiro
- Cestaria
- Coral
- Depilação
- Estética Corporal
- Estética Facial
- Etiqueta e Comportamento
- Faz Tudo (Pedreiro, pintor, marceneiro, hidráulico, etc...)
- Música
- Passista
- Recepcionista
- Desenho
- Capoeira
- Teatro
- Maquilagem
- Mestre Sala e Porta Bandeira
- Informática
- Dança - Salão
 - Street dance
 - Infantil
 - Passista



Célia Regina, ao centro, com a equipe das Oficinas Profissionalizantes: trabalho de alto alcance social

Empresas Parceiras:

- BM&F
- Colégio Monteiro Barbosa
- Embeleze
- Leite de Rosas
- Petrobrás
- Pluma
- Refinações de Milho Brasil
- Sintraconst - Rio
- Valmari Dermocosméticos

Enfim. O Sonho se tornou realidade.

Célia Regina Domingues, Coordenadora do Projeto Oficinas Profissionalizantes da Mangueira, é formada em Administração de Empresas e Português e Literatura. É Presidente da Associação de Mulheres Empresárias do Brasil, seção Rio de Janeiro, e Vice-Presidente Social da Mangueira.

Por que anunciar na Revista da Mangueira?

Porque a Mangueira é a Escola de Samba mais popular do Brasil. A paixão pelo Verde-e-Rosa da Estação Primeira atinge 48% da população brasileira.

A sua empresa não pode desprezar um público consumidor desse porte.

A Revista da Mangueira do primeiro carnaval do Terceiro Milênio, no Ano 2000, aguarda pelo anúncio da sua empresa.

Este espaço está em branco esperando por você.
Procure o Depto. de Marketing da Mangueira.

Rua Frederico Silva, 81

Centro - Rio de Janeiro

Tel: (021) 221-5414

HOMEPAGE: www.mangueira.com.br

E-MAIL: info@mangueira.com.br

Este espaço merece ser seu

Na edição histórica do ano 2000.

Já temos parceria com 62 das mais

Importantes empresas do Brasil em

26 projetos sociais e profissionalizantes.

Seja também nosso parceiro.

A Mangueira é paixão ! A Mangueira é amor !

A Mangueira é esperança !

Grupos de Mangueira

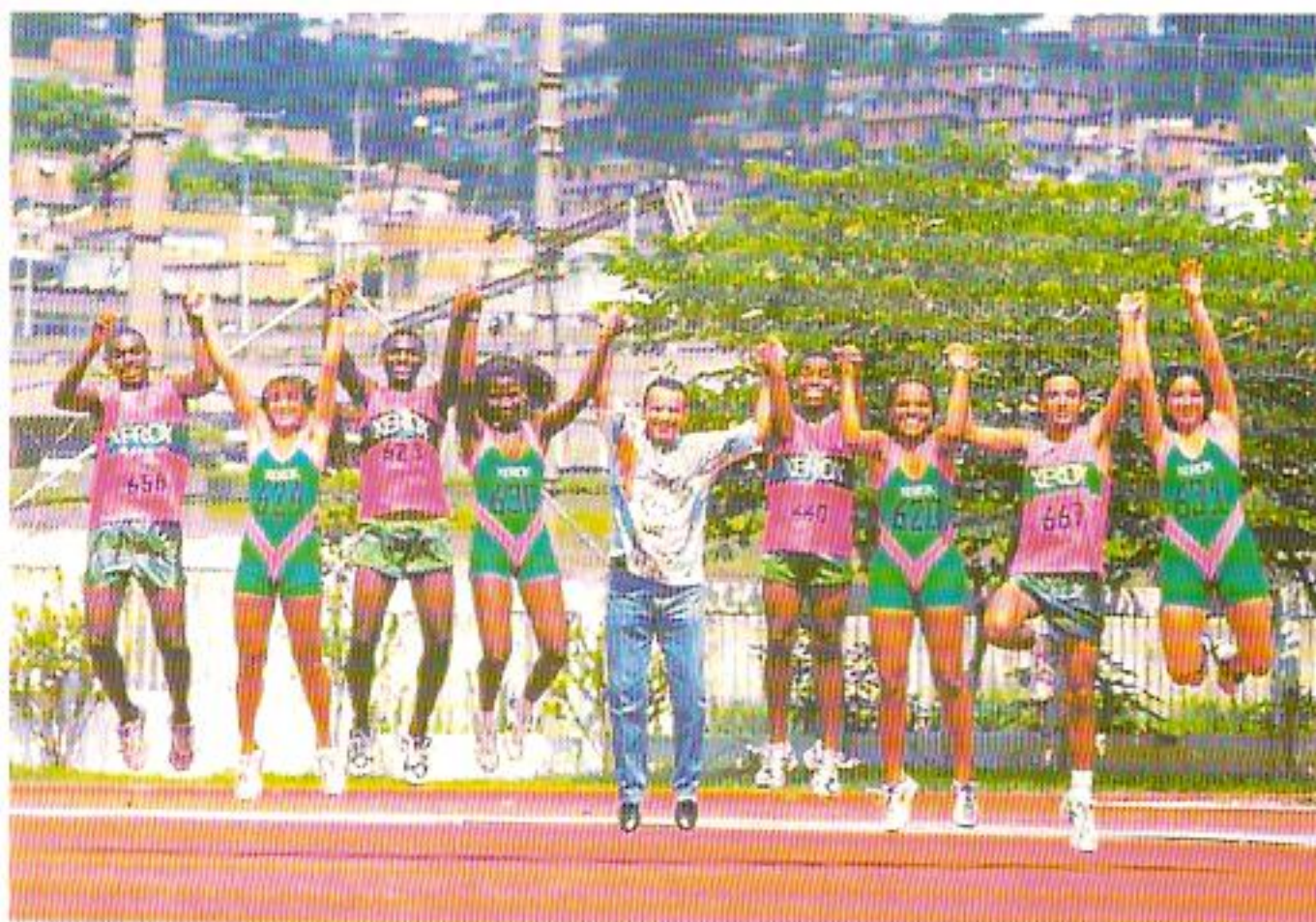
Rua Visconde de Niterói, 1.072 - Rio de Janeiro

Cep 22.231 - 080 - Tel: (021) 567-4637

HOMEPAGE: www.mangueira.com.br

E-MAIL: info@mangueira.com.br

Vila Olímpica, Vila do Amor e da Esperança



Chiquinho comanda a Vila Olímpica com alegria

Em 35 mil metros quadrados de um antigo depósito da Rede Ferroviária, a Mangueira construiu um exemplo de cidadania para o Brasil e o Mundo. O atestado a nível nacional foi passado pelo Juizado da Infância e da Adolescência ao reconhecer na Mangueira a comunidade com o maior índice de escolaridade e o menor índice de crianças infratoras entre todos os morros e favelas do Rio. O Jornal do Brasil, em pesquisa recente, apontou o CIEP instalado na Vila Olímpica como a melhor escola pública do Estado. A nível internacional, a BBC de Londres reconheceu que a Mangueira abriga o melhor projeto sociocultural dos países em desenvolvimento, fato comprovado pessoalmente pelo Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton.

O Programa Social da Mangueira abriga cerca de 5.000 crianças e adolescentes oferecendo postos de saúde, piscina, computadores, biblioteca e ginásio com padrão de primeiro mundo. A Mangueira dá um exemplo inequívoco de que com esforço, dedicação e seriedade pode-se promover o respeito pelas classes menos favorecidas da sociedade, garantido-lhes o exercício da cidadania.

O presidente Bill Clinton, quebrando o protocolo durante sua visita, foi solene ao dizer que a Vila Olímpica era um exemplo e sugeriu que o ideal para todas as crianças brasileiras e do continente americano em geral seria ter as mesmas oportunidades oferecidas pela Mangueira. O projeto está entrando em seu décimo-segundo ano. Ele começou a ser idealizado em 1987 pelo então presidente Carlos Dória. A execução coube ao professor Francisco de Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, um mangueirense de 34 anos que acaba de assumir a Presidência da Suderj no Governo de Anthony Garotinho. Administrador dedicado e exemplar, a primeira providência de Chiquinho em seu novo desafio foi abrir ao povo as gerais do Maracanã numa festa do Fla-Flu de 20 de janeiro, dia de São Sebastião, Padroeiro da Cidade, para 95 mil espectadores e animada pela bateria nota 1000 da Estação Primeira de Mangueira.

No início do desafio na Mangueira, as aulas de educação física e esportes eram dadas na rua, embaixo do Viaduto Cartola, para cerca de 120 crianças e adolescentes. Nessa fase, dois mangueirenses foram fundamentais: tia Alice e Agrinaldo Sant'Anna. Tia Alice, grande atleta, tornou-se símbolo e exemplo para a meninada mangueirense.

A primeira batalha foi buscar recursos para garantir a execução do projeto. Surgiu então a Xerox do Brasil, que se encantou pelo trabalho. A segunda tarefa era encontrar um terreno adequado para as obras das instalações olímpicas. Surgiu então o terreno da Rede Ferroviária Federal, cedido à Mangueira. Ao mesmo tempo, Tia Alice criou o Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro - o Camp-Mangueira. A Marrom Alcione entrou no circuito e fundou a Escola de Samba Mangueira do Amanhã. Em 1989, com o projeto a pleno vapor, a meninada ganhou um Posto de Saúde na Vila Olímpica. Em 1993, o Programa Social da Mangueira estava solidificado e a BBC de Londres deu-lhe o primeiro reconhecimento internacional de Melhor Projeto Social da América do Sul.

A Mangueira é pentacampeã de atletismo e está ambicionando formar atletas de nível internacional para mandar às Olimpíadas de Sidney no ano 2000. Nesses 12 anos de trabalho, o projeto atendeu a mais de 30 mil crianças e adolescentes da comunidade, fazendo crescer o índice de escolaridade na área de 40 para 95% - um fenômeno regado a trabalho, dignidade e dedicação. O Projeto Social da Mangueira tem um custo anual de R\$ 2 milhões que são divididos entre mais de uma dezena de empresas.

A única exigência que o projeto faz é que a criança ou adolescente esteja estudando. Estudar é primordial. Estudar e ter boas notas. Os boletins escolares são rigorosamente analisados pelos professores das diversas áreas. Além dos estudos, o projeto cobra o comportamento social e isso é fácil de comprovar vendo as paredes da Vila Olímpica. Não há pichações, não há sujeira no chão, não há rabiscos nos banheiros.

Outro exemplo desse projeto magnífico é o Ciep Nação Mangueirense. Ele é o único do Estado do Rio de Janeiro a ter crianças e adolescentes estudando em tempo integral. A exigência da limpeza e dos bons modos é garantida pelo fato de uma turma receber um kit de limpeza e ser obrigada a entregar a sua sala de aula para a outra turma sem papéis no chão e sujeira.

O Juiz Siro Darlan de Oliveira, da Primeira Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro, avalia que o sucesso do Projeto Social da Mangueira reside na sua representatividade perante o morro e na autenticidade das soluções que foram postas em prática ao longo desses quase 12 anos. E é bom frisar que esse projeto não foi importado. É coisa genuinamente brasileira, como o samba que a Mangueira homenageia no enredo deste carnaval.

A próxima meta do professor Francisco de Carvalho é obter parceria para o "Projeto de Saúde" com a construção de uma faculdade com aulas noturnas oferecendo cursos de serviço social e formação de professores inteiramente gratuitos.

Como disse o Presidente Elmo José dos Santos, em seu artigo de abertura desta Revista Mangueira-99, a Vila Olímpica é um orgulho para a Nação Mangueirense e a certeza de que as futuras gerações não enfrentarão os problemas de discriminação que ele enfrentou na infância pobre no Morro de Mangueira, onde nasceu e se criou.

A meninada tem todo o conforto nos vestiários





Carnaval mesmo é o que Dona Neuma e Dona Zica fazem cada vez que vêem seus meninos vencendo na vida.

Dona Neuma, Dona Zica, Jamelão, Néelson Sargento, Carlos Cachaca... Quem deu duro para fazer da Verde e Rosa a mais querida não iria suportar ver toda essa garotada nova se perdendo sem educação e sem trabalho. Por isso, desde 1987, a Xerox e a Mangueira trabalham em parceria num projeto que tem sido decisivo para a formação do caráter e integração comunitária de milhares de crianças: Projeto Olímpico Mangueira/Xerox, que além de despertar novos valores também incentiva a frequência escolar. Outro projeto muito bem-sucedido é o CAMP Mangueira, que orienta, pessoal e profissionalmente, e facilita a entrada dos jovens da comunidade no mercado de trabalho. Nada disto é feito por obrigação, mas pelo puro prazer de ver no desenvolvimento de milhares de crianças e adolescentes a continuidade de uma tradição de vitórias que vão muito além do carnaval e do samba. No que depender da Xerox, a alegria de Dona Neuma e Dona Zica não vai ter nunca quarta-feira de cinzas.

XEROX

“O Século do Samba”

“THE SAMBA CENTURY”

The 20th century was the century of creation since never before had the human knowledge jumped so much in such a short space of time. The great world superpowers celebrated their great deeds and great inventions. What about Brazil? What did Brazil create in the 20th century? Which Brazilian invention crossed our frontiers in this ending century?

Brazil was outstanding in football, but it wasn't the inventor of this game. Oscar Niemeyer was honoured worldwide, but wasn't the creator of modern architecture. Even 14 BIS, a creation of Santos Dumont, whom we call “The Father of Aviation”, is contested in many countries as “the first heavier than air” to fly.

But no one doubts that samba is a Brazilian creation, genuinely Brazilian, for when Brazilians created it they printed their mark on it. Before the world Brazil has a face, and this face is samba. Samba is the symbol-product of Brazilian people's musical vocation and creating talent.

Since the recording of “Pelo Telefone” by Donga and Mauro de Almeida, in 1917, up today, samba has developed and crossed decades diversifying itself and revealing great artists. Many of these have become known through the Schools of Samba, another great Brazilian invention. It is the Schools of Samba which promote the biggest popular party in the planet!

Thousands of samba composers have written millions of samba songs in the 20th century. No one will ever be able to know the exact number. The only thing we can be sure of is that today samba is known and admired all over the world. Samba has put Brazil in the world map, therefore, it's not wrong to say that samba is the most important Brazilian creation in the 20th century.

Thus it's quite natural that a fair, well-timed tribute is paid to samba by us - samba composers of all genders - at the end of the 20th century. And it could only be Mangueira the one to do it. After all, Mangueira has always been tied together by a strong umbilical cord that keeps the roots of samba and carnival alive. Through the theme “The Samba Century” Mangueira acclaims the rhythm that has taken us to an outstanding place in the international scenery.

It is the story of samba that we are going to tell in the last Carnival before the turning to the Third Millennium. It's the World of Samba together in the parade of our “Green and Rose”. In this universe Mangueira shines like the sun and its “surdo” (kind of drum) is the King Star that irradiates samba and lights up its poet's imagination.

Go ahead brave Mangueira, that's the time! Turn samba into a feeling of love and gratitude, cross the time tunnel for love is going to embrace you and let's plant the seed of the new century so that samba be always samba. It's the century that goes, it's Mangueira that comes in a trip that leaves The First Station to the infinity.

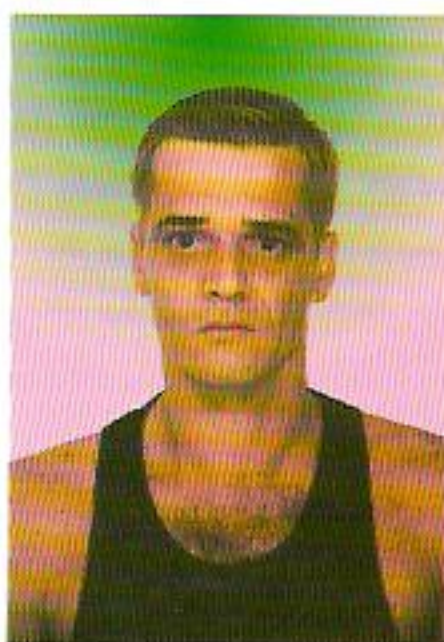
Mangueira is nature itself, eternally young like wine and samba is like Fenix that revives from its ashes and builds its nest in Mangueira.

Ana Paula de Almeida Soutto Mayor - Vice Diretora do CAP - UFRJ, e
Tânia Peçanha de Paula - Diretora do SINPRO RJ

“O Século do Samba”

*Como será,
Daqui para o ano dois mil?
Como será,
O nosso querido Brasil?
Como será,
O morro sem os barracões?
Como será,
O Rio sem as tradições?*

*Será que no ano dois mil,
As Escolas de Samba
Irão desfilar?
Será que haverá carnaval,
Será?...
Daqui para o ano dois mil
Só Deus sabe como será
E o povo do nosso Brasil
Verá...”*



Alexandre Louzada, carnavalesco.

em todo o mundo, o samba é conhecido e admirado. O samba colocou o Brasil no “mapa-mundi” e por isso não há erro em afirmar que o samba é a criação brasileira mais importante do Século XX.

Nada mais natural, portanto, que o samba receba de nós, sambistas de todos os gêneros, uma justa e oportuna homenagem neste final de século. E não poderia ser outra, senão a Mangueira, a fazê-la. Afinal a Mangueira sempre esteve unida por um forte cordão umbilical que mantém as raízes do samba e do carnaval. Através do enredo “O Século do Samba”, a Mangueira vem consagrar o ritmo que nos ungiu, como povo, em lugar de destaque no cenário internacional.

É a história do samba no Século XX que vamos contar no último carnaval antes da Virada para o Terceiro Milênio. É o mundo do Samba reunido no desfile da nossa Verde-e-Rosa. Nesse universo, a Mangueira reluz como o Sol e seu surdo coroado é o Astro-Rei que irradia o samba e ilumina a imaginação de seus poetas.

O samba, ninguém põe em dúvida, é criação brasileira, genuinamente brasileira, porque ao criá-lo o brasileiro imprimiu sua marca. Perante o mundo, o Brasil tem uma cara e essa cara é o samba. O samba é o produto-símbolo da vocação musical e do talento criador do povo brasileiro.

Muitos sambas foram lançados através das Escolas de Samba - outra grande invenção brasileira -, que realizam, anualmente, o maior espetáculo da terra.

Ah! os sambistas!

Gênios imortais, vasculharam a alma brasileira e o conjunto da obra deles talvez seja o mais notável, o mais arguto e o mais criativo acervo de ensinamentos a respeito da espécie humana. Milhares desses seres superiores - os sambistas -, criaram milhões de sambas no Século XX - nunca ninguém saberá o número certo. Certeza, mesmo, é a de que hoje o samba é conhecido e admirado. Por isso não há erro em afirmar que o samba é a criação brasileira mais importante do Século XX.

Nada mais natural, portanto, que o samba receba da Estação Primeira de Mangueira uma justa e oportuna homenagem neste final de século. Não poderia ser outra Escola de Samba a fazer esta homenagem. Sá a Mangueira, que sempre esteve unida por um forte cordão umbilical com as raízes do samba e do carnaval. Através deste enredo, a Mangueira vem consagrar aquele que nos ungiu como povo em lugar de destaque no cenário internacional.

Avante Mangueira valente, sempre em frente, este é o momento, faz do samba o sentimento de amor e gratidão, atravessa o túnel do tempo que o futuro vai te abraçar e o novo século, a sua semente, vamos juntos plantar para que o samba seja sempre samba. É o século que vai, é a Mangueira que vem, numa viagem que sai da Estação Primeira para o infinito além. Mangueira é a própria natureza, eternamente jovem como o vinho e o samba é como Fênix, que das cinzas renasce e faz na Mangueira o seu ninho.

Estas perguntas foram feitas nos versos de um samba de Padeirinho, um dos grandes poetas da Estação Primeira.

Assim como o Século XIV foi o “Século do Renascimento”, pela intolerância da Inquisição e o surgimento do Humanismo, e o Século XVIII foi o da Libertação, a partir da Revolução Francesa, o Século XX foi o “Século da Criação”, pois nunca antes o conhecimento humano dera saltos tão notáveis em tão curto espaço de tempo. As grandes potências celebraram seus feitos e invenções. E o Brasil? O que o Brasil criou no Século XX? Qual a invenção brasileira que atravessou fronteiras neste Século que está por terminar?

O Brasil se destacou no futebol mas não foi o inventor dele. Oscar Niemeyer foi reverenciado no mundo inteiro mas não foi o inventor da arquitetura moderna. Nos campos da literatura, da ciência, da tecnologia e das artes, o Brasil nada criou que causasse impacto sobre o resto do mundo. Até mesmo Santos Dumont foi contestado como o “Pai da Aviação”. Ninguém pode duvidar, porém, que o Século XX o Brasil inventou o samba e com ele imprimiu sua marca. Perante o mundo, o Brasil tem uma cara e essa cara é o nosso samba. O samba é o produto-símbolo da vocação musical e do talento criador do povo brasileiro.

Desde a gravação de “Pelo Telefone”, de Donga e Mauro de Almeida, em 1917, até os dias de hoje, o samba vem evoluindo e atravessou décadas diversificando-se e revelando grandes artistas, muitos deles lançados através das Escolas de Samba, outra grande invenção brasileira. São as Escolas de Samba que realizam, anualmente, o maior espetáculo popular do planeta!

Milhares de sambistas criaram milhões de sambas no Século XX. Nunca ninguém saberá o número ao certo. Certeza, mesmo, é a de que hoje,

Samba e Roteiro do Carnaval de 1999

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

Carnaval de 1999: "O Século do Samba"

Autores: Adalberto, Jocelino e Jerônimo

"O rufar do seu tambor"

Anunciou a Verde e Rosa

Que canta o Século do Samba

Canta os bambas em verso e prosa

"Pelo Telefone"

Vai buscar quem foi pra longe

Pra matar minha saudade

Recorda a Praça Onze em poesia

"Deixa Falar" a nostalgia.

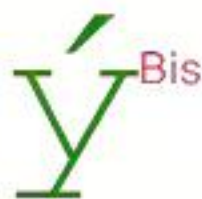
O morro "desce a ladeira" pra cidade

Sinhô, Ismael, Pixinguinha

Cartola, Noel, Candeia...

Ecoa no céu, Mangueira

Traz todo samba pra Estação Primeira



É orgulho, é religião,

Em meigas faces tradição

Jeito moleque mostra em breque,

No amor, então, se faz canção

Partido alto em fundo de quintal

Silas poeta do meu carnaval.

Mangueira, hoje o povo todo aclama

Nossa majestade, o samba.

O "mundo é um eterno moinho"

Meu berço, "Folhas Secas" vão caindo

As novas vão crescer em seu caminho

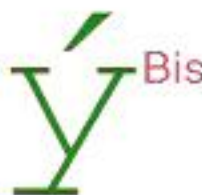
A manga brota em flor sem ter espinho.

No batuque, no pagode

Avante Mangueira

"Teu cenário é uma beleza",

Tua voz uma bandeira!





MUNDUS



ESTRUTURANDO

O CARNAVAL

DO RIO

Rua Teófilo Otoni, 63 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro
Tel/Fax: (021) 233-5000

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR

“A INVENÇÃO DO SAMBA”

Responsável: MOACYR BARRETO

Harmonia: SEU NEGO

Compositores:

PRESIDENTE

ELMO JOSÉ DOS SANTOS e Sr^a. CÉLIA REGINA

APOIO
AVELINO
PACHECO

COMISSÃO DE FRENTE
CARLINHOS DE JESUS

CARRO Nº 1

“ABRE ALAS - O SÉCULO DO SAMBA”

DESTAQUE: “RÉQUIEM PARA TIA CIATA”- TANIA ÍNDIO DO BRASIL
E COMPOSIÇÕES

APOIO
BOHEMIOS

Figurino nº 1 - MASCARADOS: ALA DA COMUNIDADE
Figurino nº 2 - MASCARADOS: ALA DOS FIDALGOS
Figurino nº 3 - CORDÃO: ALA DOS SERESTEIROS
Figurino nº 4 - RANCHO: ALA MARACANÃ E BRASAS
Figurino nº 5 - SOCIEDADES: ALAS AMIGOS DO EMBALO E
VEM COMINGO

CARRO Nº 2

“PRAÇA ONZE” “BERÇO DO SAMBA”

DESTAQUE: “NO VAI E VEM DOS RANCHOS”- BENI (Central)
“ARLEQUIM”- NABIL (Lateral)
“PIERROT”- ARTHUR (Lateral)
E COMPOSIÇÕES

APOIO
BOHEMIOS

- Figurino nº 6 - DEIXA FALAR: ALA COPACABANA
- Figurino nº 7 - ARENQUEIROS E VEM COMO PODE: ALAS DEIXA ISSO PRA LÁ E ESPORTES
- Figurino nº 8 - ESCOLAS DE SAMBA: ALAS BAIANAS E GRANFINAS E EMBAIXADORES
- Figurino nº 9 - CACIQUE DE RAMOS: ALAS REALIDADE E ALTO ASTRAL
- Figurino nº 10 - BAFO DA ONÇA: ALAS AU-AU-AU E SAMBRASA

CARRO Nº 3

“SUBLIME CRIAÇÃO” “ESCOLAS DE SAMBA”

DESTAQUE: “SUBLIME CRIAÇÃO”- CARLOS VICTOR (Central)
“FOLIA CELESTIAL”- EDSON (Lateral)
BATISTA (Lateral)
E COMPOSIÇÕES

2º SETOR

“SAMBA DO PALCO AO ASFALTO”

Responsável: ELIAS RICHA

Harmonia: GENUÍNO

Compositores:

APOIO
SO PARA
QUEM
PODE

- Figurino nº 11 - HERÓIS DA LIBERDADE: ALA CARCARÁ
- Figurino nº 12 - “O MUNDO ENCANTADO DE MONTEIRO LOBATO”- ALA DAS CRIANÇAS
(Meninas - EMÍLIA
Meninos - VISCONDE DE SABUGOSA)
- Figurino nº 13 - OS SERTÕES: ALA DA COMUNIDADE
- Figurino nº 14 - LENDAS E MISTÉRIOS DA AMAZÔNIA: ALA COMIGO NINGUÉM PODE
- Figurino nº 15 - KIZOMBA: ESCOLA

CARRO Nº 4

“SILAS DE OLIVEIRA” “ENREDO DO MEU SAMBA”

DESTAQUE: “MENSAGEIRO DA LIBERDADE” - SANDOBAL (Central)
“DIVINA MÚSICA”- D’STEFANO (Lateral)
“INSPIRAÇÃO”- EDUARDO (Lateral)
E COMPOSIÇÕES

APOIO
SO PARA
QUEM
PODE

- Figurino nº 16 - BELA EPOQUE: VELHA GUARDA
- Figurino nº 17 - PARTIDO ALTO: ALAS ARMA COMIGO QUE VOCÊ SAI E GATINHAS E GATÕES
- Figurino nº 18 - SAMBA CANÇÃO: ALA VENDAVAL
- Figurino nº 19 - SAMBA EXALTAÇÃO: ALAS ELES E ELAS E NÓS SOMOS ASSIM
- Figurino nº 20 - BOSSA NOVA: ALAS HIPPIES E MIL E UMA NOITES

CARRO Nº 5

“ENCONTRO DOS BAMBAS”

DESTAQUE: “AQUARELA DO BRASIL”- BETH (Central)
“EMBAIXADOR DO SAMBA” - ROBERTO DE XANGÔ
“SAMBA CANÇÃO” - DJALMA
E COMPOSIÇÕES

3º SETOR

“O SAMBA ATRAVESSANDO FRONTEIRAS”

Responsável: IRINEU

Harmonia: DILMO

Compositores:

APOIO
SO PARA
QUEM
PODE

- Figurino nº 21 - BAIANA ESTILIZADA E MUCAMO: ALAS DEPOIS EU DIGO E MIMOSAS
- Figurino nº 22 - BAIANA ESTILIZADA E MUCAMO: ALAS ALIADOS E CAPRICHOSAS
- Figurino nº 23 - BAIANA ESTILIZADA E MUCAMO: ALAS IMPOSSÍVEIS E OPÇÃO

CARRO Nº 6

“PASTORAS DIVINAS”

DESTAQUE: “PEQUENA NOTAVÉL”- CELESTE
E COMPOSIÇÕES

APOIO
PERIQUITOS

- Figurino nº 24 - SAMBA NO TÚNEL DO TEMPO: ALAS CHEQUEI E BRASINHAS E BRASÕES
- Figurino nº 25 - PIERROT ESPACIAL: ALA LEVANTA A POEIRA
- Figurino nº 26 - ARLEQUIM SIDERAL: ALAS ARTE E MANHÃ
- Figurino nº 27 - COISINHA TÃO BONITINHA DO PAI - ESCOLA

CARRO Nº 7

“COISINHA TÃO BONITINHA DO PAI”

DESTAQUE: “SAMBA EM MARTE” - ROBERTA
“EXTRATERRESTRE” - FERNANDO - RODRIGO)
E COMPOSIÇÕES

4º SETOR

“MANGUEIRA CELEIRO DE BAMBAS SEMENTE DO SAMBA”

Responsável: EDSON MARCOS

Harmonia: JOÃO CIEP / MELÃO

Compositores:

APOIO
CONSELHO
DELIBERATIVO
E FISCAL

- Figurino nº 28 - AS ROSAS NÃO FALAM: ALA ACAUÃ
- Figurino nº 29 - ALVORADA: BAIANAS TRADICIONAIS
- Figurino nº 30 - FOLHAS SECAS: ALAS MOANA E TROPICANA
- Figurino nº 31 - SAMBA AGONIZA MAS NÃO MORRE: ALA COMUNIDADE

CARRO Nº 8

“ALVORADA”

DESTAQUE: “FENIX” - JOÃO THEODORO
“AS ROSAS NÃO FALAM” - WAGNER
“FOLHAS SECAS” - NILTON
E COMPOSIÇÕES

- Figurino nº 32 - SAMBA NO ANO 2.000: NEUTRO ALA DA BATERIA
- Figurino nº 33 - PASSISTAS: NEUTRO

- 14 Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - Cada casal representa uma Escola de Samba do Grupo Especial. Como representantes da Estação Primeira de Mangueira: DELEGADO (com 77 anos) e TATÁ (com 05 anos)

CARRO DE SOM:

Diretor Responsável: ÁLVARO CAETANO

Violão: CLÓVIS e JOSIMAR

Cavaco: Alex

Percussão: JAGUARA - LULA

Intérpretes: JAMELÃO E LUIZITO

ARTISTAS

ROSEMARY - LECI BRANDÃO - ALCIONE - BETH CARVALHO - GIGI DA MANGUEIRA - TEREZINHA SODRÉ - JAMELÃO - ALEXANDRE PIRES - CARLA PEREZ - LEANDRA LEAL e ARTISTAS CONVIDADOS

DIRETORIA:

CONSELHO DE CARNAVAL:

HARMONIA - livre na pista

- Diretor Geral de Harmonia: XANGÔ
- Deslocamento da Bateria: DILMO e AMAURY
- Concentração: SERGINHO
- Armação: EDINHO
- Dispersão: NILTON, MOACYR e EDUARDO
- 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: MARQUINHOS e GEOVANA
- 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: BIRINHA e ELAINE
- Passistas Masculinos: SERGINHO DO PANDEIRO, GARGALHADA, ÍNDIO, GILSON, MOISÉS e HOMERO
- Passistas Femininos: MÁRCIA, VALÉRIA, ROSE, FABIANA, TÂNIA, JOSY, CAROLINA e ROSEMARY
- Rainha da Bateria: TÂNIA - 1ª Princesa: VALÉRIA - 2ª Princesa: MÁRCIA
- Rainhas e Princesas do "CACIQUE DE RAMOS"
- Rainhas e Princesas do "BAFO DA ONÇA"
- Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - MARQUINHOS e GEOVANA. A roupa da dama representa XICA DA SILVA. A do cavalheiro, JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA.

OBS.: O 1º e 2º Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, a Bateria e os Passistas serão inseridos no decorrer do desfile.

Minister, a gráfica que não atravessa sua impressão.

A Gráfica Minister imprime com qualidade e tecnologia ISO 9002 seus trabalhos, para que eles sejam "Destaque" o ano inteiro. Não atravesse, qualidade, prazo e preço competitivo é com a Gráfica Minister. Imprima aqui seus sucessos!



Tel.:
(021) 580-8040

RUA BELA, 434 - SÃO CRISTÓVÃO - RIO DE JANEIRO - CEP 20930-380 - TEL.: (021) 580-8040 - FAX: (021) 589-5652
HOMEPAGE: <http://www.graficaminister.com.br> - E-MAIL: minister@graficaminister.com.br

BOUTIQUE MANGUEIRA - PRODUTOS EXCLUSIVOS

MANGUEIRA CARNAVAL 99 *



REF:172 R\$ 15,50

SUNGA
TAMANHO: P/M/G/BB



REF:173 R\$ 15,00

BONÉ



REF:175 R\$ 21,50

REGATA



REF:174 R\$ 13,90

SANDÁLIA
TAMANHO: 33 A 43



REF:177 R\$ 5,00

MEIA



REF:176 R\$ 5,00

CHAVEIRO



REF:178 R\$ 21,50

REGATA



REF:179 R\$ 31,50

CAMISA POLO
TAMANHO: P/M/G/BB



REF:180 R\$ 22,50

CAMISA GOLA V

RUA VISCONDE DE NITERÓI, 1072/TEL.: (021) 567-4637
ESCRITÓRIO CENTRAL - TEL.: (021) 221-5414

E-MAIL: info@mangueira.com.br
HOME PAGE: www.mangueira.com.br

Os seguros são todos iguais. A seguradora estabelece as diferenças. Só a Brasilveículos reúne a solidez e a segurança do Banco do Brasil. Faça um seguro Ouroauto, que garante amplas coberturas e assistência 24 horas em todo o país. E depois dirija tranquilo.

DPZ

Dirija
com
segurança.

BRASILVEÍCULOS

BRASILVEÍCULOS

BRASILVEÍCULOS

Ouro AUTO

Central de Atendimento: **0800-231032.**

Disponível no
 **BANCO DO BRASIL**

BRASILVEÍCULOS
A seguradora do Brasil.